



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA-PPGFSC**

RENATA FARIAS DE SOUZA

**O APEGO E AS IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO
DA CONJUGALIDADE**

Salvador
2026

RENATA FARIAS DE SOUZA

**RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS DE APEGO NA INFÂNCIA E AS
IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DA
CONJUGALIDADE**

Dissertação apresentada à Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Programa de Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea

Orientação: Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier
Coorientação: Profa. Dra. Sinara Dantas Neves

Salvador
2026

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSal. Biblioteca Dom Geraldo Majella Agnelo

S729 Souza, Renata Farias de
Relatos das experiências de apego na infância e as implicações
na construção e manutenção da conjugalidade / Renata Farias de
Souza . – Salvador, 2026.
121 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-
Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na
Sociedade Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier.
Coorientadora: Profa. Dra. Sinara Dantas Neves.

1. Teoria do Apego 2. Vínculo 3. Conjugalidade 4. Família

I. Fornasier, Rafael Cerqueira – Orientador II. Neves, Sinara Dantas -
Coorientadora III. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de
Pesquisa e Pós-Graduação IV. Título.

CDU 316.356.2-053.2

TERMO DE APROVAÇÃO


RENATA FARIAS DE SOUZA

O APEGO E AS IMPLICAÇÕES NA CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DA CONJUGALIDADE


Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre (a) em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 27 de março de 2026.

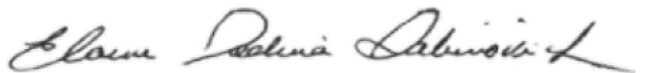
Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **RAFAEL CERQUEIRA FORNASIER**
Data: 29/03/2026 15:40:58-0300
verifique em <https://validar.it.gov.br>


Prof. Dr. Rafael Cerqueira Fornasier (Orientador - UCSAL)

Documento assinado digitalmente
 **SINARA DANTAS NEVES**
Data: 01/04/2026 20:03:59-0300
verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Sinara Dantas Neves (Coorientadora - UCSAL)



Profa. Dra. Elaine Pedreira Rabinovich (Examinadora Interna - UCSAL)

Documento assinado digitalmente
 **ANDREZA MARIA NEVES MANFREDINI TOBIAS**
Data: 30/03/2026 16:13:31-0300
verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Andreza Maria Neves Manfredini (Examinadora Externa - UNITAU)

DEDICATÓRIA

À minha mãe, minha principal figura de apego, que, com amor constante, sensibilidade e presença, construiu em mim as bases de um apego seguro.

Foi em seu cuidado que encontrei acolhimento nos momentos de fragilidade, encorajamento diante dos desafios e a confiança necessária para explorar o mundo com autonomia. Ao mesmo tempo em que fortaleceu nossos laços com afeto e proteção, sempre me ofereceu a liberdade e o apoio para fazer minhas próprias escolhas e construir meu próprio caminho.

Esta conquista é, em grande parte, fruto do vínculo seguro que você semeou em minha história.

Com amor e profunda gratidão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pela força e pela serenidade que me sustentaram ao longo desta caminhada, especialmente nos momentos de maior desafio.

Ao professor **Rafael Fornasier**, meu orientador, pela condução segura, pelo rigor acadêmico, pela disponibilidade e pelas contribuições fundamentais para a construção deste trabalho.

À professora **Sinara Neves**, coorientadora e grande incentivadora desde o início deste percurso, cujo apoio, confiança e encorajamento foram decisivos para que eu ingressasse e persistisse no mestrado. Amiga-irmã, parceira de todas as horas.

À querida **Eurides Hide**, parceira de estudos e amiga que a Psicologia me proporcionou, pelo companheirismo, pelas trocas enriquecedoras e pelo apoio constante ao longo dessa trajetória.

À professora **Elaine Rabinovich**, pelo vasto conhecimento sobre o tema, pela dedicação, pela generosidade intelectual e pelo carinho sempre dispensado, que muito contribuíram para o amadurecimento desta pesquisa.

A todos os professores do programa, pelas reflexões, ensinamentos e inspiração acadêmica.

Aos colegas de turma, pelas trocas, pelo apoio mútuo e pela convivência que tornaram este percurso mais leve e significativo.

À minha família e às pessoas queridas, pela compreensão, pelo incentivo e pelo suporte emocional em todos os momentos. Em especial ao meu “paidrasto” Hélio Bahia (HB) pelo interesse em ler, aprender e ensinar sobre apego e afeto genuínos.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, minha sincera gratidão.

RESUMO

As relações de apego desenvolvidas na infância estabelecem modelos operativos internos que se refletem no comportamento de indivíduo durante toda a vida adulta. Nos relacionamentos futuros o indivíduo utilizará as estratégias apreendidas através do vínculo com as suas figuras de apego e assim, será possível identificá-las ao longo das experiências de seu ciclo vital. Esta pesquisa se dedica, a partir da Teoria do apego de John Bowlby, a compreender como os estilos de apego adquiridos na infância impactam sobre o comportamento dos membros do casal na construção e manutenção da conjugalidade. Para tanto, o pensamento sistêmico contribuirá através de uma análise transversal da teoria do Ciclo Vital Familiar para compreender as transformações normativas que ocorrem com o casal em cada etapa do ciclo. a relação entre o vínculo que foi desenvolvido por cada membro do casal na infância, através das relações parentais e o comportamento desses indivíduos na relação conjugal. O método escolhido para nortear essa pesquisa foi o qualitativo, descritivo correlacional, além da observação interacional de casos múltiplos. A pesquisa versou sobre os resultados obtidos através de entrevistas com três casais, escolhidos por conveniência, identificando características de comportamento a partir dos estilos de apego adquiridos na infância de cada membro do casal. Para o alcance dos resultados esperados, a pesquisa se divide no referencial teórico, onde se apresenta a Teoria do Apego, conceitos de Vínculo, Ciclo Vital Familiar, apego adulto e conjugalidade. Em seguida, o método e procedimentos de pesquisa, descrição dos dados obtidos e por fim, análise desses dados e dos resultados obtidos a partir do referencial teórico apresentado.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria do apego, Vínculo, Conjugalidade, Família.

ABSTRACT

Attachment relationships developed in childhood establish internal working models that are reflected in an individual's behavior throughout adult life. In future relationships, individuals will employ strategies learned through bonds with their attachment figures, making it possible to identify these patterns across experiences throughout their life cycle. This study is grounded in John Bowlby's Attachment Theory and aims to understand how attachment styles acquired in childhood influence the behavior of partners in the construction and maintenance of conjugality. To this end, systems thinking contributes through a cross-sectional analysis based on the Family Life Cycle theory, in order to understand the normative transformations that occur within the couple at each stage of the cycle. The study examines the relationship between the attachment bonds developed by each partner in childhood—through parental relationships—and their behavior within the conjugal relationship. The methodological approach adopted for this research is qualitative, descriptive-correlational, as well as the multiple-case interactional observation approach. The research focused on the results obtained through interviews conducted with three couples, selected by convenience sampling, identifying behavioral characteristics based on the attachment styles developed in childhood by each partner. To achieve the proposed objectives, the study is structured as follows: first, the theoretical framework, which presents Attachment Theory, concepts of bonding, the Family Life Cycle, adult attachment, and conjugality; followed by the research methods and procedures; then, the description of the data obtained; and finally, the analysis of these data and the results derived from the theoretical framework presented.

KEYWORDS: Attachment theory. Bond. Conjugality. Family.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. TEORIA DO APEGO.....	13
2.1 HISTÓRICO.....	15
2.2 ESTILOS DE APEGO.....	20
3. VÍNCULO.....	27
4. CONJUGALIDADE CONTEMPORÂNEA.....	35
4.1 CICLO DE VIDA DA FAMÍLIA.....	38
4.2 RELAÇÕES DE APEGO NA VIDA ADULTA.....	46
4.3 AS RELAÇÕES CONJUGAIS E OS SISTEMAS DE APEGO.....	50
5. MÉTODO.....	58
6. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	62
6.1 ANÁLISE E REFLEXÕES SOBRE ESTILOS DE APEGO E CONJUGALIDADE.....	94
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
8. REFERÊNCIAS.....	113
APÊNDICE A	

1. INTRODUÇÃO

O tema família na contemporaneidade tem oferecido a pesquisadores de interesses diversos amplo espaço de debate, seja no contexto sociológico, filosófico, jurídico, como também no campo da psicologia. Dado o grau de subjetividade em que se dão as relações familiares, analisar os fenômenos da conjugalidade, suas representações e como aspectos da infância e todos os contextos sociais influenciam no comportamento dos cônjuges não é tarefa fácil.

Diante deste contexto, a pesquisa ora pretendida surge em decorrência do grande interesse no aprofundamento das questões que envolvem o casal e como se originam a partir das relações sociais desses indivíduos, principalmente as construídas com seus pais ou tutores ainda na infância.

Para tanto, é necessário buscar referências que norteiem a pesquisa e validem as descobertas encontradas através dela. A Teoria de Apego apresentada por John Bowlby será o principal alicerce desta pesquisa, contudo será importante compreender mais profundamente também os aspectos psicossociais que interferem inclusive nas relações de apego. Desta forma, as bases para esta pesquisa versarão sobre os conceitos da Teoria do Apego e seus estilos a partir das pesquisas desenvolvidas por Bowlby, bem como, para uma compreensão mais aprofundada serão citados outros estudos que contribuem para o alcance do objetivo deste estudo, como as perspectivas do Amor de Erich Fromm e Zygmunt Bauman, da conjugalidade na contemporaneidade discorrida por Terezinha Fêres-Carneiro, Becker e Crepaldi e Sofia Aboim, do ciclo vital familiar apresentado por Cerveny e muitos outros que servirão de lastro à pesquisa.

Os laços afetivos constituem-se o alicerce fundamental das relações humanas, ao longo de todo o ciclo vital. Na interação com os principais cuidadores, as crianças desenvolvem modelos internos dinâmicos e é através de tais modelos que os esquemas precoces afetivos se refletem na personalidade dos indivíduos e exercem influência nas relações futuras, durante toda a sua vida.

Becker e Crepaldi (2022, p.771) apontam que “uma das expressões de continuidade das representações afetivas da família de origem sobre a relação conjugal atual, se manifesta pelas narrativas que destacam como positivo, o modelo parental de casamento observado na infância

[...]”. Desta forma, nos anos iniciais de vida, a reciprocidade dos pais para atender às necessidades do filho deve favorecer o desenvolvimento de um senso de segurança, uma condição de bem-estar e confiança que servirá como base para a exploração do ambiente e do conhecimento.

Refletir sobre o amor e como a família se constitui a partir dele, permite compreender como o amor materno e paterno implicam na construção dos comportamentos de apego da criança, bem como se há repercussões sobre o indivíduo adulto e suas relações. O desenvolvimento do afeto se mostra determinante para a saúde mental e, em contrapartida, quando os sistemas de apego não se formam como esperado, podem estabelecer uma condição patológica.

Quando fala sobre o amor, Bauman (2004) aponta a efemeridade das relações através do que chamou de amor líquido. De outra forma, podemos dizer que as relações de amizade, companheirismo, matrimoniais ou de qualquer outra natureza estão cada vez mais passageiras, substituíveis. Na família contemporânea a parentalidade também apresenta essa efemeridade por conta da rotina exaustiva de trabalho dos casais, o que fragiliza a formação dos laços afetivos entre mãe-bebê e pai-bebê.

Quando Bauman trata da relação entre amor e razão, ele afirma que

a razão e o amor falam línguas diferentes e que não são traduzidas com facilidade; os intercâmbios verbais produzem mais incompreensão e suspeita mútuas do que compreensão e simpatia verdadeiras. A razão e o amor não conversam – quase sempre gritam um com o outro. (2008, p. 20)

A sua análise sobre as influências do contexto sociocultural para compreender as características do amor vai ao encontro da análise de Fères-Carneiro e Neto (2010) sobre o imaginário social e a complexidade das ações psicossociais na contemporaneidade.

No imaginário social, evoca-se a ideia do casal como um par associado por vínculos afetivos e sexuais de base estável, com um forte compromisso de apoio recíproco, com o objetivo de formar uma nova família incluindo, se possível, filhos. A relação conjugal dá-se, portanto, dentro de um contexto sócio-histórico e também familiar no qual o indivíduo, ao se socializar, internaliza pautas de ações psicossociais complexas. (Fères-Carneiro; Neto, 2010, p. 270)

Embasada na importância de compreender essa complexidade identificada por Fères-Carneiro e Neto (2010) e na percepção de Fromm (1958) sobre os impactos do amor materno e paterno na vida adulta, bem como outros estudiosos supracitados, esta pesquisa seguirá se fundamentando através da Teoria do Apego de Bowlby para compreender as implicações sobre os indivíduos adultos e mais especificamente na condição de cônjuges.

Cruz (2005 *apud* Neves, 2020, p. 42) contribui com essa compreensão quando diz que

as emoções parentais foram consideradas uma espécie de barômetro que refletiria a qualidade do ambiente familiar. No qual o afeto parental positivo prediz consistentemente resultados favoráveis de desenvolvimento na criança e no adolescente no futuro, assim como a hostilidade parental está relacionada com resultados desenvolvimentais desfavoráveis.

Os laços afetivos são extremamente representativos na formação dos indivíduos e para as relações humanas. A dinâmica da interação da criança com os seus principais cuidadores modela suas representações mentais sobre si mesmo, sobre o outro e o que esperar das relações. A necessidade humana de estabelecer esses laços afetivos são a base da Teoria do Apego desenvolvida por Bowlby (2002). “É por meio de tais modelos que os esquemas precoces afetivos se refletem na personalidade dos indivíduos e exercem influência nas relações futuras, durante toda a sua vida.” (Dalbem; Dell'Áglio, 2005, p. 15)

Maldonado (2017) afirma que a gestação é a base do vínculo entre toda a teia familiar e o bebê, além de redimensionar a rede de relacionamentos, há a estreia da parentalidade e Macana e Comim (2015, p. 36) complementam quando dizem que “os estilos e as práticas parentais estabelecem o clima de interação entre pais/cuidadores e filhos e configuram a dinâmica familiar que influencia o processo de desenvolvimento na primeira infância.”

Eles apontam que

a efetividade das práticas parentais é determinada pelo contexto emocional no qual elas ocorrem, o que é conhecido como estilo parental. Os estilos parentais constituem um universo mais amplo de atitudes dos pais em relação à criança, criando um clima emocional no qual comportamentos parentais são expressados. (2015, p. 38)

Para Bowlby (2024), o sistema de comportamento de apego é complexo e, com o desenvolvimento da criança, passa a envolver uma habilidade de representação mental, denominada modelo interno de funcionamento, que se refere a representações das experiências da infância relacionadas às percepções do ambiente, de si mesmo e das figuras de apego. Ele

determina como comportamento de apego as ações de uma pessoa para alcançar ou manter proximidade com outro indivíduo, claramente identificado e considerado como mais apto para lidar com o mundo, ainda como uma condição biológica na busca por proteção e segurança. (Bowlby, 1989)

Em seguida, Bowlby (2002; 2004a; 20024b) distinguiu dois tipos de fatores que podem interferir na ativação do sistema de comportamento do apego: aqueles relacionados às condições físicas e temperamentais da criança, e os relacionados às condições do ambiente. A interação desses dois fatores é complexa e depende, de certa forma, da estimulação do sistema de apego e por conseguinte a construção da habilidade de representação mental, que ele vai denominar de modelo interno de funcionamento ou modelo de apego. Este se refere a representações das experiências da infância relacionadas às percepções do ambiente, de si mesmo e das figuras de apego.

Ao final da década de 1980, Hazan e Shaver (1987) propuseram ampliar a Teoria do Apego cujo foco pretendia enfatizar o afeto do bebê humano por seus cuidadores, para estudar o amor romântico e as relações conjugais adultas. Desta forma, a criança constrói um modelo representacional interno de si mesma, dependendo de como foi cuidada. Mais tarde, em sua vida, esse modelo internalizado permite que ela, quando o sentimento é de segurança em relação aos cuidadores, acredite em si própria. Para eles, os relacionamentos amorosos de longo prazo, a exemplo do casamento, funcionam como vínculos de apego na vida adulta.

Cada indivíduo forma um "projeto" interno a partir das primeiras experiências com as figuras de apego e continuam evoluindo lentamente no transcorrer da vida, por isso “as dinâmicas familiares precisam ser entendidas em sua diversidade e complexidade, isto é, elas podem assumir diversas formas e encadeamentos” (Macana; Comim, 2015, p. 40)

Com base no exposto, é possível afirmar que as relações afetivas na infância repercutem no estilo de apego do indivíduo no decorrer do seu ciclo vital, por isso o objetivo desta pesquisa é o de analisar a relação entre o vínculo que foi desenvolvido por cada membro do casal na infância, através das relações parentais e o comportamento desses indivíduos na relação conjugal.

Este tema assim se justifica e faz-se relevante pelo fato de que, à medida em que se esclarece o que são os estilos de apego propostos por Bowlby, suas características e os impactos nas relações conjugais, torna-se possível compreender como se dá a conjugalidade contemporânea, no contexto do amor, do conflito e da dinâmica do ciclo vital familiar. Será

possível também, a partir dos resultados deste estudo propor novas experiências e estimular a adaptação do comportamento de apego na manutenção das relações conjugais.

A dúvida que emerge neste estudo é de quais os impactos das experiências de apego nas famílias de origem de cada cônjuge para a construção da conjugalidade deste novo casal? Para alcançar respostas para este problema de pesquisa, torna-se fundamental conhecer as bases da teoria do apego, sua história, os estilos de apego propostos por ela, como esses estilos de apego ocorrem na vida adulta, bem como a repercussão no ciclo vital familiar. Nesse contexto, refletir sobre a conjugalidade contemporânea a partir do ciclo vital para alcançar como os estilos de apego se apresenta, nas relações conjugais.

Além disso, seguiremos descrevendo dados coletados na pesquisa realizada, através de entrevista semiestruturada com casais e, após análise aprofundada, apresentar os resultados alcançados com a pesquisa e hipóteses que esclareçam quanto ao problema proposto. Será possível validar a hipótese de que essas experiências de apego impactam fortemente no novo casal, determinando inclusive como se darão as relações no convívio conjugal e na perenidade dos laços do casamento.

Para tanto, o texto será estruturado em sete partes, sendo esta a primeira etapa introdutória, onde se apresenta o que o estudo pretende. Em seguida, a segunda, terceira e quarta partes serão dedicadas ao referencial teórico, onde serão abordadas as teorias fundamentais para a pesquisa. Do debate sobre a teoria do apego, vínculo e Ciclo Vital Familiar, às questões contemporâneas da conjugalidade. O item seguinte apresentará o método proposto para a pesquisa, as estratégias e procedimentos utilizados. A sexta etapa versará sobre a descrição, análise e discussão dos achados através dos estudos de caso. Por fim, a sétima e última etapa proposta são as considerações finais, baseadas nas descobertas teóricas de práticas deste estudo.

2. TEORIA DO APEGO

O primeiro passo para compreender com mais profundidade a Teoria do Apego desenvolvida por John Bowlby é partir da sua percepção de que apego-cuidado é um tipo de vínculo social baseado no relacionamento complementar entre pais e filhos. O apego tem sua própria motivação interna, distinta da alimentação e do sexo, como postulado pela teoria freudiana, e de igual importância para a sobrevivência (Bowlby, 2002).

Sendo o apego um estado interno, sua existência pode ser observada através dos comportamentos de apego. Tais comportamentos possibilitam ao indivíduo conseguir e manter a proximidade em relação a uma figura de apego considerada mais apta para lidar com o mundo.

Bowlby aponta a primazia das respostas comportamentais de apego e o cuidado como base para a saúde emocional ao longo do percurso de vida, determinando a partir dos seus estudos os efeitos da privação emocional sobre a saúde psicológica. Ele afirma que “o poder do homem e da mulher dedicados à criação de crianças felizes, saudáveis e autônomas em seus lares não é valorizado. Criamos um mundo turbulento.” (Bowlby, 2024, p. 02)

Ainsworth (1980, p. 709, tradução nossa) complementa

a grande força da teoria do apego para orientar a pesquisa reside no fato de ela se concentrar em um sistema básico de comportamento — o sistema comportamental de apego — que é biologicamente enraizado e, portanto, característico da espécie. Isso implica uma busca por processos básicos de funcionamento que sejam universais na natureza humana, apesar das diferenças atribuíveis à constituição genética, influências culturais e experiência individual.

Percebendo a importância da dimensão representacional do apego, torna-se fundamental recorrer ao que Main (2000) considera, ou seja, que o estudo do apego se desenvolveu em três fases principais: a primeira corresponde aos estudos de Bowlby, alicerçado nas observações de primatas não humanos e nos trabalhos com crianças que haviam sido separadas de seus pais e colocadas em ambientes não familiares, como hospitais ou instituições de longa permanência. A segunda fase foi liderada por Ainsworth, com as suas observações naturalistas da interação mãe-bebê nos seus lares, além do procedimento de laboratório conhecido como *Situação Estranha*, que resultou no sistema de classificação da organização do apego do bebê em relação às figuras parentais ou cuidadores substitutos, que serão tratados em detalhes em próxima etapa deste estudo.

A situação estranha consiste em uma série de episódios em laboratório com crianças entre 12 e 18 meses. A criança primeiro passa um tempo com a mãe, em seguida com a mãe e um estranho, depois deixada sozinha com o estranho, então completamente sozinha por alguns minutos. Ela é reunida novamente com a mãe, em seguida deixada sozinha novamente e finalmente reunida primeiro com o estranho depois com a mãe.

Ainsworth sugeriu que as reações das crianças a essas situações indicavam um de três tipos de apego: apego seguro, demonstrado por uma criança que usa o pai como base segura e é facilmente consolada após a separação, e dois tipos de apego inseguro, demonstrados por uma criança que ou apresenta pouca preferência pela mãe acima de um estranho ou fica desconfiada em relação a estranhos e perturbada na separação, mas não é tranquilizada pelo retorno da mãe. Esses estilos de apego serão discutidos em maior profundidade mais a frente.

Sob uma perspectiva etológica, Bowlby aponta como significado evolutivo do apego a proteção contra a predação, em dissonância com a teoria psicanalítica, que se pauta na alimentação, na oralidade para construção dos primeiros vínculos. Contesta conceitos psicanalíticos como energia psíquica e fase libidinal e aponta a perspectiva de sistema de controle e percurso desenvolvimental, além de descartar a teoria do impulso secundário propondo o conceito de comportamento de apego. Com base no estudo do comportamento animal e sua luta pela sobrevivência, para esse autor é possível identificar a existência também de comportamentos inatos de sobrevivência no ser humano, em especial o vínculo com cuidadores, de onde se oriundam os comportamentos de apego humano.

Bowlby (2024, p. 31) apresenta o comportamento de apego como “[...] qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar ou manter proximidade com outro indivíduo claramente identificado que é concebido como mais capaz de lidar com o mundo”. E complementa dizendo que “embora o comportamento de apego seja mais evidente na primeira infância, pode ser observado ao longo do ciclo de vida”

Neste contexto, o sistema do comportamento de apego é tão fundamental como parte do equipamento de muitas espécies quanto os sistemas relacionados ao comportamento reprodutivo, o comportamento parental, o comportamento de alimentação, o comportamento exploratório, contudo ele não deriva de nenhum destes. O sistema de apego é pertencente a um processo de seleção natural, pois oferece uma vantagem em termos de sobrevivência, pelas chances de proteção obtidas pela proximidade das figuras de apego.

A Teoria do Apego baseia-se no pressuposto de que o vínculo é biologicamente motivado como uma busca por conforto e segurança, e que ele é estruturado por meio da formação dos modelos operantes internos, representações mentais da pessoa e de suas figuras de apego, que nortearão as expectativas futuras do sujeito sobre si e sobre o mundo.

Com o propósito de dar seguimento aos estudos aprofundados sobre essa teoria, será apresentado o contexto histórico em que ela foi formulada e como foi desenvolvida e experimentada no transcorrer do século XX.

2.1 HISTÓRICO

A Teoria do Apego começou a ser elaborada na segunda metade do século XX por John Bowlby, psiquiatra e psicanalista britânico, que em análise dos princípios norteadores da sua formação analítica, passa a contestá-los com base nas experiências vivenciadas com crianças desabrigadas, como chefe da Seção de Saúde mental da Organização Mundial da Saúde (OMS). (Bowlby, 2024). Bowlby estudou e atuou profissionalmente na Universidade de Cambridge. Foi teórico das Relações Objetais¹, concentrando-se na importância dos relacionamentos iniciais com os cuidadores, especialmente a mãe, na formação da identidade e das relações de um indivíduo ao longo da vida.

Na década de 1950, Bowlby reflete sobre a teoria das Relações Objetais, que segundo ele, se torna insuficiente para explicar como essas relações se dão. Além disso, havia uma falta de evidência empírica para sustentar muitas das alegações de estudiosos das Relações Objetais. Ele chega à conclusão de que a teoria precisava ser integrada a uma perspectiva evolucionária, corrigindo inclusive a falta de evidências empíricas e estendendo a teoria em outras direções, resultando na sua teoria do apego.

Bowlby inicia sua análise sobre apego apontando que

durante cerca de cinquenta anos de investigação psicanalítica, Freud tentou partir primeiro de um e depois de outro ponto de vista para dar início às suas indagações. Os sonhos, os sintomas de pacientes neuróticos e o

¹ Na psicanálise, a teoria das relações objetais é uma abordagem que enfatiza a importância das relações interpessoais e da experiência de estar com os outros (objeto) no desenvolvimento e funcionamento da mente humana. A teoria considera que o ego não se desenvolve isoladamente, mas sim em interação com objetos.

comportamento de povos primitivos estão entre os diversos dados que ele estudou. Mas, embora ao buscar explicações ele chegasse sempre, em todos os casos, a eventos dos primeiros anos da infância [...] os eventos e processos inferidos pertencem a uma fase da vida que já passou. [...] acreditamos que a observação de como uma criança muito nova se comporta em relação à sua mãe, tanto na presença como, especialmente, na ausência desta, pode contribuir imensamente para a compreensão do desenvolvimento da personalidade (2002, p.03).

Ele analisa a concepção psicanalítica de que a formação e manutenção dos vínculos sustentam-se na necessidade de satisfazer certos impulsos, como a alimentação na infância e o sexo na vida adulta e contesta essa teoria quando afirma que existe nos bebês uma propensão inata para o contato com um ser humano, o que implica na “necessidade” de um objeto independente do alimento, tão primária quanto a “necessidade” de alimento e conforto. (Bowlby, 1969/1990).

No período em que esteve na OMS, Bowlby percebeu o sofrimento de crianças que estavam separadas das suas figuras de apego e apontou em seu relatório a importância de evitar os efeitos nocivos não somente no curto prazo, mas também no longo prazo deste afastamento, bem como apontou, no mesmo documento as influências no desenvolvimento da personalidade dos cuidados maternos inadequados durante a primeira infância (Bowlby, 2024).

Bowlby, compreendendo a importância do empirismo, passa a se debruçar sobre experiências e estudos aplicados por outros estudiosos do tema, como Provence e Lipton (1962 *apud* Bowlby, 2024) que se dedicaram em comparar o desenvolvimento de bebês institucionalizados, confiados aos cuidados de pessoas estranhas e bebês que viviam em uma família. Estudo esse, que foi revisitado por Ainsworth (1962 *apud* Bowlby, 2024) em seu artigo publicado também pela OMS, onde identificou novas controvérsias que exigiam estudos mais aprofundados sobre os reflexos da “privação de cuidados maternos”.

O autor dá continuidade à análise dos estudos que vinham sendo desenvolvidos e reflete sobre o experimento de Harry Harlow sobre a privação materna em macacos, onde ele separou macacos bebês de suas mães biológicas e lhes deu duas mães substitutas inanimadas. Uma era uma construção simples de arame e madeira com uma mamadeira e a segunda era coberta com espuma de borracha e tecido felpudo macio, sem o alimento. A surpresa do experimento foi a de perceber que os macacos passavam uma quantidade enorme de tempo com a mãe de pano, indo até a outra, de arame, apenas quando precisavam comer. Sua afeição pela mãe de pano não tinha nada a ver com comida, mas sim com calor e conforto (1979).

O autor se utiliza dessa maneira da apresentação de alguns estudos de terceiros para generalizar conclusões tiradas a partir dos seus próprios pressupostos elaborados com crianças separadas por longos períodos, de modo a concluir a tese sobre a separação.

[...] eles [os autores] conseguiram reunir farta evidência atestadora de que a matrícula em escolas maternas, feita muito antes do terceiro ano de vida, é, para a maioria das crianças, uma experiência indesejavelmente estressante. Os registros, em verdade, deixam claro que o desconhecimento da história natural do comportamento de apego, associado a um mal controlado entusiasmo, responsável pelo desejo de que as crianças se tornem rapidamente independentes e ‘maduras’, resulta em práticas que expõem as crianças e seus pais a uma dose exagerada de angústia e aflição desnecessárias (Bowlby, 2004, p. 41-42).

Nas primeiras décadas em que a Teoria do apego foi apresentada como alternativa ao que estava posto por Freud na teoria Analítica foi alvo de dúvidas, visto que, apesar das bases na teoria das relações de objeto, ela contesta o apego como apenas dirigido à sobrevivência, mas também à busca pelo conforto e segurança. Bowlby apresentou inclusive o conceito de comportamento de apego como uma dinâmica própria, diferente dos impulsos secundários ou da dependência do vínculo entre mãe e filho, consolidadas até ali e seguidas durante grande parte do seu trabalho como psicanalista.

Nessa perspectiva, Bowlby (2024, p. 32) diferencia ainda o apego do comportamento de apego quando afirma

descrever uma criança (ou pessoa mais velha) como tendo apego a alguém significa que ela está fortemente disposta a buscar proximidade e contato com essa pessoa, sobretudo em certas condições específicas. Essa disposição comportamental é uma característica da pessoa apegada, um atributo persistente que muda apenas lentamente ao longo do tempo e que não é afetado por circunstâncias momentâneas. Em contrapartida, o comportamento de apego refere-se a várias formas de comportamento nas quais a pessoa se envolve periodicamente, para obter e/ou manter a proximidade desejada.

Ou seja, o apego por si só será percebido a partir dos comportamentos expressos pela criança em relação a sua mãe, pai ou outra figura que segundo ele represente uma “base segura”. (Bowlby, 2024) Para ele, o sistema de comportamentos de apego se ativa a partir de dois fatores, quais são: As condições físicas e temperamentais da criança e as condições ambientais, que interagem entre si e contribuem nas representações mentais sobre as figuras de apego, bem

como no seu desenvolvimento cognitivo e afetivo. As experiências vivenciadas são determinantes na ativação desse sistema. (Bowlby, 2002, p. 15)

Abreu (2013, p. 51) contribui com a apresentação da teoria do apego quando afirma que existem princípios relacionados ao estabelecimento do vínculo entre mãe-bebê:

- a) A criança possui um certo número de necessidades fisiológicas que devem ser satisfeitas, principalmente aquelas relacionadas à segurança e ao conforto. [...]
- b) O recém-nascido possui uma inclinação inata ao relacionamento com o seio materno (no sentido de possuí-lo oralmente) e, com o passar do tempo, toma conhecimento de que este seio, é um prolongamento da pessoa que exercerá o papel de mãe ou cuidadora.
- c) O recém-nascido tem a propensão congênita para o contato físico intenso de um ser humano. Desta forma, a questão da necessidade não se restringe apenas aos aspectos relacionados à alimentação e ao conforto, sendo extensíveis, também, aos aspectos do contato corporal.
- d) Os bebês ressentem sua expansão do ventre e procuram voltar a ele.

Bowlby segue seus estudos sobre o sistema de apego apresentando como se desenhou, através dos estudos Freud, o conceito de ambivalência, que lhe serviram de suporte para estabelecer em sua teoria um dos estilos de apego identificados. Os desejos contidos que se apresentam através dos sonhos interpretados na psicanálise freudiana revelam contradições de sentimentos produzidos no inconsciente, possibilitando a existência de relações em que ocorram tanto afetos positivos quanto negativos, que coexistem. (Bowlby, 1979)

Freud, quando se dedica à vida emocional da criança apresenta a hipótese de que nos primeiros anos de vida, é regra, e não exceção, sermos impelidos por sentimentos de raiva e ódio, tanto quanto de interesse e amor, em relação a nossos pais e nossos irmãos. Winnicott (1982, p.262-270), também psicanalista, complementa apontando a agressividade como um impulso inerente ao desenvolvimento humano, semelhante ao impulso vital, que impulsiona o sujeito em direção ao crescimento e à autonomia.

O conceito de ambivalência de Freud é ampliado por Winnicott, baseando-se nessa coexistência de sentimentos opostos, como amor e ódio, em relação à mesma pessoa. Para este autor, esse conflito é inevitável no desenvolvimento humano e necessário para o processo de amadurecimento, destacando a importância de tolerar a ambivalência, considerando-a fundamental para o desenvolvimento do que ele classifica de “culpa saudável” e do controle emocional. (2002, p.111) “[Ele] deixou claro que a capacidade para experimentar um

sentimento de culpa constitui atributo necessário da pessoa saudável.” (Bowlby, 1979, p. 16-17)

Sentir essa culpa de forma saudável faz parte do processo de amadurecimento, pois está ligado à capacidade de reconhecer e integrar sentimentos contraditórios. O desenvolvimento do que Bowlby aponta como “regulação emocional” ocorre ao longo da infância, quando a criança aprende a lidar com impulsos opostos, como querer agradar e ao mesmo tempo, se rebelar contra os cuidadores. Esse aprendizado influencia diretamente na formação de uma personalidade equilibrada.

No âmbito da ambivalência infantil, a criança precisa conquistar essa capacidade com o intuito de tolerar melhor elementos agressivos e amorosos dirigidos a cada uma das pessoas que cuidam dela. Na primeira infância, a criança descobre, a partir de si mesma e na relação com suas figuras de apego, que é capaz de ferir e magoar e ao se tornar responsável por aquilo que fere, ganhando o direito de manter boas relações com as pessoas e assim encontrando seu espaço no mundo.

Para ratificar tal afirmativa, Winnicott (1982, p. 73) afirma que

deixou de ser um pedaço de cortiça flutuando ao sabor das ondas. Já começou a assumir sua responsabilidade em relação ao meio. Em lugar de reagir apenas às circunstâncias, passou a sentir-se totalmente responsável pelo que lhe sucede e pelos fatores externos de sua vida. Só gradualmente começa a fazer distinção entre aquilo por que é responsável e aquilo tudo por que se sente responsável.

Bowlby (1979, p. 15-21) complementa

ficará claro que os passos dados pelo bebê ou a criança ao avançar no sentido da regulação dessa ambivalência têm importância decisiva para o desenvolvimento de sua personalidade. Se a criança seguir um caminho favorável, ela crescerá consciente de que existem, em seu íntimo, impulsos contraditórios, mas estará apta a dirigi-los e controlá-los, e a ansiedade e culpa que eles engendram será suportável. Se o seu progresso for menos favorável, a criança será assediada por impulsos sobre os quais sente não ter controle ou ter um controle inadequado; em consequência disso, sofrerá uma ansiedade aguda com relação à segurança das pessoas que ela ama e também temerá o revide que, acredita ela, não deixará de cair sobre sua própria cabeça.

Os conceitos apresentados até aqui foram estudados à fundo por Bowlby com o intuito de oferecer subsídios aos conceitos preconizados por ele. São a base da identificação dos seus estilos de apego e em consequência para o desenvolvimento desses estilos no transcorrer do século XX.

Sua teoria, atualmente amplamente conhecida, apesar de considerada relativamente recente, propõe descrever como os primeiros vínculos de um indivíduo podem moldar suas expectativas futuras, motivadas por segurança e modeladas pelas representações da relação mãe-bebê, ou com outra figura de apego na ausência dela.

2.2 ESTILOS DE APEGO

Ao longo de meio século, centenas de pesquisas sobre o vínculo no decorrer da vida com os pais, filhos e parceiros adultos criaram um coerente banco de dados que reconhece como elemento básico da natureza humana, o fato de sermos animais sociais e vinculares. Psicólogos do desenvolvimento foram precursores dos estudos quando se debruçaram sobre o conceito e a construção do vínculo na infância, através da observação da relação mãe-bebê, com o objetivo de identificar como esses laços afetivos influenciavam o comportamento dos indivíduos em situações aversivas.

Daniel Stern aponta que (1992, p. 07) “os bebês começam a experienciar o senso de um eu emergente desde o nascimento”, o que Bowlby (2024, p 143) vai chamar de “capacidade germinal de se envolver em interação social e prazer nisso”. Ou seja, o senso do eu representa a experiência subjetiva que o bebê tem da vida social. Em poucos dias o bebê é capaz de distinguir sua figura materna das demais pessoas por meio do cheiro, da voz ou mesmo pela maneira com que ela o segura.

O desenvolvimento de um sistema organizado de apego presume a capacidade cognitiva de manter sua mãe em mente quando ela não está presente. Desde que os pais sejam conhecidos por sua acessibilidade e disponibilidade, uma criança saudável sente-se segura o suficiente para explorar. (Bowlby, 2024, p.142). Conforme a Teoria do Apego, esse sistema de comportamento é organizado por meio de um sistema de controle no sistema nervoso central. Condição análoga à homeostase fisiológica, ele mantém a relação de uma pessoa com sua figura de apego entre

certos limites de distância e acessibilidade, usando métodos cada vez mais sofisticados de comunicação para fazê-lo. (Bowlby, 2024, p. 143-144)

Bowlby apresenta os padrões de apego comparando-os com os modelos funcionais do *self* e das figuras de apego, que são construídos na mente durante a infância e considerados características centrais do funcionamento da personalidade ao longo da vida. (2024, p. 144) Para ele, os padrões de relacionamento com os cuidadores, ou como chama, Modelos de Apego que são desenvolvidos ao longo da vida são integrados à estrutura de personalidade do sujeito. São os modelos internos de funcionamento que determinarão as características do *Self* frente às situações da vida, inclusive na conjugalidade.

Bowlby foi um rompedor de tabus e um precursor da terapia de família, propondo através da sua trilogia sobre Apego, Separação- ansiedade e raiva e Perda – tristeza e depressão, onde ele vira do avesso o pensamento psicanalítico clássico quando rejeita alguns dos seus pressupostos e adota um ponto de vista evolucionário e etológico (Montoro, 2001)

Até meados da década de 1950 predominava a concepção de que a formação e manutenção dos vínculos sustentavam-se na necessidade de satisfazer certos impulsos como, alimentação na infância e o sexo na vida adulta. Em contrapartida, Bowlby postulou que existe nos bebês uma propensão inata para o contato físico com um ser humano, o que significa a existência da necessidade de alimento e conforto, alicerçando sua teoria no relato de farta pesquisa empírica, como a realizada por Mary Ainsworth, apresentada anteriormente.

No volume 1 da sua trilogia sobre Apego, Bowlby dedica um capítulo para apresentar os “primórdios do comportamento de apego” (2002, p. 329-369). Ele descreve essa propensão inata dos bebês como um sistema de comportamentos ainda primitivos, que nos primeiros meses vão de chorar e sugar a sorrir e engatinhar. Essa fase é apresentada por ele como a primeira de quatro pelas quais o bebê passa até o seu terceiro ano de vida.

A fase 1, chamada de “*orientação e sinais com discriminação limitada de figuras*” ou de fase inicial de pré-apego, dura do nascimento até cerca de 12 semanas e a discriminação das pessoas pelo bebê se dá apenas por estímulos auditivos e olfativos. O seu comportamento de agarrar, sorrir e balbuciar se dá para qualquer pessoa, contudo à medida em que a resposta do cuidador a esses comportamentos ocorre, tende a aumentar o tempo em que ele se mantém próximo, estimulando em seguida a espontaneidade dos referidos comportamentos.

Na fase 2 se baseia na “*orientação e sinais dirigidos para uma figura discriminada*”, que pode ser chamada de fase de apego em formação, a figura materna ganha certa relevância para o bebê, tendo seu comportamento mais acentuado em relação a ela. Quando em convívio familiar, essa fase dura até cerca dos seis meses de vida.

A fase 3, é a do apego definido, classificada por Bowlby como “*manutenção da proximidade com uma figura discriminada por meio de locomoção ou dos sinais*” é marcada pela ampliação do repertório de resposta, comportamentos de buscar a mãe quando ela se afasta e recebê-la com alegria quando ela retorna se tornam frequentes. Já os estranhos passam a ser tratados com cautela e os comportamentos indiscriminados vão cessando. Nesta fase, torna-se evidente o apego do bebê com a figura materna. Ela ocorre até meados do terceiro ano de vida.

A quarta e última fase trata da “*formação de uma parceria corrigida para a meta*”, ou seja, apresenta um relacionamento mútuo mais complexo entre a mãe e o bebê, que Bowlby chamou de “parceria”. Através da observação do comportamento materno o bebê começa a identificar os meios utilizados pela mãe para alcance das “metas fixadas”, adquire discernimento sobre os sentimentos dela e os motivos para determinados comportamentos. Essa fase se desenvolve a partir do terceiro ano de vida.

Bowlby finaliza a explanação sobre as fases de desenvolvimento do comportamento de apego apontando que

É inteiramente arbitrário apontar por que fase uma criança tornou-se apegada. É evidente que não existe apego na fase 1, ao passo que é igualmente evidente sua existência na fase 3. Se e em que medida se pode afirmar que uma criança está apegada durante a fase 2 é uma questão de como definimos apego. (2002, p. 333)

Qualquer das fases apresentadas aqui pode se prolongar mais em caso de ausência da figura materna e outras condições desfavoráveis. Bowlby aponta que especificamente na fase 3, em caso de pouco contato com a figura de apego principal, tende a haver um atraso no desenvolvimento do comportamento de apego para até depois dos 12 meses. (2002, p. 332)

Quanto aos sistemas de comportamento, Ainsworth (2015, p. 6, tradução nossa) aponta que

Bowlby se refere ao resultado como "previsível", para implicar que, uma vez ativado o sistema, o resultado em questão ocorre frequentemente, embora não

invariavelmente. Entretanto, se o resultado não ocorresse de forma consistente o suficiente e em indivíduos suficientes, a sobrevivência da espécie estaria em risco.

Baseado na frequência de resultado exposta aqui, que este estudo se propõe a analisar como os sistemas de comportamento adquiridos nas 4 fases do desenvolvimento podem interferir nos relacionamentos na vida adulta.

Vale ressaltar que, apesar de Bowlby ter se dedicado mais profundamente à relação do bebê com a sua mãe, o papel do pai também é considerado nos estudos. O relacionamento é construído por um repertório entrelaçado de comportamentos instintivos que criam e mantêm a proximidade entre pai e filho, estabelecendo um vínculo afetivo. Ainsworth, explica vínculo afetivo como “um laço de duração relativamente longa no qual o parceiro é importante como um indivíduo único e não é intercambiável com nenhum outro. Em um vínculo afetivo, há um desejo de manter proximidade com o parceiro” (1980, p. 711, tradução nossa)

A partir da compreensão de Bowlby sobre a construção do apego e sistemas de comportamento, torna-se premente refletir as repercussões do comportamento das figuras de apego sobre os estilos de vínculo apreendidos pelo bebê. Nesse contexto, os estudos de Mary Ainsworth sobre Teoria do apego propõem 03 estilos de vínculo, sempre refletindo a relação mãe-bebê e que serão tratados a seguir.

Ainsworth desenvolveu sua pesquisa sobre a Teoria do Apego através de experimentos, inicialmente na observação da relação de bebês com as suas mães no ambiente doméstico, em Uganda e posteriormente, observando esta relação em laboratório, submetendo as crianças a uma condição de estresse. Ela chamou esse experimento de Situação Estranha, conforme apresentado anteriormente. Os resultados revelaram que o comportamento do bebê sob condição de estresse era diferente a depender da relação de apego com a figura materna. Ou seja, verificou-se modelos do que Ainsworth chamou de apego seguro e apego inseguro.

A partir dessas descobertas, Ainsworth descreve pela primeira vez três padrões de apego, descritos por Bowlby como

o primeiro é o padrão de apego seguro, no qual o indivíduo está confiante de que seus pais [...] estarão disponíveis, responsivos e úteis caso ele encontre situações adversas ou assustadoras. [...]. Um segundo padrão é o apego resistente à ansiedade, no qual o indivíduo não tem certeza se seus pais estarão disponíveis, responsivos ou úteis quando chamados. [...]. Um terceiro padrão é o apego ansioso e evitante, no qual o indivíduo não tem confiança de que,

quando procura atendimento, será responsivo de forma útil, mas, de modo oposto, espera ser rejeitado (1971 *apud* Bowlby, 2024, p. 145).

A autora (Ainsworth, 1971) aponta que no apego seguro, a mãe é a base segura para a criança explorar o ambiente, mantendo uma busca ativa por contato e se mostrando satisfeita com a sua presença. Enquanto, no Apego Inseguro-evitativo há baixa partilha de afetos, estabelece relação com o estranho e evita a mãe após o seu retorno. Já no Apego Inseguro-ansioso, ela percebeu dificuldade da criança de se isolar para explorar o ambiente e demonstra necessidade constante de contato, mesmo antes da separação da mãe.

Com base na apresentação de Bowlby e Ainsworth dos padrões de apego seguro, ansioso e evitativo, estudiosos da teoria foram descrevendo-os a fim de compreender como são percebidos a partir do comportamento do indivíduo.

Mendes e Rocha (2016, p. 04) explicam que no apego seguro

a criança explora livremente o ambiente enquanto a mãe está presente, porém explora menos o ambiente na ausência materna e, quando a mãe retorna, ela fica feliz ou, se chora, busca a mãe, lhe abraça e lhe segura, acalmando-se. [...] quando se sente novamente segura, reassume sua posição de explorar o ambiente.

Para Abreu (2013) a observância do equilíbrio ou desequilíbrio dinâmico entre exploração e vinculação vivenciados pelas crianças permite perceber que mesmo os seguramente apegados mantiveram-se atentos aos movimentos da mãe, ainda que se dispusessem a construir uma relação com o estranho. Já as crianças ansiosamente apegadas, ainda que com alguma interação, não se mostraram disponíveis para o contato pessoal.

Nesse contexto, Bowlby (2004a) apresenta como característica do apego seguro entre mãe e bebê o crescimento da autossuficiência, ou seja, a criança faz explora o ambiente e retorna à mãe como fenômeno de uma base segura.

Em 1986, nas pesquisas desenvolvidas, Mary Main e Judith Solomon (1990) identificaram um quarto estilo de apego, que deram o nome de apego desorganizado ou controlador. Além do seguro, ansioso-ambivalente e evitativo. Este estilo de apego é caracterizado por comportamentos contraditórios, confusos ou desorientados, especialmente na presença da figura de apego. Dentre as crianças pesquisadas, as que passaram por violência, maus-tratos ou tiveram um cuidador abusador apresentaram confusão sobre o apego e vínculo.

Neste caso, a criança assume preocupações parentais pelos cuidadores na vida adulta, muita desconfiança e dificuldade em estabelecer apego seguro.

Abreu (2013) aponta que, a partir dos experimentos desenvolvidos por Ainsworth, Main e Solomon, foi possível perceber que as crianças com apego inseguro evitativo ou inseguro ansioso demonstraram mais suas frustrações, através principalmente do choro. Enquanto, aquelas com apego seguro se mostraram mais tolerantes, com comportamentos mais cooperativos às ordens das suas mães.

O autor (Abreu, 2013, p. 67) ainda complementa dizendo que “poderemos supor ser admissível a ideia de que cada pessoa constrói em grande parte os modelos operacionais do mundo e de própria, a partir desses modelos prévios de interação, que nada mais são do que uma representação interna que inclui aspectos do *Self*“. Grossman e Grossman (2005) também afirmam que as experiências de apego na infância contribuem para a construção de modelos internos de funcionamento, que orientam expectativas, percepções e comportamentos nos relacionamentos futuros. Estas considerações reforçam a necessidade de análise sobre como se apresentam esses modelos operacionais na vida adulta, em especial nesta pesquisa, na conjugalidade.

Mendes e Rocha (2016, p.06) também sustentam que

ao longo do desenvolvimento do indivíduo, a busca concreta pela figura de apego é substituída pela ativação de representações mentais dessa figura, que criam uma sensação de segurança. Essas representações introjetadas possibilitam que o indivíduo possa realizar uma regulação emocional de si.

No caso do apego seguro, essa regulação possibilita relações adultas saudáveis, enquanto no apego inseguro, as emoções tendem a ocorrer de forma mais confusa, o que pode impactar na construção de vínculos afetivos.

A fim de montar esse complexo quebra-cabeça, Bowlby passou a se debruçar sobre as teorias provenientes de diferentes disciplinas, como etologia, cibernética, sociologia e psicologia cognitiva, em uma abordagem sistêmica. A partir da criação de conexões entre essas disciplinas, mas sem se distanciar das observações clínicas com crianças realizadas por colegas próximos e membros de sua equipe, foi construindo seu próprio modelo de compreensão, conjugando teoria e prática, tornando gradativamente suas ideias acessíveis para clínicos e pesquisadores.

A seguir serão apresentados conteúdos considerados também relevantes e complementares à compreensão da teoria do apego, bem como à pesquisa proposta aqui neste trabalho. As teorias sobre vínculo e ciclo vital da família nortearão de forma secundária os estudos, com o intuito de desvelar com mais eficácia as narrativas dos casais pesquisados.

3. VÍNCULO

A decisão de falar sobre vínculo neste estudo se dá pelo fato de John Bowlby iniciar sua trilogia sobre Apego e perda, apresentando *A Natureza do Vínculo*, mas também para esclarecer o uso do termo vínculo para determinar a teoria. O uso da palavra vínculo seria mais apropriado, visto que a palavra apego dá um tom estático às relações, enquanto a ideia de vínculo pressupõe uma interação dinâmica. Desta forma, alguns estudos optam por utilizar a nomenclatura Teoria do Vinculação, mas respeitando o uso comum na literatura brasileira da nomenclatura Teoria do Apego, esta será utilizada neste documento.

Antes de darmos continuidade às percepções de Bowlby sobre vínculo é importante iniciar pela etimologia da palavra, que tem origem do latim *vinculum* e significa união, ligadura. Segundo definição do dicionário Michaelis (2025) é “o que ata, liga ou aperta; atadura, liame, nó. O que estabelece uma relação lógica ou de subordinação. O que liga afetivamente duas ou mais pessoas; relação, relacionamento. O que restringe ou condiciona (algo)”.

Baseando-se na etimologia e definições da palavra, já é possível identificar a relevância em utilizá-la no contexto da Teoria do Apego e como ele, o vínculo, se apresenta nos sistemas de comportamento da criança na relação com seus tutores, mas também o adulto com as suas figuras de apego na vida adulta.

Apego é um tipo de vínculo no qual o senso de segurança de alguém está estreitamente ligado à figura de apego. No relacionamento com a figura de apego, a segurança e o conforto experimentados na sua presença permitem que seja usado como uma "base segura", a partir da qual poderá se explorar o resto do mundo (Bowlby, 1979). Como o vínculo afetivo é concebido como a atração que um indivíduo sente por um outro indivíduo, pode-se dizer que é entre mãe e filho que ocorreria a primeira e mais persistente vinculação.

Bowlby (2024), no seu livro ‘Uma base segura’, trata sobre o vínculo da criança com a sua mãe como um produto da atividade de um certo número de sistemas comportamentais e aponta resultados previsíveis dessa proximidade. Então, o sistema de vinculação é um sistema de comportamento independente semelhante a alimentar-se ou satisfazer suas necessidades fisiológicas. Mas não foi somente ele quem se debruçou a compreender o conceito de vínculo.

O conceito de vínculo afetivo proposto por Ainsworth (1980), na medida em que implica uma representação na organização interna, aproxima-se do conceito de modelo funcional ou

modelo representacional interno. Ambos se referem às representações de relacionamentos e interações com figuras significativas. Ela contribui enormemente para essa pesquisa quando aponta que

embora seja provável que o indivíduo tenha encontrado uma nova figura de apego principal quando um vínculo de par sexual é finalmente estabelecido, isso não significa que o apego aos pais tenha desaparecido. A maioria dos adultos mantém uma associação significativa com seus pais, independentemente do fato de os pais penetrarem em menos aspectos de suas vidas do que antes. (Ainsworth, 1980, p. 710 tradução nossa)

Ainsworth se dedica a compreender como se dão outros vínculos afetivos no transcorrer da vida, o que chama de vínculo secundário, mas também de grande importância visto que são as figuras de apego construídas pelas relações sociais e culturais. Como também propõe Bauman em seus escritos, que as relações sociais promovem desenvolvimento da individualidade.

A individualidade depende da conformidade social; a luta pela individualidade requer que os laços sociais sejam fortalecidos e a dependência social aprofundada. O mundo subjetivo que constitui a identidade da personalidade individual só pode ser sustentado por meio da troca intersubjetiva. (Bauman, 1995, p.194)

Este autor contribui na análise proposta neste trabalho quando aponta que “Nessa troca, um parceiro deve ser capaz de dar seu apoio ao mundo do outro (embora suas experiências interiores sejam altamente individuais)”. (Bauman, 1995, p. 194). Percepção que coaduna com o contexto proposto aqui e que será tratado no transcorrer da pesquisa.

Bauman (1995, p. 196) afirma que

nas relações amorosas comuns, os amantes em perspectiva assumem assim mesmo a tarefa, em geral com a (vã) esperança de que a assimetria inicial do padrão será no final retificada por uma reação recíproca, de modo que ambos os parceiros receberão em troca dos seus esforços serviços similares aos que prestaram. As relações amorosas “ordinárias” postulam a mutualidade — isto é, requerem que cada parceiro concorde em assumir simultânea ou sucessivamente tanto o papel “projeter” quanto o “afirmador”, que concorde em “projetar” e “atuar”, em ser amado e amante ao mesmo tempo.

Retomando a apresentação dos conceitos de vínculos propostos, Vittorio Guidano (1991) propõe um novo modelo sobre o conhecimento e experiência humana que se traduz numa nova teoria da personalidade (organização pessoal, noção de si mesmo) e um novo sistema psicoterapêutico, que enfatiza o papel do vínculo afetivo como modelador da identidade pessoal. Esse modelo destaca o papel fundamental das relações vinculares na construção da identidade pessoal.

Para ele (1991, p. 35, tradução nossa)

o “eu” chega a ver-se como um “mim” (quer dizer, como as outras pessoas do mundo circundante) só através da consciência que os cuidadores têm do seu comportamento. [...] Elaborar uma autoimagem consciente consiste em delimitar o perfil do “mim”, a partir do “eu” percebido. A diferenciação si-mesmo/outro é um processo complexo, de múltiplos níveis, naquele que se sente como ator (“mim”), da sua singularidade e unicidade (“eu”) que se encontra tanto em sintonia com os outros como na diferenciação no que respeita aos outros, sendo ambas as condições igualmente necessárias para a experiência.

Essa afirmativa remete a uma reflexão sobre o forte vínculo construído entre mãe-bebê e a complexidade do processo de diferenciação do *self*. Para Guidano (1991), o significado pessoal traduz a forma como o indivíduo se organiza e dá sentido à sua experiência.

Pichon-Rivière foi outro estudioso dedicado a compreender o vínculo. Ele se debruça, através da psicanálise a analisar todos tipos ou estilos de vínculo, dedicando-se principalmente aos vínculos patológicos, como propões sua abordagem. Apresenta vínculo de forma estrita como

o vínculo é algo diferente, que inclui a conduta. Podemos definir o vínculo como uma relação particular com o objeto. Essa relação particular tem como consequência uma conduta mais ou menos fixa com esse objeto, formando um *pattern*, uma pauta de conduta que tende a se repetir automaticamente, tanto na relação interna quanto na relação externa com o objeto. (Pichon-Rivière, 1998, p. 17)

Em seguida expõe sua compreensão sobre o processo de construção dos vínculos e como as primeiras experiências interferem no sistema de comportamento do sujeito, que neste caso a teoria psicanalítica apontará como parte do inconsciente. Desta forma, a sua teoria da vinculação aponta que “não existem relações impessoais, uma vez que o vínculo de dois se estabelece sempre em função de outros vínculos condicionados historicamente no sujeito e que,

acumulados nele, constituem, o que denominamos o inconsciente.” (Pichon Rivière, 1998, p. 33-34).

Reconhecendo a relevância das contribuições de Enrique Pichon-Rivière sobre vínculo, considera-se fundamental apresentar aqui a teoria proposta por ele, que também compreende como uma possível condição patológica, mas oriunda do princípio da normalidade. (1998, p. 03). O vínculo para além do contexto interno, mas como uma condição social, onde “não existem relações impessoais, uma vez que o vínculo de dois se estabelece sempre em função de outros vínculos condicionados historicamente no sujeito e que, acumulados nele [...]” (1998, p. 33-34). Ou seja, no grupo social e familiar em que o sujeito está inserido, haverá um tipo de vínculo estabelecido podendo ser normal ou patológico, mas só se pode verificar o tipo de vínculo através do estudo dos contextos psicossocial, sociodinâmico e institucional.

O vínculo, de acordo com Pichon-Rivière (1998) é como uma estrutura dinâmica em contínuo movimento, que engloba tanto o sujeito quanto o objeto, tendo essa estrutura características consideradas normais e alterações interpretadas como patológicas. A maneira peculiar em que cada indivíduo se relaciona com o outro, criando uma maneira específica com cada objeto ou sujeito conforme a situação e o momento, deve ser analisada sob quatro dimensões: tarefa, afiliação, pertença e comunicação. O vínculo determinará as condutas do sujeito.

Esse autor contribui com o entendimento de vínculo proposto aqui, na medida que aponta o meio como fator determinante na sua construção, incluindo a família quando tratamos da primeira infância. Como a proposta aqui é de analisar os impactos na conjugalidade desses estilos de vínculos estabelecidos na infância, considera-se relevante apresentar posições que contribuam com as percepções que serão apresentadas no transcorrer do estudo. Ainda que Pichon-Rivière tenha transcendido para outras relações que os indivíduos vivenciarão no transcorrer do seu percurso de vida, enquanto a teoria escolhida para referenciar o estudo se concentra no vínculo afetivo entre a criança e os seus cuidadores.

Outra referência importante para melhor compreensão sobre vínculo é David Zimmerman. Ele se debruça em quatro tipos de vínculo, com o amor, com o ódio, com o conhecimento e com o reconhecimento, o que nos fornece vasto repertório para análise posterior do tema proposto.

Ele inicia seus estudos, como já era de se esperar, com a importância do vínculo no desenvolvimento da personalidade da criança, essencialmente na relação mãe-bebê, inclusive

ainda na gestação. (Zimerman, 2010, p. 21). Para tanto, ele traz como referência os três vínculos fundamentais de Bion e ainda propõe o quarto, o Reconhecimento, por compreender que eles estão intimamente relacionados. A interrelação entre os vínculos apresentados por Zimerman determina segundo ele, a qualidade de vida dos indivíduos durante todo o percurso de vida. (2010, p.26)

Zimerman inicia sua exposição sobre os quatro vínculos propostos identificando a relação do vínculo com o amor, desde a Mitologia, Religião, Filosofia e por fim sob o contexto da Psicologia, quando aponta as modalidades mais frequentes de amor. Estas modalidades contribuem na compreensão das relações conjugais às quais este trabalho se dedicará mais à frente. O amor paixão, o amor simbiótico, o amor sadomasoquista, o amor obsessivo tirânico, o amor histérico, amor paranoide, amor narcisista e o amor perverso podem, com base nos pressupostos apresentados anteriormente, ter sua origem nas relações com as figuras de apego na infância e replicadas nas relações adultas, principalmente na relação conjugal. (2010, p. 54)

Ainda que Bowlby não se proponha a desenhar modelos tão específicos de amor, como Zimerman, esses conceitos se encontram imbricados nos estilos de apego que esse autor teoriza e explicam comportamentos a partir das experiências do sujeito no contato com essas modalidades de amor.

Zimerman não encerra seus estudos no vínculo do amor, ele segue descrevendo o vínculo do ódio, quando analisa as percepções de estudiosos como Melanie Klein e Winnicott sobre o tema e como o segundo autor contesta a ideia de inveja primária dos objetos e necessidade de reparação proposta por Klein, explicando que a inveja nasce com o bebê.

[Ele] começa a devotar uma inveja raivosa ao seio materno que o alimenta, dividindo-o num seio “bom” (que lhe dá prazer, saciando as suas necessidades orgânicas) e um “seio mau” quando o seio se constitui como uma fonte de desprazer, o que acontece quando o seio não está presente, lhe priva ou lhe frustra. (Zimerman, 2010, p. 114)

As ideias de Bion também são analisadas por Zimerman (2010, p. 116), prestigiando a maternagem. Ele “ênfatizou que [...] o desenvolvimento da personalidade depende de três fatores essenciais: os genéticos-constitucionais; os ambientais; e os que decorrem de situações, traumáticas ou prazerosas, que acontecem ao longo da vida do sujeito e que ficam inscritas no psiquismo.” Visão que também contribui como suporte para as hipóteses que serão verificadas neste trabalho.

Os vínculos de conhecimento e reconhecimento estão associados aqui à “forma de como o sujeito percebe o mundo exterior (e o interior) [...] uma forma indissociável da formação de pensamentos [...] como uma reação à experiência emocional primitiva decorrente da ausência, ou privação do objeto necessitado” (Zimerman, 2010, p. 172).

Para ele (2010, p. 192), a necessidade de reconhecimento se baseia em quatro vértices:

1. A de reconhecimento a si próprio (como modo de conhecer o mapa de seu psiquismo);
2. Reconhecimento do outro (como alguém que é diferente);
3. Ser reconhecido ao outro (como expressão de gratidão);
4. Ser reconhecido pelos outros (como forma de manter a autoestima)

Mas é no reconhecimento dos traumas que Zimerman proporciona a esse estudo mecanismos substanciais de análise sobre os impactos de experiências dolorosas como medo, raiva, culpa, ansiedade de separação e como ficam representados no transcorrer da vida do sujeito, ainda que tenha seguido sob o contexto patológico que essas experiências podem proporcionar.

Quanto à construção do vínculo no transcorrer da vida, Eric Fromm (1958, p. 91) se questiona sobre “quantos maridos não formam uma imagem de suas esposas como sendo dominadoras, porque seu próprio apego à mãe os leva a interpretar qualquer solicitação como uma restrição à sua liberdade?”. Ele aponta que os homens se fixam ao apego infantil, refletindo na vida adulta, o que definirá a qualidade das relações, podendo para ele, inclusive se tornarem patológicas. Fromm disserta sobre estilos de vínculo, ainda que não os denomine, como faz Bowlby nos seus estudos. Os diferencia a partir do comportamento materno, que em condições adversas pode representar uma perturbação neurótica do amor.

Bronfenbrenner (1996), dedicando-se ao modelo bioecológico de desenvolvimento, contribui com a compreensão da construção dos vínculos quando aponta que para ocorrer o desenvolvimento da pessoa, ela precisa participar ativamente de interações recíprocas de complexidade crescente com pessoas com as quais desenvolve apego forte, mútuo e irracional e, com o tempo, se comprometer com o bem-estar e desenvolvimento dos outros, de preferência, por toda a vida.

Ele amplia o debate sobre a construção dos vínculos quando aponta a existência de camadas de ambientes, não se limitando a um ambiente único, mas com estruturas chamadas

de micro, meso e exo e macrosistema. O microsistema é definido como “um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicas” (Bronfenbrenner, 1996, p. 18), a exemplo da casa e da escola. No mesossistema ocorre a relação entre dois ou mais ambientes, ou seja, Clube e escola, ou amigos da vizinhança ou familiares e membros da igreja.

Em se tratando do exossistema, ele é composto por ambientes dos quais a criança não faz parte, mas ainda assim sofre sua influência. Como exemplo podemos citar o trabalho ou a rede de amigos dos pais. Bronfenbrenner ainda cita o macrosistema como a soma de todos os outros sistemas. Uma rede interconectada composta inclusive pela estrutura política e cultural. (1996)

Cabe ressaltar que em todos os ambientes que compõem os sistemas das crianças, os pais exercem certa influência, seja na escolha daqueles que a ela estará inserida, seja na influência que os ambientes dos quais os pais pertencem exercem sobre a criança.

Matos e Costa (1996, p. 46), sobre “a integração das vinculações ao longo do desenvolvimento” afirmam que “A organização da vinculação em sujeitos adultos relativamente à infância, não é, entenda-se, a tradução das experiências de vinculação ocorridas na infância” Elas acreditam que mais importantes são as experiências de vinculação ao longo do ciclo de vida, no contexto familiar e fora dele.

Assim, as autoras afirmam que

[...] se a natureza e a qualidade das relações emocionais significativas que ocorrem na infância parecem influenciar o modo como o indivíduo se relaciona com os outros e com o mundo na sua vida adulta, os contextos de vinculação no jovem e no adulto podem criar oportunidades muito importantes para reorganizações pessoais, desconfirmando e inviabilizando asserções acerca de si próprio e dos outros construídas em experiências anteriores. (Matos; Costa, 1996, p. 47)

Fornasier (2018, p. 517) também contribui com a compreensão sobre vínculo quando afirma que “a reflexão sobre o dom remete necessariamente às relações sociais, isto é, à própria identidade do sujeito em relação através dos vínculos que tece, e, dentre eles, os mais estreitos e primários se encontram no âmbito da família”. Ou seja, os vínculos são determinantes na construção da identidade do sujeito, o que nos remete de volta ao preconizado por Bowlby em seus estudos.

Entrelaçando a Teoria do Apego a todas as outras teorias sobre vínculo apresentadas até aqui, ela também se propõe a analisar a propensão do ser humano para formar fortes vínculos afetivos com outros seres humanos, as formas de perturbação emocional que ocorrem a partir desses laços, que são construídos ao longo da infância, tornando-se modelos centrais da personalidade, regulando assim o seu comportamento.

4. CONJUGALIDADE CONTEMPORÂNEA

Na família se encontram relações de parentesco baseadas em geral por afinidade, aliança, parentalidade ou filiação e consanguinidade contudo, nem toda família apresenta todos os tipos de relação a todo momento. Em geral, a trajetória das famílias está relacionada a um ou mais deles. Dessas relações nascem vínculos, deveres, hábitos de cuidado e afeto que manifestam nas várias dimensões da relação familiar.

A formação da conjugalidade é entendida como resultado do encontro entre histórias individuais, expectativas conscientes e inconscientes, modelos relacionais internalizados e projetos de vida. Nesse processo, o vínculo conjugal assume funções importantes de pertencimento, reconhecimento, apoio emocional e organização psíquica, especialmente em momentos de transição do ciclo vital. A escolha do parceiro é apresentada como atravessada por aspectos afetivos profundos, incluindo repetições e tentativas de reparação de experiências relacionais anteriores. (Rolim; Wendling, 2013)

Embora Rolim & Wendling não adotem explicitamente a Teoria do Apego como eixo central, o texto descreve a conjugalidade como um vínculo afetivo profundo, com funções de pertencimento, reconhecimento e sustentação psíquica. A escolha do parceiro é apresentada como atravessada por aspectos afetivos profundos, incluindo repetições e tentativas de reparação de experiências relacionais anteriores (2013). Essa concepção é plenamente compatível com a Teoria do Apego, segundo a qual, na vida adulta, o parceiro amoroso tende a ocupar o lugar de figura primária de apego.

Quanto às transformações vivenciadas pela família nas últimas décadas, Manfredini (2019, p. 34) aponta que afetaram diretamente o funcionamento da família. Contudo, ela aponta que, apesar das mudanças, essa instituição “continua sendo garantia de proteção e um dos principais eixos da sociedade”. Ainda que a autora se dedique a tratar das relações com o dinheiro, contribui com a percepção da intergeracionalidade e como as dinâmicas das famílias de origem influenciam no novo casal. A autora ainda utiliza Carter e McGoldrik para apontar que “além das influências intergeracionais herdadas nas relações familiares, há também que se considerar o contexto em que a família se constituiu e suas experiências” (1995 *apud* Manfredini, 2019, p. 40)

Nesse contexto, Carter e McGoldrick apontam características únicas da família, a exemplo das formas que adesão e desligamento dos membros desta instituição. Elas afirmam que,

a família possui propriedades basicamente diferentes de todos os outros sistemas. Diferentemente de todas as outras organizações, as famílias incorporam novos membros apenas pelo nascimento, adoção ou casamento e os membros podem ir embora somente pela morte, se é que então. (Carter; McGoldrick, 1998, p. 09)

Para Donati, “a família é um bem relacional e produz bens relacionais se e quando consegue garantir que cada indivíduo possa personalizar o seu papel na rede familiar, ou seja, quando a rede permite que pais e filhos floresçam como “sujeitos relacionais” que amadurecem ao longo do tempo”. (2018, p. 52)

Fornasier ainda complementa quanto às características da família dizendo que “a relação familiar suscita, inegavelmente, a questão da dependência de outros [...] na qual o amor conjugal e a abertura à geração significam assumir um projeto de vida para o outro” (2018, p. 509).

Para Terezinha Fères-Carneiro (2005, p. 12)

quando se trata da família, a compreensão dos seus processos internos passa inevitavelmente pelas noções de intra-subjetividade, intersubjetividade e transubjetividade como referências que permitem o discernimento daquilo que é próprio ao sujeito, ao outro e ao campo social. Em outros termos, essas noções permitem, simultaneamente, conceber o sujeito em seu contexto histórico e cultural, o grupo como sujeito coletivo e a sociedade como contorno para ambos: sujeito e grupo.

Esta autora nos faz recordar do contexto ambiental e sua influência sobre o comportamento do sujeito, quando se debruça sobre eles e apresenta como estão imbricados. Contudo, neste estudo, nos dedicaremos mais aprofundadamente ao ambiente familiar.

Por isso, quanto às relações familiares mais estritas, para Petrini e Dias (2016, p. 19) “significa compreender em primeiro lugar os vínculos entre o casal e, num segundo momento, as relações entre pais e filhos, procurando reconhecer as diversas modalidades das dinâmicas que constituem o casal e as relações familiares que, assim resultam delineadas”. Neste contexto,

ainda que sob uma ótica invertida das relações, onde se torna fundamental primeiro compreender os vínculos construídos entre pais e filhos, e mais especificamente entre mãe-bebê para só assim analisar as relações conjugais da próxima geração, a compreensão dos autores torna mais clara a conexão que existe entre essas relações.

Em contrapartida ao que defendem Petrini e Dias sobre a família e a importância de reencontrar a sua representação e papel social mais tradicional, Walsh (2016) propõe uma revisão do que se considera normalidade na família e conseqüente aceitação de uma variedade de arranjos familiares que se dão na sociedade contemporânea que não impactam no bem-estar dos seus membros. Sobre a sua proposta, a autora “apresenta uma visão global, procura expor nosso conhecimento da diversidade e complexidade das famílias contemporâneas” (Walsh, 2016, p. 03).

Com base na evolução da família nos séculos XX e XXI, momento em que houve grande diversificação de modelos, passando da família nuclear patriarcal para uma pluralidade de formatos, impulsionada por fatores como a afirmação dos direitos individuais, maior participação da mulher no mercado de trabalho, flexibilização das hierarquias e a valorização da subjetividade e do afeto é possível validar que pensamentos contemporâneos se distingam de fato, como ora apresentado através de estudiosos sobre o tema. (Munhoz, 2001)

Com o casamento não foi diferente, visto que ele é parte e, principalmente de onde se oriundam as novas famílias. Para Munhoz (2001, p. 28-29), a década de 1980 foi marcada por discussões de gênero e o surgimento de noções de igualdade entre homens e mulheres no Brasil. “De fato, os movimentos históricos, socioeconômicos e culturais têm influenciado, em demasia, os modelos de comportamento feminino e masculino, exigindo reformulações das regras familiares”

Munhoz (2001, p. 31) então, em consonância com os estudos desenvolvidos por Bauman, Donati, Petrini, Dias e Fornasier, caracteriza a conjugalidade contemporânea como marcada

pelo individualismo, o que estimula sua instabilidade e constantes reformulações de projetos, com o enfraquecimento dos laços afetivos e dos valores éticos nas relações. Aceitam-se a heterogeneidade, a descontinuidade e a efemeridade dos relacionamentos, como reflexo dos ideais da pós-modernidade

Aboim (2006, p. 215) contribui com a análise da conjugalidade contemporânea quando afirma que “a preocupação com a diversidade do funcionamento da família conjugal, sustentada na ideia de privatização dos comportamentos familiares, abriu caminho [...] para o desenvolvimento de várias abordagens que voltaram o olhar para a dinâmica interna da família”.

Apontando outros estudos, Ferreira, Pereira e Paredes (2013) investigaram a relação entre apego aos pais, características das relações românticas, estilo de vida, sintomatologia física e psicológica em estudantes universitários portugueses, com idades entre 17 e 29 anos. Os resultados indicaram que o apego aos pais na idade adulta está significativamente associado à saúde física e mental e à qualidade das relações românticas. Jovens que percebem maior inibição da exploração e da individualidade por parte dos pais apresentam mais sintomas físicos e psicológicos. Por outro lado, uma maior qualidade do laço emocional com pai e mãe associa-se a menores níveis de sofrimento psicológico.

As autoras fundamentam-se pelos pressupostos centrais da Teoria do Apego, ao considerar que as experiências precoces com as figuras parentais dão origem a modelos internos dinâmicos que organizam o funcionamento emocional, relacional e comportamental ao longo do desenvolvimento (2013).

Para uma melhor compreensão da conjugalidade contemporânea, como proposto neste capítulo, considera-se fundamental embarcar em profundidade nos conceitos sobre o ciclo vital familiar, e mais profundamente nas etapas apresentadas por Ceneide Cerveny, que tangencia a todo momento as relações conjugais.

4.1 CICLO DE VIDA DA FAMÍLIA

Com base na proposição dessa pesquisa e da teoria escolhida para norteá-la, que se dedica a compreender o processo de construção dos comportamentos de apego na primeira infância, para então explicar como esses comportamentos reverberam pelo transcorrer da vida e em todas as relações que são construídas pelo ser humano, torna-se relevante apresentar aqui percepções da teoria do ciclo de vida da família, afim de elucidar com ainda mais clareza os impactos das relações sociais na definição das representações internas e externas.

Sobre a família, Minuchin (1982, p. 52) afirma que

a família sempre tem passado por mudanças que correspondem às mudanças da sociedade. Tem assumido ou renunciado funções e proteção e socialização de seus membros em resposta às necessidades da cultura. Neste sentido, as funções da família atendem dois diferentes objetivos. Um é interno – a proteção psicossocial de seus membros. O outro é externo – a acomodação a uma cultura e a transmissão dessa cultura.

Sendo a família responsável pelas funções apresentadas por Minuchin, compreender como a Teoria do ciclo de vida tem se modificado no transcorrer dos séculos XX e XXI oferecerá suporte quanto à importância dessa instituição na construção dos sistemas de apego dos seus membros. Esse autor ainda aponta que “a experiência humana de identidade tem dois elementos: um sentido de pertencimento e um sentido de ser separado. O laboratório em que estes ingredientes são misturados e administrados é a família, a matriz da identidade” (Minuchin, 1982, p. 53)

Oriunda da Ciências Sociais, a Teoria do Ciclo Vital da família se apresenta a partir do quadro conceitual do Desenvolvimento Familiar, ou seja, um processo contínuo de crescimento e transformação que ocorre dentro de um grupo familiar ao longo do tempo, englobando aspectos emocionais, sociais e psicológicos de seus membros onde o desenvolvimento das famílias é pautado por fases, como acontece também no desenvolvimento dos indivíduos.

Conforme aponta Cerveny (ano), o ciclo vital familiar é composto pelo ciclo vital individual de cada um dos seus membros e pelo ciclo intergeracional familiar. Nesta construção os ciclos interagem entre si e sofrem influência das gerações passadas. Esse complexo sistema ainda, segundo a autora, “opera de acordo com alguns princípios básicos, mas de uma maneira particular que é determinada por inúmeros fatores como o social, o cultural e o econômico entre outros” (Cerveny, 2002, p. 02)

Carter e McGoldrick, referências de Cerveny para compreender o ciclo vital familiar, visto que apresentam uma literatura completa sobre o tema, ainda que sob a ótica da sociedade americana e suas características culturais, apontam que (2014, p. 01 tradução nossa) “nascemos em famílias. Elas são a base das nossas primeiras experiências de mundo, dos nossos primeiros relacionamentos, do nosso primeiro senso de pertencimento a um grupo”. Ainda complementam afirmando que “o desenvolvimento humano toma forma à medida que se move e evolui através da matriz do ciclo de vida familiar, inserido no contexto sociocultural mais amplo.”

As autoras propõem estágios do ciclo vital da família, que apesar de ter foco no jovem adulto, alcançam o estágio de formação de casais e em seguida das famílias com filhos pequenos. Neste contexto, apresentam a transição da conjugalidade para a parentalidade, percebendo agora a família como um sistema. Macedo e Kublikowski (2016, p. 35) apontam que neste estágio “a tarefa que se impõe é que os adultos avancem uma geração para cuidarem da geração mais jovem [...]”.

Todos os problemas humanos são moldados pelo curso formativo do passado da nossa família, pelas tarefas presentes que ela tenta dominar e pelo futuro ao qual aspira. Assim, o ciclo de vida familiar e o contexto social mais amplo em que está inserido constituem a estrutura natural na qual concentramos a nossa compreensão da identidade e do desenvolvimento individual. (Carter; McGoldrick; Garcia-Preto, 2014, p. 01)

Cerveney e Berthoud (2009) se debruçaram sobre os modelos de ciclo vital familiar identificados anteriormente e desenvolvem pesquisas sobre como pais e mães se percebem nas diferentes fases do ciclo vital. Como resultado destas pesquisas, as autoras caracterizam o ciclo de vida familiar em quatro etapas, quais são elas:

1. Fase de aquisição – Considerada a característica mais central de todo o ciclo vital, a aquisição dá nome à primeira etapa pois é nela que a família encontra condições materiais de sobrevivência e do modelo familiar próprio, baseados nos modelos das suas famílias de origem. As autoras apontam desta forma, que nesta fase se inclui a escolha do parceiro, a formação do casal, a chegada do primeiro filho e a vida com os filhos pequenos;
2. Fase adolescente – com filhos crescendo rapidamente, enquanto ocorrem reflexões e balanços conjugais;
3. Fase madura – considerada a etapa mais longa do ciclo vital e marcada pelo processo de envelhecimento e saída dos filhos de casa. Considerada agora uma relação entre iguais, todos os membros adultos continuam convivendo;
4. Fase última – Etapa caracterizada pela saída de alguns membros, luto por morte, aposentadoria, entre outras rupturas.

O modelo apresentado acima, fruto de profundos estudos das autoras sobre os que foram criados anteriormente, norteará esta pesquisa, ainda que não exista a intenção de diferenciar os comportamentos apresentados pelos pesquisados a depender da etapa do ciclo que esteja

vivenciando. De qualquer forma, podem surgir no transcorrer das narrativas conteúdos relevantes que se associem à fase vivenciada pelo casal.

Retomando o aprofundamento das características da etapa inicial do ciclo vital proposto por Cerveny e Berthoud (2002), podemos subdividi-la entre os fenômenos que ocorrem nesta fase, a começar pela união do casal, que envolve o processo de conquista, o processo inicial da união, a adaptação e em alguns casos o recasamento. Este fenômeno prevê acontecimentos como apaixonamento, análise das diferenças e adaptação, consolidação e definição de novos papéis, afastamento da família de origem e adaptação a uma nova família, em caso de recasamento.

O segundo fenômeno apresentado pelas autoras (Cerveny; Berthoud, 2002) é o “construindo a vida a dois”, que contempla ainda um processo de adaptação e a experimentação de novos sentimentos, construção da cumplicidade e assim de fato a relação. Para tanto, alguns acontecimentos são percebidos como o enfrentamento de novas situações, insegurança e admiração, descoberta dos modelos de comunicação, respeito à individualizada e compartilhamento da vida.

O terceiro e último fenômeno da fase de aquisição apresentado por Cerveny e Berthoud (2002) é a “vivendo a parentalidade”, que tem como característica principal a decisão de ter filhos e a sua chegada. Isso envolve o sentido de mudança, divisão das atenções e ciúmes, o desejo ou não de filhos, filhos planejados ou não planejados.

Outras subcategorias da fase de aquisição foram relacionadas pelas autoras, que apresentam sentimentos e comportamentos percebidos à medida que desenvolviam suas pesquisas. As famílias pesquisadas apresentaram ainda medo de aproximação, despedida, manutenção da independência, realização de sonho, estabelecimento de metas, foco na vida, planejamento do futuro, renegociando relações, tentativa de reorganizar a vida, conflito, divisão de tarefas, mudança de padrões, alguém no meio (filhos), entre outras.

A fase seguinte do ciclo, adolescente, também foi categorizada em “Reajustando as lentes: reconfigurando as relações pais/filhos” e “vivendo novo ritmo na vida em família”. Na primeira categoria foram identificadas subcategorias como sentindo culpa, rompendo padrões, adaptando-se ao filho e sentindo medo, enquanto a segunda abarca subcategorias como ruptura da hierarquia e mudança de fronteiras, medo da separação e afastamento do casal. As autoras (Cerveny; Berthoud, 2002) apontam ainda, outras subcategorias associadas à etapa adolescente do ciclo vital familiar que ratificam os fenômenos que ocorrem nesta fase.

Já a fase madura foi dividida em “remodelando as relações”, “adaptando-se às mudanças: acomodando a estrutura e funcionamento da família”, “enfrentando desafios e olhando para o futuro”. Nelas estão contidas as subcategorias apresentadas aqui de forma subsequente. No primeiro fenômeno percebido estão as subcategorias de despedida dos filhos e pais deixando partir, construção de um modo diferente de parentar, voltando o olhar para o casamento e trazendo a bagagem da vida, ressignificação da relação conjugal (renovando ou rompendo laços). O segundo fenômeno envolve o sentido de continuidade, mas também de finitude, de repensar mais uma vez os papéis (cuidados com os netos e com as gerações mais velhas). O terceiro e último fenômeno desta fase é composto pela busca de novos objetivos, como o cuidado com a saúde e voltar a estudar.

A fase última foi categorizada como “fazendo retrospectiva”, “vivendo o presente” e “fechando ciclo”, sendo que a primeira categoria se compõe por atravessamento de crises, mas persistindo na relação e acompanhamento da ascensão dos filhos, enquanto a segunda é composta pela relação com noras e genros e busca por manter o vínculo com os filhos, exercício tanto da parentalidade como a função de casal e convivência com vários modelos.

Ratificando as percepções apresentadas, bem como a importância delas para esse estudo, Bee e Boyd (2011, p. 308) afirmam que

naturalmente, os adultos não são tão dependentes de seus parceiros ou amigos quanto as crianças são de seus pais. Contudo, há um certo tipo de segurança que um adulto obtém de estar em tal relacionamento; saber que se pode contar com a aceitação e o apoio de um parceiro romântico ou de um amigo íntimo não importa o que aconteça é semelhante em muitos aspectos à função de base segura que os relacionamentos de apego exercem para as crianças.

As contribuições do ciclo vital familiar, seus modelos e as descobertas de pesquisadores sobre o tema serão fundamentais para a compreensão e análise das descobertas advindas da pesquisa, visto que a teoria do apego oferece as estruturas representacionais internas construídas na infância, mas que condicionam os comportamentos na vida adulta. Comportamentos estes, que são apresentados com grande clareza por Cerveny e Berthoud nos seus estudos.

As autoras supracitadas retomam as pesquisas em 2011 com o intuito de atualizar os fenômenos e suas subcategorias, baseadas na dinâmica social que tende a modificar as relações. Elas observam novas formas de união e a busca por parceiros de mais idade e com filhos adolescentes e/ou adultos. Este contexto sobrepõe fases do ciclo vital familiar proposto (2002).

Quanto a essa sobreposição identificada nos estudos de Cerveny e Berthoud, cabe ressaltar o que Carter e Mcgoldrick falam sobre estresse familiar e sintomas. Elas afirmam que “o estresse familiar é geralmente maior nos pontos de transição de um estágio para o outro no processo desenvolvimental familiar e os sintomas tendem a aparecer mais quando há uma interrupção ou deslocamento no ciclo de vida familiar em deslocamento” (1998, p. 08) e ainda complementam dizendo que esses “estresses familiares, que costumam ocorrer nos pontos de transição do ciclo de vida, frequentemente criam rompimentos neste ciclo e produzem sintomas e disfunção” (1998, p. 11).

Os casais revisitados apresentam maior busca pela individualidade, inclusive no ambiente doméstico. Alguns até optam por possuírem residências separadas. Além disso, a escolha pelo filho único, escolas com horários ampliados e estruturas de lazer coletivas nos edifícios e condomínios remetem as autoras à dialética entre a qualidade de vida escolhida e a necessidade de proximidade e aconchego.

Essa busca por individualidade é contestada por Donati quando afirma que

a teoria da individualização do casal e do casamento é substancialmente falsificada; na verdade, no casal os indivíduos procuram a sua identidade autônoma, mas esta se constitui apenas na trama relacional que conecta as famílias de origem e as redes primárias (amigos, trabalho, cotidiano relacional) nas quais os parceiros estão inseridos. (2018, p. 57)

Esta afirmativa contribui para reflexão sobre a influência das famílias de origem, o que Donati chama de “trama relacional”, propiciando encontrar sistemas de comportamentos construídos a partir das experiências vivenciadas nesta trama.

Petrini e Dias ratificam as mudanças ocorridas no contexto da parentalidade contemporânea. Eles afirmam que “as relações pais e filhos também são amplamente redefinidas neste cenário. Primeiro, com a redução significativa do número de filhos, [...], dificuldades de compatibilizar as exigências do trabalho com as da família e, por fim, do adiamento das uniões familiares” (2016, p. 21).

Cerveny e Berthoud ainda analisam a adolescência precoce e a maturidade postergada percebidas nesta nova pesquisa. Além da Síndrome do Ninho Vazio se apresentando nas famílias contemporâneas, menos comum no Brasil até então. E por fim apontam a ampliação da fase última por conta da longevidade da pessoa idosa.(2002).

“As relações mais fluidas da Pós-Modernidade, a globalização, os meios de comunicação influíram também nos vínculos familiares. A estrutura e a dinâmica da família acompanharam essas mudanças, sem, no entanto, fazer com que ela perdesse sua importância.” (Cervený, 2001, p. 20). Neste contexto, Carter e McGoldrick (1998, p. 13) complementam afirmando que

os fatores culturais também desempenham um papel maior na maneira pela qual as famílias passam pelo ciclo de vida [...]. Também devemos reconhecer a tensão que o índice de mudança imensamente acelerado coloca nas famílias hoje em dia, quer as mudanças sejam para melhor, quer para pior.

Froma Walsh (2016, p. 07) desenvolve sua análise com um tom mais crítico a considerar que uma trajetória normativa do ciclo vital, com sequência de estágios prevista é modelo de normalidade, visto que tende a estigmatizar as famílias cujo ciclo vital ocorre de forma diferente. Ela exemplifica para esclarecer, apontando que “mulheres que permaneciam solteiras ou “sem filhos” eram amplamente julgadas como se tivessem vidas incompletas”

Retornando ao contexto da conjugalidade, mas ainda sob a ótica de Carter e McGoldrick (1998, p. 18), “o casamento tende a ser erroneamente compreendido como uma união de dois indivíduos. O que ele realmente representa é a modificação de dois sistemas inteiros e uma sobreposição que desenvolve um terceiro sistema”.

Entende-se então, que o apego atua como um fenômeno intergeracional desenvolvido na infância dos membros do casal, podendo, segundo Carter e McGoldrick (2001), ser atravessado por estressores verticais na medida em que os vínculos afetivos foram estabelecidos entre as gerações e por estressores horizontais esperados, presentes nos estágios do ciclo vital. Como estressores verticais, as autoras apontam os padrões, mitos, segredos e legado familiar, enquanto os estressores horizontais são divididos em esperados, que correspondem às próprias etapas do ciclo e não-esperados, como morte precoce e gravidez na adolescência.

Em se tratando das relações familiares, Erik Erikson (1998, p 49) aponta que

[...] poderíamos mais uma vez seguir os estágios do desenvolvimento e estudar a maneira pela qual, em determinadas línguas, as paternidades e maternidades, as irmandades do “nós” passam a compartilhar uma identidade conjunta experienciada como extremamente real. Mas [...] é necessário reformular o próprio conceito de uma realidade que, como critiquei no início, é muito frequentemente vista como um “mundo externo” ao qual devemos nos ajustar.

Para Erikson (1998, p. 62), ainda que o processo de adaptação a novas realidades ocorra, sendo essas adaptações orientadas pelo ego, o sujeito já absorveu experiências adaptativas e introjetou identificações intensas. Ele continua sua reflexão dizendo que “as energias afetivas são colocadas à disposição do ego durante o desenvolvimento e agora trabalham para a imersão das capacidades em amadurecimento no mundo fenomenal e comunal”

Quando Petrini e Dias (2016, p. 25) apontam que

os estudos sobre família contemporânea podem ser um estímulo à reflexão dos casais, reintroduzindo aspectos da racionalidade para avaliar a conveniência de decisões que orientam a existência, a oportunidade de cada passo a dar, tendo em vista um horizonte de vida familiar que tende a ser definido de modo mais crítico.

Eles concordam com a perspectiva das teorias cognitivas, a exemplo da teoria do apego, pois apesar de os afetos, vínculos e emoções serem fundamentais para compreendê-las, a proposta sempre está pautada na racionalização desses sentimentos e assim compreensão de como funcionam os sistemas de comportamento, seja do próprio sujeito ou do seu cônjuge.

Semensato e Bosa (2013) analisam o conceito do que chamam de conceito de script de apego compartilhado, que trata de um conjunto de expectativas, crenças, emoções e comportamentos, construído mutuamente pelos parceiros conjugais e que orienta como o casal percebe, responde e regula situações de necessidade emocional.

Assim sendo, torna-se relevante compreender como os sistemas de apego se apresentam na vida adulta, bem como refletir sobre a possibilidade de reorganização e adaptação do comportamento à medida em que o sujeito reconhece os padrões estabelecidos e como eles impactam nas relações afetivas. Neste contexto, a percepção de Walsh (2016, p. 08) sobre família funcional e família disfuncional contribui para a reflexão quanto à capacidade de adaptação de indivíduos com apego inseguro vivenciarem um ciclo vital mais harmônico, na busca do bem-estar esperado. Ela afirma que “funcional significa essencialmente viável. Refere-se à utilidade dos padrões familiares no atingimento das metas da família, incluindo tarefas instrumentais e o bem-estar socioemocional dos membros da família”. Enquanto ela aponta que “disfuncional, num sentido puramente descritivo, refere-se simplesmente a padrões familiares que não estão funcionando e estão associados a sintomas de sofrimento – independentemente da fonte do problema”

A autora complementa essa visão acerca dos modelos de família, processos de adaptação e funcionalidade, listando tendências que tornam a família tradicional mais fluida na contemporaneidade. São elas: Variações nos formatos familiares, variações nos papéis de gênero e relações, crescente diversidade cultural: sociedade multicultural, crescente disparidade socioeconômica, curso de vida variado e ampliado. (Walsh, 2016). A partir desta categorização, Walsh propõe pensar a família como uma instituição em transformação e a necessidade de uma visão mais “pluralista das famílias normais”.

Neves (2015, p. 103) encerra o debate sobre o vital alertando para a complexidade de analisar as suas fases.

O estudo do Ciclo Vital Familiar oferece um panorama do desenvolvimento da vida familiar em suas diversas fases, apontando as tarefas evolutivas a serem desenvolvidas pelos membros do sistema familiar em cada uma de suas etapas. As fases não podem ser rigidamente determinadas, já que às vezes podem ocorrer sobreposições e uma avançar sobre a outra, e ao se pensar em olhar a família numa perspectiva sistêmica, e considerando o seu ciclo vital englobando aspectos individuais, sociais, relacionais, culturais pode-se deduzir a dificuldade em caracterizá-la nas fases ao longo do ciclo, o que justifica os poucos estudos e pesquisas relativos ao tema

As reflexões sobre o Ciclo Vital Familiar e como a conjugalidade é apresentada sob a perspectiva desta teoria oferecem contribuição para uma melhor compreensão do comportamento individual no contexto da família, definição de papéis, bem como condições adversas que impulsionam o sujeito ao uso dos seus modelos internos operativos.

4.2.AS RELAÇÕES DE APEGO NA VIDA ADULTA

Partindo do pressuposto de que este estudo toma como principal referência a teoria do apego e ela se baseia nos vínculos construídos na infância, que repercutem durante toda a vida, inicialmente poderia parecer um contrassenso dedicar uma parte deste estudo ao apego adulto. Contudo, cabe ressaltar que, a partir da compreensão dos modelos de funcionamento que foram estabelecidos, os indivíduos poderão avaliar as respostas apresentadas nas relações sociais e identificar estratégias de controle e ajuste do comportamento.

Assim contemporizam Matos e Costa (2016, p. 47), quando afirmam que

se a natureza e a qualidade das relações emocionalmente significativas que ocorrem na infância parecem influenciar o modo como o indivíduo se relaciona com os outros e com o mundo na sua vida adulta, os contextos de vinculação no jovem e no adulto podem criar oportunidades muito importantes para reorganizações pessoais, desconfirmando e inviabilizando asserções acerca de si próprio.

Ainda que possamos afirmar que as relações de vinculação do adulto com os pais se transformam, as situações de perda e os processos de luto que elas desencadeiam nos levam a refletir que as vinculações significativas da infância perduram no tempo. Acontecimentos considerados não-normativos, ou seja, que não estão previstos em cada fase do desenvolvimento ou do ciclo de vida, tendem a acionar os recursos dos modelos estabelecidos na relação com as figuras de apego na infância, ainda que esse indivíduo vivencie a reorganização e adaptação pessoal, como proposto por Matos e Costa (1996).

As autoras ainda complementam e ratificam a complexidade para a adaptação dos comportamentos quando afirmam que “por vezes, assistimos a dificuldades acentuadas no processo de individuação dos pais e à existência de condições familiares que favorecem a dependência em detrimento daquilo que poderíamos chamar de vinculação autônoma.” (Matos; Costa, 1996, p. 49)

Bowlby (2024) é enfático em afirmar que a separação da mãe, por exemplo pode ter efeitos duradouros sobre a saúde mental e desenvolvimento do bebê com repercussão durante toda a vida, a exemplo da depressão no adulto. Neste sentido, a pesquisa desenvolvida por Becker e Crepaldi (2020, p.239) para mapeamento das publicações sobre o tema confirmam a influência sistemas de apego da infância na vida adulto quando afirmam que

os laços afetivos constituem-se o alicerce fundamental das relações humanas, ao longo de todo o ciclo vital. Na interação com os principais cuidadores, as crianças desenvolvem modelos internos dinâmicos – representações mentais sobre si mesmas, dos outros e o que devem esperar destas relações. É por meio de tais modelos que os esquemas precoces afetivos se refletem na personalidade dos indivíduos e exercem influência nas relações futuras, durante toda a sua vida.

Montoro (2004, p.102) também defende que “o modo como se configuram as primeiras relações tende a funcionar como filtros utilizados para criar expectativas que influenciam nas escolhas pessoais, ações e relacionamentos que venham a se estabelecer em diversos contextos, como familiar, conjugal, profissional ou social”.

Nos adultos, a necessidade de segurança proporcionada pelas figuras de apego, apesar de menos evidente, continua presente e tende a aparecer quando a pessoa está consternada, doente, assustada ou enlutada. No contexto do casamento, estudos da teoria sistêmica apontam que, por conta da conexão dos seus membros no novo sistema familiar é possível que haja interação e trocas entre os seus estilos de apego, o que favoreceria o suporte do indivíduo de apego seguro ao de estilo de apego inseguro.

A teoria sistêmica, ainda que não seja o centro deste estudo, oferece subsídios para compreensão do Ciclo Vital Familiar e das interações e trocas que ocorrem na família, principalmente aqui, na conjugalidade. A ideia da família como um sistema, composta por seus subsistemas pode ser associada aos estilos de apego individuais que coexistem no novo casal. Carter e McGoldrick (2014) ratificam as afirmativas sobre a família e a conjugalidade quando apontam que a família está em constante movimento, e as pessoas que a constituem são vinculadas por uma ligação emotiva e um sentimento de pertença ao grupo. O mesmo acontece em relação aos subsistemas como o conjugal, por exemplo.

Enquanto a teoria sistêmica contribui de forma ampla para a compreensão do apego no sistema familiar, a contribuição da teoria do apego permite a compreensão das dificuldades e potencialidades do subsistema do casal, como, da relação nas díades entre pais e filhos e da intimidade na relação de casais, na influência dessas díades na relação familiar.

Sob uma ótica agora mais psicanalítica, Magalhães e Fères-Carneiro (2005, p. 31) também contribuem quanto à compreensão da importância do afeto entre pais e filhos, o que chamam de transmissão psíquica geracional, construindo assim o legado familiar. Para elas, o afeto é o motor da subjetivação e “o legado familiar disponibiliza elementos da trama identificatória, inscrevendo o sujeito na filiação e favorecendo a configuração de resoluções criativas ou repetitivas na transformação do afeto”. Podemos então propor a reflexão sobre o comportamento do sujeito adulto estar associado ou até mesmo ser regido pelo legado familiar, pelos padrões de afeto que foram direcionados a partir deste ambiente social.

Ainda sob o ângulo psicanalítico, cabe parafrasear Freud, na década de 1920 já apontava que

Todos nós conhecemos pessoas para as quais qualquer relação com o próximo leva sempre ao mesmo desenlace. [...] O que de fato nos surpreende são os casos em que a pessoa parece vivenciar passivamente uma experiência sobre a qual não tem nenhuma influência, só lhe restando experimentar a repetição da mesma fatalidade” (Freud, 2006, p.147).

Seguindo com as explicações sobre o apego, Becker e Crepaldi (2019), oferecem uma pesquisa aprofundada dos estudos que se dedicaram a compreender o apego adulto, fazem descobertas quanto à relevância das repercussões do apego nos subsistemas conjugal e parental e alertam para a necessidade de conhecer como esse fenômeno é desenvolvido em pessoas que já vivenciaram a conjugalidade. Apontam também, que pesquisas com esse tipo de população sobre temas como apego e conjugalidade, apego e parentalidade e apego adulto se tornam ainda mais relevante, dada a escassez principalmente de estudos nacionais até 2019, quando publicaram a pesquisa.

Canavarro, Dias e Lima (2006, p. 156) escolheram utilizar como referencial para os seus estudos sobre apego adulto também a teoria do apego, em Portugal conhecida como teoria da vinculação. Eles apontam que “a possibilidade de avaliar domínios da vinculação do adulto, permitiram que a Teoria da Vinculação tenha vindo a ser utilizada por um número crescente de investigadores, como quadro conceptual de referência, ao estudar aspectos psicológicos diversos relativos à idade adulta”.

Os autores dedicam parte dos seus estudos a analisar a importância da vinculação ao longo da vida, as diferenças individuais, os modelos internos dinâmicos e as abordagens conceituais da vinculação do adulto. Neste último, eles apresentam os conceitos encontrados na literatura, de Berman e Sperling, Shaver e Mikulincer, (1994; 2000 *apud* Canavarro, Dias e Lima, 2006) que sugerem três tipos de conceitualização, a vinculação como estado, que surge da condição das relações com as figuras de apego, a vinculação como tendência para formar relações de vinculação similares ao longo da vida e a vinculação como um processo de interação no contexto de uma relação específica.

Nesse mesmo estudo, os autores (2006) apresentam como estudiosos da vinculação categorizam os estilos de apego adulto, mas sempre comparados aos construídos na infância. Como este estudo tem como referencial a Teoria do apego de John Bowlby, não há a intenção em detalhar as novas categorias propostas. A seguir, associaremos os sistemas de apego às relações amorosas.

4.3 AS RELAÇÕES CONJUGAIS E OS SISTEMAS DE APEGO

A conjugalidade, a relação e o vínculo entre os parceiros referem-se ao laço afetivo e à relação que une duas pessoas. Como explicitado anteriormente, é um subsistema fundamental da família que influencia diretamente o ambiente e o desenvolvimento dos filhos, sendo crucial para a constituição da identidade familiar e do bem-estar dos seus membros. A qualidade da conjugalidade tende a afetar a parentalidade, sendo fundamental para a formação do ambiente familiar e da subjetivação dos filhos, o que ressalta a necessidade de um suporte afetivo e psíquico equilibrado que contribua para a coesão familiar.

Quanto à conjugalidade, Sofia Aboim (2009) aponta a existência de um paradoxo entre o ideal romântico e o investimento da individualidade, o que complementa o pensamento de Fêres-Carneiro (2005), quando afirma que existe um difícil convívio entre a individualidade e a conjugalidade. Para Aboim (2009, p. 110), “ao amor é concedida [...] uma qualidade dual: ele singulariza, apresentando-se simultaneamente como possibilidade redentora em face do lado negro da individualização”.

Se refletirmos que o modelo de apego é construído ainda na infância, ele promove diferenças individuais que refletem nesse contexto apresentado pelas autoras. Os filhos, sob a influência do sistema, se tornarão adultos que formarão novos casais, levando com eles as marcas e esquemas estabelecidos transgeracionalmente. Os sistemas de comportamento estabelecidos na infância reverberarão no transcorrer de todo o Ciclo Vital Individual e Familiar. Nas relações amorosas não ocorre de forma diferente, havendo estabelecido um padrão de apego na infância, o sujeito se utilizará dele também na relação conjugal.

Para Aboim (2009, p. 119) existe uma “[...] pluralidade de orientações amorosas na conjugalidade”, ou seja, “longe de haver um trajeto único ou uma semântica absolutamente dominante de expressão do sentimento, encontramos formas plurais de construção da afetividade na vida a dois”. Sob essa ótica, nas relações amorosas, os cônjuges assumem tarefas, em geral com a esperança de que a assimetria inicial do padrão será no final retificada por uma reação recíproca, de modo que ambos os parceiros receberão em troca dos seus esforços, serviços similares aos que prestaram. As relações amorosas postulam a mutualidade, ou seja, requerem que cada parceiro concorde em assumir simultaneamente os papéis esperados pelo outro.

Ida Kublikowski (2018, p. 01) contribui com a análise de Aboim quando afirma que “o apego seguro a parceiros românticos está relacionado ao bem-estar, que diminui frente a estilos de apego inseguros [...]”. O que também coaduna com as percepções apresentadas por Bowlby, Ainsworth e Solomon em seus estudos, como apresentado anteriormente. Ela ainda complementa apontando que “uma longa tradição acadêmica expõe consistentemente a relação entre estilos de apego, relações sociais positivas e bem-estar, assim como a importância das relações íntimas no ciclo vital dos indivíduos e famílias.”. Assim, essa pluralidade apresentada por Aboim é percebida através de padrões de apego distintos entre os membros do casal, que podem proporcionar bem-estar, mas também conflitos.

Delatorre e Wagner (2021) descrevem o casamento como uma fonte de segurança emocional, onde existe, para além do “Nós”, um eixo “Indivíduo” que abarcam as características pessoais, valores, tolerância, empatia e flexibilidade de cada membro do casal. Essa percepção, pode ser associada ao conceito de base segura de Bowlby (2025) de que existem modelos internos de funcionamento, formados a partir das experiências precoces dos parceiros, e que vínculos seguros permitem que o indivíduo explore o mundo sabendo que pode retornar a uma base confiável.

Simpson e Rholes (2010, p. 174, tradução nossa) concordam que os modelos de trabalho identificados por Bowlby

abrangem não apenas memórias de experiências com figuras de apego anteriores; eles também afetam visões de figuras de apego posteriores, atitudes e crenças sobre apego, regras condicionais (“se/então”) que orientam o comportamento, objetivos de apego e conhecimento procedural relacionado à obtenção de objetivos.

Para os referidos autores, os estilos de apego determinam como será o comportamento nas relações amorosas, a exemplo dos estilos evitativo e ansioso, que são marcados por sentimentos, pensamentos e comportamentos disfuncionais. O indivíduo inseguro ansioso tende a subestimar o apoio das suas figuras de apego, enquanto o inseguro evitativo oferecem menos apoio ao parceiro. Já indivíduos com apego seguro, segundo eles, tendem a cuidar do parceiro de forma mais altruísta (Simpson; Rholes, 2010).

Os estudos sobre o tema são recentes e propõem analisar como as diferenças individuais nos estilos de apego em adultos afetam diversos processos e resultados de relacionamento.

Neste contexto, o objetivo desta pesquisa é encontrar hipóteses para esses impactos, especificamente nas relações conjugais, que, segundo Simpson e Rholes “no campo do apego adulto, precisamos desenvolver modelos normativos que especifiquem como *ambos* os parceiros em um relacionamento de apego se afetam mutuamente, particularmente em situações relevantes para o apego” (2010, p. 177, tradução nossa)

Judith Siegel (2005, p. 03) contribui com a reflexão sobre a influência dos pais nas relações conjugais de seus filhos quando aponta que

os filhos são observadores sutis do casamento dos pais. Sem você se dar conta, seus filhos estão prestando atenção a todos os detalhes do seu casamento, dos menores aos maiores. [...] os filhos costumam perceber muito mais do que os pais imaginam - seja um gesto de carinho ou um olhar hostil. Seu filho [...] está tirando suas conclusões sobre como é a vida de casado. Essas conclusões ficam permanentemente “impressas” em suas crenças e expectativas, e vão prepará-lo para quando chegar a hora de viver o próprio relacionamento conjugal.

Apesar de Siegel apontar o contexto cultural como o meio para o estabelecimento de crenças, sempre exemplifica crenças construídas a partir da relação com os pais, o que nos remete aos modelos operativos internos apresentados por Bowlby. Ambos, Crenças de modelos operativos internos construídos na infância, estabelecem o comportamento dos indivíduos no transcorrer da vida. A autora (Siegel, 2005, p. 09) afirma que

é necessário enfatizar o poder dessas crenças antigas. O conhecimento “tácito” adquirido na infância forma as crenças que ajudam a pessoa a entender como a cultura é transmitida de geração em geração. Mesmo quando a pessoa é exposta a um ambiente diferente na vida adulta, ela continua adepta das crenças, valores e expectativas adquiridos em casa na infância.

Esta autora ainda contribui com este estudo quando aponta a existência de um “casal internalizado”, onde um modelo de casamento é baseado nas primeiras experiências familiares, momento em que a criança ainda desconhece o que representa de fato a conjugalidade. Desta forma, é possível que condições mais hostis sejam incorporadas ao sistema de crenças como intrínseco às relações maritais. “O casal interno não representa um fato que a criança voluntariamente escolhe, mas uma poderosa referência emocional na vida da criança (e do futuro adulto)” (Siegel, 2005, p. 11)

Kublikowski (2018, p. 02) retoma a conexão entre os estilos de apego e as relações românticas apontando que “Os estilos de apego romântico refletem-se consistentemente nas estratégias de busca e manutenção dos pares, sendo o apego seguro positivamente relacionado a relações de longo prazo, ocorrendo o inverso em relação ao estilo de apego evitativo/ansioso.”. A partir dessas descobertas, a autora propõe “investigar se há relação entre estilo de apego romântico e nível de bem-estar psicológico”, visto que outros estudiosos sobre o tema já apontam que os estilos de apego na infância são a origem de algumas patologias que serão diagnosticadas na vida adulta. Essa relação entre os estilos de apego romântico e o estado de bem-estar psicológico do casal ainda não havia sido centro de estudos até ali. As pesquisas haviam se dedicado a analisar as diferenças no comportamento de apego relacionada ao gênero ou idade, bem como as condições patológicas.

Hazan e Shaver (1994 *apud* Becker; Crepaldi, 2020, p. 240) afirmam que

a Teoria do Apego, aplicada aos relacionamentos adultos salienta que o tipo de apego e o modo de se relacionar desenvolvidos na infância servem como um indicativo nas relações afetivas futuras. Desta forma, a satisfação conjugal estaria relacionada ao tipo de apego do indivíduo, estabelecido com seus primeiros cuidadores.

Partindo dessa afirmativa então, o amor romântico pode ser entendido como uma forma de apego, que se desenvolve a partir dos diferentes estilos de apego adulto, como manifestações dos modelos construídos na infância. Neste contexto, estudar os vínculos afetivos familiares, no decorrer do ciclo de vital, em especial na etapa adulta ganha relevância científica e social, dada a escassez de referências. Lacuna maior se dá nos estudos da “relação triádica” que é estabelecida entre o apego dos membros do casal na infância e suas repercussões sobre o vínculo conjugal e parental; cuja compreensão pode promover reflexões contundentes acerca do desenvolvimento psicossocial da família. (Becker; Crepaldi, 2020)

As autoras concluem, através do mapeamento de estudos sobre o apego do casal na infância e as repercussões sobre o vínculo conjugal que,

apesar do constante interesse pela Teoria do Apego e seus estudos derivados em âmbito empírico, clínico e teórico, não foi encontrada nenhuma pesquisa entre os critérios estabelecidos que integrasse, em um único estudo, a relação triádica, estabelecida entre o apego do casal na infância e suas repercussões sobre o vínculo conjugal e parental (Becker; Crepaldi, 2019, p. 253)

Diante das descobertas de Becker e Crepaldi, ainda que este estudo não tenha por objetivo se debruçar sobre os novos modelos de dinâmica familiar apresentado por Walsh anteriormente, será possível refletir como os indivíduos pesquisados repercutem na conjugalidade os seus estilos de apego, já sob a ótica dos diferentes modelos de relação familiar.

Simpson e Rholes (2010) oferecem norte à análise dos sistemas de apego nas relações conjugais quando, em seus estudos apresentam como indivíduos, a partir dos seus estilos de apego, lidam com a sexualidade. Eles apontam que indivíduos inseguros evitativo se envolvem menos intimamente, estando mais propensos a sexo casual e sem compromisso, evitando assim intimidade emocional. Enquanto indivíduos inseguros ansiosos se envolvem em atividades sexuais para se sentirem amados, evitar a rejeição e fortalecer seus laços de apego mais frágeis. “Assim, os achados sobre sexualidade indicam que as orientações de relacionamento associadas aos estilos de apego adultos são transferidas para a esfera sexual”. (Simpson e Rholes, 2010, p. 175)

As descobertas não se encerram para Simpson e Rholes (2010, p. 175). Após vasta pesquisa, eles complementam com relatos de pessoas com apego inseguro sobre o processo exploratório, que se associam a novas relações amorosas. As descobertas apresentadas ratificam o impacto do sistema de apego no sistema exploratório, como Bowlby (2002) antecipou.

Pessoas altamente evitativas e ansiosas, por exemplo, relatam menos interesse em exploração. Após se envolverem em atividades exploratórias, relatam menos prazer e maior ansiedade. Além disso, pessoas mais evitativas relatam ser menos curiosas, e tanto pessoas mais evitativas quanto ansiosas apresentam maior fechamento cognitivo.

Um ponto de vista também extremamente relevante dos autores é a de que, a partir dos conceitos da Teoria da Interdependência² seria possível identificar como os casais lidam com os comportamentos inseguros no transcorrer do tempo, em relações de mais longa duração. Eles apontam que, “uma maior dependência de um parceiro impede que pessoas evitativas ajam mal com seus parceiros quando estão com medo ou chateadas” e se questionam como “esses constructos de parceiro e relacionamento, centrais para a Teoria da Interdependência, podem

² A Teoria da Interdependência é uma estrutura da psicologia social que estuda como os relacionamentos interpessoais são moldados pela interdependência mútua entre os indivíduos, ou seja, como uma pessoa influencia a experiência da outra, e vice-versa. Ela explica que a forma de relacionamento depende de como a situação de interação é estruturada e como os participantes percebem seus resultados. A teoria explora a influência dessas interações nos comportamentos e atitudes.

levar pessoas com apego inseguro a se tornarem mais seguras ao longo do tempo” (Simpson; Rholes, 2010, p. 177-178).

Bowlby (2002) acreditava que os estilos de apego deveriam mudar de forma padronizada e previsível em resposta à forma como as pessoas são tratadas por figuras de apego em diferentes fases do desenvolvimento social, o que nos leva a concordar com as reflexões de Simpson e Rholes. Para além desses autores, Wladimir Porreca aponta que o processo de adaptação dependerá da capacidade do indivíduo para tal.

A construção da relação conjugal supõe considerar que cada membro do casal traz para a relação as suas vivências, seus esquemas e concepções, bem como seus ideais e crenças, que podem estar ativos ou latentes. Os elementos individuais, de fato, irão influenciar a vida do casal, dependendo do grau de envolvimento das pessoas, dos esquemas mais primitivos e da capacidade de adaptação. (Porreca, 2019, p. 07)

Sob essa mesma ótica, Patrícia Scheeren (*et al*, 2015, p. 838) analisam como ocorrem resoluções de conflitos entre os casais com base nos seus estilos de apego. Apontam que o modelo operacional interno proposto por Bowlby, já apresentado anteriormente, “tende a guiar afetos e comportamentos específicos durante interações com figuras de apego e levando-se em conta que o parceiro amoroso se torna a figura de apego na vida adulta, estudos têm demonstrado relação entre estratégias de resolução de conflitos e estilos de apego”.

Elas utilizam a Escala de Apego Adulto (EAA) de Collins e Read (1990 *apud* Scheeren *et al*, 2015) para medir a dependência, aproximação e ansiedade nas relações amorosas. São 18 itens relacionados a essas três condições, que avaliam, através de entrevista, cabendo registro da narrativa, bem como do comportamento apresentado pelos pesquisados.

Mosmann, Wagner e Fères-Carneiro (2006) apontam a importância da teoria do apego para o melhor entendimento de como se dão as relações conjugais, embora apresentem e debatam outras teorias que propõem uma nova perspectiva, quando afirmam que definir uma relação conjugal satisfatória é muito mais complexo do que apenas pela repetição dos padrões de apego primário. Essa complexidade não foi rejeitada por Bowlby, que reconhecia a possibilidade de adaptação do estilo de apego quando a condição sociocultural oferece ferramentas para tal. (2002)

Aboim (2006, p. 807) retoma o debate sobre a conjugalidade apresentando diferenças nas relações de gênero. Ela aponta que não só as “diferenças encontradas apenas na divisão

conjugal do trabalho, mas, mais ainda, clivagens profundamente entranhadas nas identidades” comprovam as diferenças na funcionalidade do casal no âmbito do feminino e do masculino. Da mesma forma, a pesquisa desenvolvida por Patrícia Scheeren (*et al*, 2015) aponta condições distintas na construção do apego entre homens e mulheres. Elas apontam que, mesmo com as mudanças ocorridas na contemporaneidade nas relações de gênero, ainda há influências dos papéis reforçados socialmente.

Para elas (Scheeren *et al*, 2015, p. 842),

espera-se que as mulheres tenham mais facilidade de expressar sentimentos, valorizem mais laços afetivos íntimos e preocupem-se mais com as pessoas ao seu entorno. Os homens, por sua vez, tendem a ser mais práticos e objetivos, tendo maior dificuldade em demonstrar fraquezas e evitando expressar sentimentos relacionados a afetividade. Os dados relacionados à resolução positiva dos conflitos refletem essas diferenças.

Munhoz também realiza descobertas sobre gênero em pesquisa desenvolvida com casais de classe média residentes em São Paulo, publicada em 2001. Aponta que observou

[...] correlações entre as escolhas conjugais e as concepções de valores, mitos, crenças e educação dos familiares de origem dos elementos dos casais, expressas como questões de gênero na maneira de se relacionar, nas tarefas do dia-a-dia, nas atividades profissionais e nos ganhos e gastos financeiros. [...] As questões de gênero, concepções em franca evolução e mudança, refletem, sobremaneira, suas influências nas condutas e padrões de funcionamento interacional na vida conjugal.

Wagner, Mosmann e Verza ((2005) afirmam a divisão de papéis geram implicações sobre a dinâmica conjugal e familiar. As autoras apontam que desequilíbrios na partilha de responsabilidades podem gerar sobrecarga, conflitos conjugais e insatisfação, especialmente para as mulheres. Por outro lado, casais que conseguem negociar e compartilhar funções tendem a apresentar maior cooperação e satisfação relacional. Ademais, conflitos persistentes e não reparados ativam o sistema de apego dos parceiros, aumentando insegurança emocional.

Tendo em vista que as investigações sobre o papel do apego são críticas para a compreensão da dinâmica do apego na vida adulta, que há poucos estudos que examinam os estilos de apego adulto nos diversos tipos de relacionamento que serão construídos no transcorrer da vida. Torna-se fundamental dedicar-se a apresentar os estilos de apego romântico e como eles refletem-se consistentemente nas estratégias de busca e manutenção dos pares, sendo o apego seguro positivamente relacionado a relações de longo prazo, ocorrendo o inverso em relação aos estilos de apegos inseguros evitativo e ansioso. Teríamos então uma maior insatisfação conjugal e comportamentos disfuncionais com vistas à segurança a depender do estilo de vínculo adquirido na infância.

5. O MÉTODO

Ao optarem em formar um casal, duas pessoas estabelecem um novo sistema estruturado, influenciados pelas experiências oriundas de suas famílias de origem, especialmente pelas interações desenvolvidas com suas figuras de afeto. Os padrões de comportamento que os indivíduos manifestam em uma relação conjugal são adquiridos por meio das interações e dos modelos de conjugalidade proporcionados por seus pais ou responsáveis.

A necessidade de pesquisas sobre família, principalmente sob a perspectiva do desenvolvimento humano, que se caracteriza por estudar as fases de desenvolvimento do indivíduo considerando acontecimentos na "família" enquanto grupo, tem sido salientada, particularmente, por Kreppner (1992). Neste contexto, perceber as repercussões dos laços construídos na infância nas relações experienciadas na vida adulta, em especial na conjugalidade torna-se relevante para a compreensão de como ocorrem estas relações no novo casal.

A associação do apego de Bowlby ao pensamento sistêmico sobre o Ciclo Vital Familiar de Cerveny proporciona a essa pesquisa integrar diferentes recursos metodológicos para acessar e vislumbrar o fenômeno investigado, permitindo transversalizar as duas teorias para compreender a conjugalidade.

O pensamento sistêmico, proposto por Esteves de Vasconcellos (2003) apresenta mudanças em relação aos três pressupostos epistemológicos da ciência tradicional: do pressuposto da simplicidade para o pressuposto da complexidade, buscando a contextualização dos fenômenos; do pressuposto da estabilidade para o da instabilidade, entendendo que o mundo está em processo dinâmico de constantes transformações e a consequente imprevisibilidade de alguns fenômenos, e do pressuposto da objetividade para o pressuposto da intersubjetividade, reconhecendo que não há uma realidade independente do observador, que o conhecimento científico é construção social, em espaços consensuais, por diferentes sujeitos/observadores.

A escolha pela abordagem qualitativa se deu pelo objeto da pesquisa requerer uma compreensão de processos subjetivos. Num estudo desta natureza, os investigadores direcionam a sua atenção para o modo como decorre a investigação e não tanto para o que resulta dela, visto que o processo possibilita descobertas em geral mais profundas e

relevantes. Esse método não é utilizado para dar respostas extremamente estruturadas, mas sim para gerar compreensão dos comportamentos a partir da relação entre pesquisadores e pesquisados.

As abordagens qualitativas dão ênfase aos significados do objeto de estudo, a partir do que aponta Neves (2020) quando diz que “o investigador qualitativo pretende compreender melhor o comportamento e experiência humanos, ou seja, tenta compreender o processo pelo qual as pessoas constroem e percebem os significados que atribuem à realidade” Ou seja, a proposta do investigador é de analisar o contexto e construir conhecimento a partir das suas descobertas. É possível assim compreender melhor as experiências humanas e os comportamentos gerados pela percepção que os investigados atribuem à realidade e seus significados.

Nesse cenário, o estudo de caso surge como alternativa apropriada para a pesquisa, com o objetivo de formular hipóteses para a questão a ser respondida. A construção da realidade envolve a união de elementos internos e externos à pessoa, mediante recursos cognitivos e sociais que interagem e estabelecem a dinâmica de construção e reconstrução da realidade. A possibilidade de transversalização das duas abordagens teóricas na compreensão da conjugalidade se apresenta como oportunidade de utilizar significados que se complementam e produzem novos conhecimentos.

O método descritivo correlacional proposto por Gil (2008) e Vergara (2016) e a observação interacional de casos múltiplos de Yin (2015), Watzlawick e Beavin (2007) serviram de suporte para a pesquisa, visto que a proposta é de utilizar as experiências vivenciadas pela autora no transcorrer da coleta de dados, com o objetivo de ir além de descrever os conteúdos abordados, mas associá-los à teoria de referência, sob o suporte das teorias complementares, ainda que apresentadas diretamente no processo de análise das histórias de vida trazidas pelos casais pesquisados. uma vez que se propõe a verificar as relações apenas sob a ótica dos estilos de apego apresentados por Bowlby e outros estudiosos da Teoria do Apego.

Coutinho e Chaves (2002) definem o estudo de caso como um sistema limitado por fronteiras, em termos de tempo, eventos ou processos, que incidem sobre alguma coisa que necessita ser identificada para conferir foco e direção à investigação. Neste sentido, a investigação foi identificada como um estudo de casos múltiplos, o que permite a conservação das características dos acontecimentos da vida real.

Conforme aponta Gil (2002) tais pesquisas como meio de proporcionar uma maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e possibilitando a constituição de hipóteses. Nos casos propostos nesta pesquisa o fenômeno a ser explorado é a especificidade do padrão de apego com as figuras parentais e os impactos sobre as relações conjugais.

Para Neves (2015), o método deve dialogar com o referencial teórico, constituindo um eixo de sustentação da pesquisa para que o pesquisador saiba os caminhos a percorrer, estando preparado para uma análise epistemológica durante o processo. Neste contexto, a família se mostra para a psicologia como um objeto de pesquisa precioso nos estudos sobre desenvolvimento humano, entendendo a família e a cultura como contextos essenciais para a compreensão do indivíduo em sua singularidade. Focalizar a singularidade e a complexidade da rede relacional familiar permite vislumbrar a família como um grupo específico em desenvolvimento, inserido em um contexto cultural também em desenvolvimento (Dessen; Silva Neto, 2000).

Como procedimento de coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada (Gil, 2008; Vergara, 2016) que contemplou os itens que compõem o Apêndice A deste trabalho. A proposta foi a participação de três casais na pesquisa, que responderam inicialmente, via ferramenta virtual³, a um questionário sociodemográfico para em seguida, de forma remota, proporcionar a possibilidade de transcrição rápida, foram realizadas entrevistas ao vivo com cada membro do casal em separado.

A entrevista semiestruturada caracteriza-se pela utilização de um roteiro previamente elaborado, que orienta a condução da coleta de dados, ao mesmo tempo em que permite flexibilidade ao pesquisador para explorar questões emergentes e aprofundar aspectos relevantes a partir das falas dos participantes (MINAYO, 2014).

Seis casais foram convidados a participarem da pesquisa, através de contato via rede social e em seguida por telefone. Contudo três deles declinaram do convite. Um dos casais confirmou participação, preencheu formulário sociodemográfico e depois informou não ter tempo para participar da entrevista, pois demandaria mais tempo e horário determinado. Outro casal, declinou por um dos cônjuges não desejar compartilhar questões relacionadas à união e à família de origem. O terceiro casal não retornou o contato.

³ As ferramentas virtuais utilizadas foram *Google Forms* e *Google Meeting*

A partir dessas narrativas dos casos acompanhados da coleta e análise dos dados de forma descritiva correlacional, será possível identificar o estilo de apego de cada pesquisado, bem como eles se apresentam na conjugalidade. A escolha dos casais de deu por conveniência e bola de neve, ou seja, pela facilidade de acesso aos mesmos e por indicação. Não houve definição de critérios de inclusão a não ser o fato de os participantes da pesquisa viverem em relação conjugal, independente do modelo de união.

Desta forma, a narrativa torna-se um instrumento de produção de significados à medida que fornece um enquadre interpretativo, passível de significação. Narrar e significar as descobertas pelo uso da linguagem, ferramenta que exige sensibilidade na escuta e orienta os modos pelos quais a pessoa pensa, sente e articula sua fala.

Por fim, a pesquisa foi então desenhada, com o fim de corresponder aos objetivos propostos, da seguinte forma: apresentação e análise das teorias que serviram de suporte e assim compreender quais dados são mais relevantes para a coleta; Mapeamento e construção das ferramentas para início da coleta de dados, identificação dos indivíduos que participaram da pesquisa; coleta de dados, análise dos dados coletados e relacionar às teorias de suporte; refletir sobre as implicações dos estilos de apego identificados, construídos na infância na relações conjugais desses indivíduos.

6. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os casais deste estudo foram identificados como Casal A, Casal B e Casal C. São casais heteroafetivos e, por critério de organização dos dados, o pesquisador optou por associá-los à numeração 1, para cada participante feminino, e numeração 2, cada participante masculino. Ficando assim identificados: membros A1 e A2, B1 e B2, C1 e C2.

Com base no proposto como método, após apresentada a pesquisa, logo no primeiro contato com os casais, foi enviado um formulário sociodemográfico, com intuito de coletar os seguintes dados:

1. Nome completo – esse dado será suprimido da pesquisa, utilizando pseudônimos, para preservar a identidade dos membros;
2. Idade – A média etária dos pesquisados ficou em torno de 51 anos, sendo apresentado conforme gráfico abaixo.

Idade
6 respostas

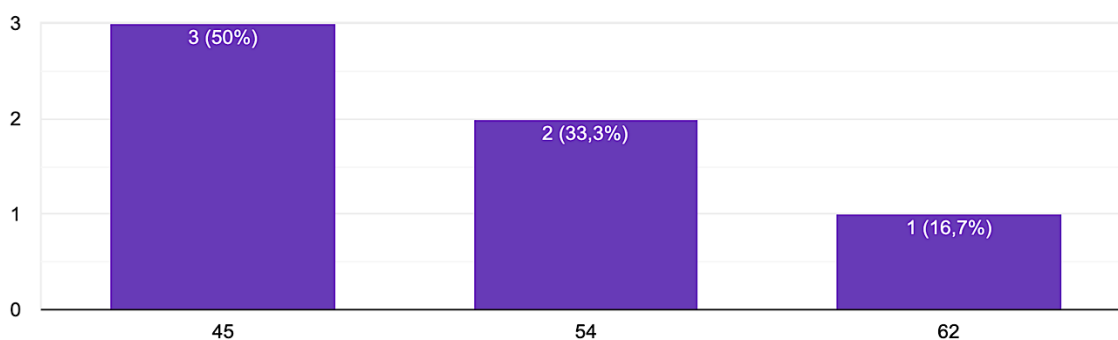


Figura 01: Gráfico das idades dos pesquisados

É possível notar que se trata de casais de meia idade, o que gera pouca diversidade em relação à fase do desenvolvimento humano, bem como na etapa do ciclo vital.

3. Sexo – Os casais são heteroafetivos, portanto se dividem em 03 homens e 03 mulheres, conforme gráfico abaixo.

4. Escolaridade – mais de 80% dos participantes possuem ensino superior completo, o que também permite uma identidade para a pesquisa no âmbito da condição intelectual dos participantes. O gráfico abaixo ratifica os dados apresentados.

Escolaridade

6 respostas

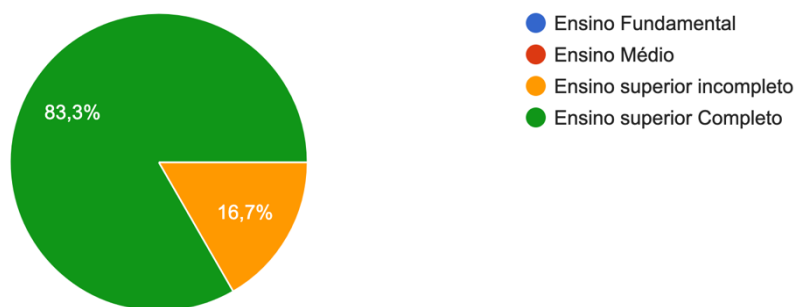


Figura 03: Escolaridade dos participantes da pesquisa

5. Profissão – Há uma maior variedade de profissões entre os sujeitos da pesquisa, embora em sua maioria tenham empresários/empreendedores. São três empresários/empreendedor, um engenheiro, um militar e um psicólogo/pedagogo.
6. Tempo de união – o casal identificado nesse estudo como “A” tem dois anos de união, o casal identificado como “B” com 24 anos de união, e o último casal, identificado como “C” relata 34/37 anos de união. Uma curiosidade quanto ao tempo de união é que dois dos casais pesquisados somam à conjugalidade o período de namoro e noivado.
7. Tipo de união – quanto ao tipo de união, como não se tratou de um fator de inclusão, dois tipos foram identificados, conforme gráfico abaixo.

Tipo de União

6 respostas

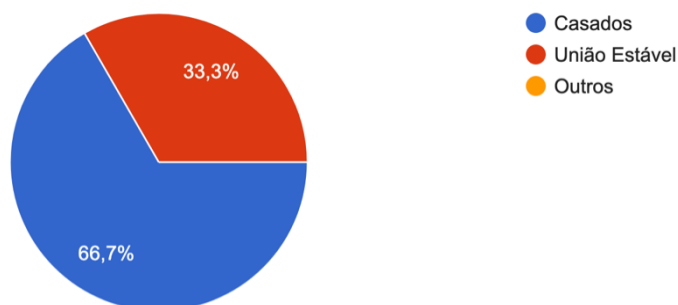


Figura 04: Tipo de união dos casais participantes da pesquisa

8. Episódios de separação – Apenas um dos participantes apresentou episódios de separação, embora o cônjuge não tenha feito o mesmo registro. É possível notar a discrepância no gráfico referente a esse dado. (Figura 05)

Episódios de Separação? Tempo?

6 respostas

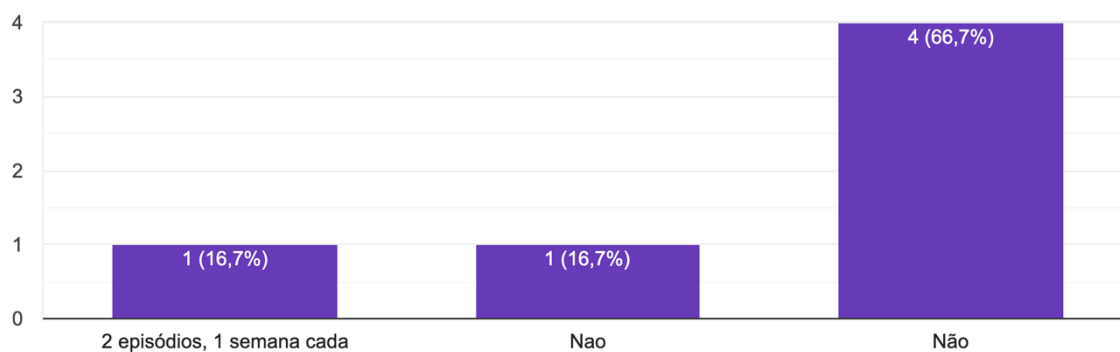


Figura 05: Episódios de separação e tempo.

9. Possui filhos – apenas um dos participantes aponta não ter filhos, apesar do cônjuge possuir um filho de união anterior. Os outros dois casais possuem um filho(a) juntos. O gráfico abaixo simboliza esses dados.

Possui Filhos?

6 respostas

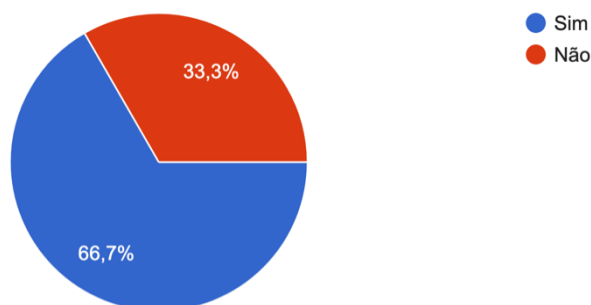


Figura 06: Possui filhos?

10. Religião – três dos pesquisados se dizem católicos, dois espíritas e um dos pesquisados se apresenta como espírita/católico. A religiosidade não representa conteúdo que interfira nas relações conjugais dos pesquisados. Um dos casais é espírita e os outros dois casais são católicos, sendo um dos indivíduos “simpatizante” do espiritismo.
11. Renda Familiar – neste item ocorreu discrepância na resposta de um dos casais, o que nos leva a refletir sobre o quanto essa informação é compartilhada entre os cônjuges.

Renda Familiar

6 respostas

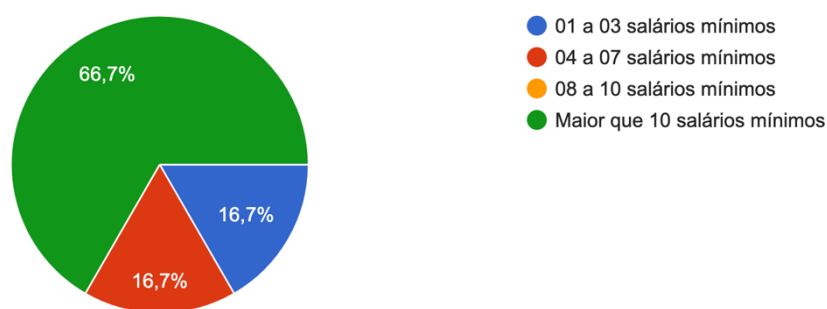


Figura 07: Renda familiar

12. Mãe viva? – todos os participantes possuem mãe viva, o que permite avaliar como essa relação se dá nos dias atuais.
13. Pai Vivo? – Metade dos participantes possui pai vivo, enquanto a outra metade o pai já é falecido.

Apenas um dos cônjuges já tinha pais separados quando do falecimento paterno, o que pode ter representação relevante para a pesquisa. Os outros perderam os pais ainda casados, ou ambos estão vivos e casados.

14. Escolaridade do pai – neste item ocorre diversidade importante, conforme gráfico abaixo.

Escolaridade do pai
6 respostas

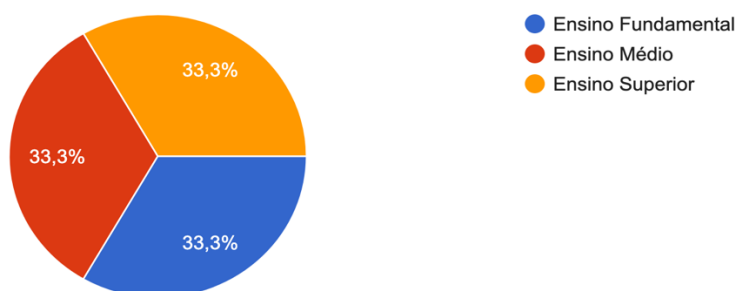


Figura 08: Escolaridade do pai

O nível de escolaridade pode determinar aspectos da relação deste ente com os sua esposa e filhos. A seguir será possível identificar se esse aspecto repercute sobre os estilos de apego dos sujeitos pesquisados.

15. Escolaridade da Mãe – quanto a esse item é relevante perceber que a metade das mães possui apenas ensino fundamental, enquanto em torno de 85% delas tem até o ensino médio.

Escolaridade da Mãe
6 respostas

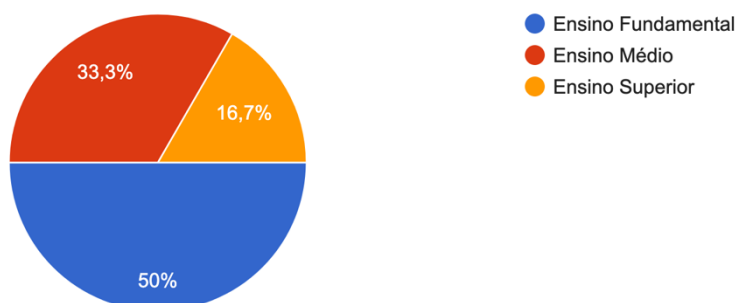


Figura 09: Escolaridade da Mãe

Para finalizar, quanto às atividades laborais dos pais, todos os pais desenvolveram atividades fora do lar, enquanto 50% das mães foram apresentadas como “do lar” ou “dona de casa”. Os dados extraídos a partir do formulário sociodemográfico sustentarão a análise e descobertas apresentadas mais a frente nessa pesquisa.

Após preenchimento do formulário sociodemográfico, os casais foram entrevistados individualmente, a partir de um roteiro semiestruturado, em encontros com duração em torno de 01 hora. Para melhor organização dos dados coletados, a pesquisadora considerou apresentar a discussão a partir do conteúdo obtido em cada item do roteiro, ou seja, serão apresentadas as respostas de cada casal a cada pergunta, para depois realizar a análise dos dados, mediante a observação da dinâmica relacional de cada casal pesquisado, para então, realizar a comparação constante inter-casais, identificando as categorias temáticas que emergiram na pesquisa, sustentadas pelos referenciais teóricos.

O roteiro da entrevista está descrito no Apêndice A deste estudo, contudo, vale ressaltar que se trata de uma entrevista semiestruturada, portanto flexível e dinâmica, guiada pela forma como o participante da pesquisa foi apresentando sua narrativa.

A história dos casais:

O casal identificado como A tem 2 anos de união, sem filhos do casal. O membro A2 possui um filho do casamento anterior, pais vivos e casados. Ambos os membros do casal têm 45 anos de idade. O casal identificado como B tem 24 anos de casados, uma filha fruto da união. O membro B1 tem 45 anos e pais vivos, enquanto o membro B2 está com 62 anos de idade e pai já falecido. Seu pai era deficiente visual, necessitando do seu suporte frequente para realizar as atividades diárias. O casal identificado como C é aquele com mais tempo de união, em torno de 35 anos. Ambos têm 54 anos e pais falecidos e mães vivas. Possuem uma filha, fruto da união.

Quando questionados sobre: “**Como foi sua infância?**”, o casal A:

MEMBRO A1

Descreve uma infância tranquila, estável e organizada, marcada por postura reservada, introspectiva e pouco interesse em socialização. Pouca troca emocional, mas sensação de segurança.

“Ah, não sou fui uma criança muito serelepe não, foi bem tranquila.”

MEMBRO A2

Descreve infância muito positiva, livre e social, com intensa convivência com amigos, autonomia, brincadeiras e lembranças afetivas fortes.

“Então, realmente eu não tenho o que se discutir. Minha infância foi maravilhosa.”

É possível notar, a partir da narrativa apresentada pelos sujeitos da pesquisa, que o membro A1 constrói a infância como segura, porém emocionalmente contida, favorecendo desativação do apego. Ela aponta que “até para brincar com minhas amigas [...] ficava mais reservada, eu era mais quieta, não gostava muito de me envolver muito nas brincadeiras. [...] não me sentia confortável, não senti interesse em brincar”. Diferente do seu cônjuge, o membro A2 descreve uma infância afetivamente rica no campo social, favorecendo ativação emocional e busca de vínculos. Este participante da pesquisa narra a infância dizendo que “minha infância foi maravilhosa. [...] morando num prédio que era um condomínio com dois prédios, muitas crianças e todo todos os amigos tinham irmãos. [...] com meus pais foi bacana com meus primos, família, quando eu viajava para o interior com eles.”

O casal B, quando interrogado em entrevista apresenta as seguintes informações:

MEMBRO B1

Descreve a infância como boa, leve e marcada principalmente por brincadeiras e convivência com amigos. Relata poucas lembranças emocionais específicas envolvendo os pais, destacando uma infância “bem infantil”, sem eventos marcantes.

“Também não tenho lembrança dela brincando comigo assim... a mesma lembrança da infância que eu tenho de meu

MEMBRO B2

Descreve a infância como muito difícil, marcada por pobreza, violência ambiental, insegurança e adultização precoce. Assumiu responsabilidades desde cedo, especialmente devido à cegueira do pai.

“É difícil, muito difícil. Nunca passei fome, mas foi muito difícil. [...] Eu amadureci, tive, fui forçado a amadurecer muito cedo, né?”

pai, eu acho que é que eu tenho de minha mãe.”

Enquanto o membro B1 aponta uma vivência na infância estável e pouco elaborada emocionalmente, confirmada pela seguinte narrativa. “Não, eu lembro de meus pais sempre presentes. [...] Agora essa parte de levar para médico, de me levar pros lugares, lembro mais de minha mãe, porque meu pai trabalhava no polo, então ele não tinha tanto tempo disponível durante a semana, né?”. Já na narrativa do membro B2 é possível identificar uma infância marcada por sofrimento, responsabilidade precoce e alta carga emocional, evidenciando trajetórias desenvolvimentais profundamente distintas. Ele afirma veemente, “É difícil, muito difícil. Nunca passei fome, mas foi muito difícil.”

Ainda em relação à pergunta em questão, os sujeitos da pesquisa identificados como casal C trazem as seguintes informações:

MEMBRO C1

Infância vivida em contexto familiar complexo, com muitos irmãos, forte presença feminina e ausência de figura paterna cotidiana. Foi criada principalmente pela avó, que exerceu a função materna. O cuidado recebido foi consistente, porém funcional e normativo, com pouca expressão afetiva. “O afeto de minha avó sempre foi muito no cuidado, cuidado com horário, cuidado com comida, cuidado com roupa, cuidado com a gente, com escola, sempre muito preocupada. [...] Mas não cuidado de carinho... não lembro de ter sido colocada no colo por minha avó”

MEMBRO C2

Infância marcada por estabilidade, segurança emocional e forte investimento afetivo. Cresceu em família nuclear estruturada, com pai e mãe presentes e apoio da família extensa. Como primeiro filho e primeiro neto, recebeu atenção, proteção e carinho constantes, sem relatos de violência ou abandono. “Como eu sou o primeiro filho e o primeiro neto, então eu fui muito... mimado no sentido de proteção, de amor, de carinho.”

As infâncias dos membros do casal C foram vividas em contextos profundamente distintos. O membro C2 cresceu em um ambiente familiar estável, afetivamente seguro, com pai e mãe presentes e forte investimento emocional, caracterizado por proteção, carinho e sensação de pertencimento. Ele afirma logo no início da entrevista que “Primeira infância tranquila, muito amado, muito acolhido e protegido por essa família”. Já o membro C1 teve uma infância marcada por complexidade familiar, ausência paterna cotidiana e centralidade da avó como figura de cuidado, com pouca expressão afetiva. Houve amadurecimento precoce, responsabilização excessiva e necessidade constante de adaptação emocional. Ela narra: “eu lembro muito de minha avó como sendo de fato a figura materna. [...] Apesar de minha avó sempre ser, tanto minha avó como minha mãe, né? Sempre foram escassas as demonstrações de afeto.”

Essas experiências iniciais apresentadas pelos participantes configuram bases emocionais contrastantes no âmbito da construção dos estilos de apego dos casais, contrastes que reaparecerão nas narrativas apresentadas em toda a entrevista, comprovando que perduram no transcorrer da vida adulta.

Diante da pergunta **“Como classifica a relação com seu pai? Que lembranças você tem desta relação na infância?”**, os participantes trouxeram as seguintes informações:

MEMBRO A1

Relação distante e rígida, centrada em cobranças escolares e disciplina, com pouca ou nenhuma abertura emocional.

“O que eu possa lembrar dele na infância é mais a questão de estudo mesmo, né? De cobrança, já fui para recuperação, aí ele vinha quando ensinava... era só bronca, pegava pesado mesmo. Então o que eu lembro é isso.”

MEMBRO A2

Relação rígida, dura e pouco afetuosa, porém, reconhecida como formadora de valores (responsabilidade, ética, trabalho).

“Tudo que eu aprendi a gostar, ele nunca participou, nunca absolutamente nada.”

As respostas apresentadas pelo casal A propõem que ambos vivenciaram pais emocionalmente distantes. O membro A2 afirma que:

meu pai sempre foi um cara muito duro. Ele me ensinou a ser homem, a ser um homem, honrador de seus compromissos, trabalhador [...], mas meu pai me levar na fonte nova, ave Maria, jogar bola comigo?! Mas ele estava ali sempre, a figura paterna, o cara honrador de seus compromissos. [...] Verdade ele me ensinou o poder do que é o dinheiro

Já o membro A1 disse, “meu pai é muito reservado, né? Ele se abre pouco. Então, o que eu posso lembrar dele na infância é mais a questão de estudo mesmo, né? [...] Acho que eu puxei muito a ele.”

O que os diferencia é a forma como cada um elabora a rigidez e distância do pai. A narrativa do membro A2 apresenta um processo de resignificação dessa rigidez como formadora, enquanto o membro A1 a descreve como limitadora do vínculo emocional.

O segundo casal entrevistado, quando interrogado quanto à relação com o pai, apresentou uma narrativa discrepante quanto aos membros, pois, enquanto o membro B1 descreve um vínculo funcional e distanciado emocionalmente, o membro B2 relata um vínculo central, organizador e altamente significativo, com forte investimento afetivo e identitário.

MEMBRO B1

Relata uma relação boa, porém, pouco íntima. Define o vínculo como típico de “pai e filha”, com presença e apoio, mas sem troca emocional profunda ou confidências.
“[...] é uma relação de que eu posso contar com o pai e ele pode contar com a filha, não é? [...] porém de não conversar muito.”

MEMBRO B2

Descreve uma relação extremamente próxima e intensa. O pai é a principal figura de apego; O membro B2 se percebe como “os olhos do pai”, com vínculo quase fusional, baseado em cuidado, orientação e convivência constante.
“Meu pai não enxergava, né? Então era praticamente, eu era praticamente os olhos dele. Eu fazia tudo com ele, tudo.”

Seguindo para os dados coletados do casal C é possível notar, mais uma vez, diferenças relevantes na forma como se deu a relação de cada um com o seu pai. O membro C2 descreve uma relação próxima, afetuosa e estruturante com o pai, que exerceu papel fundamental como modelo identificatório, orientador e base segura de apego. Já o membro C1 relata uma relação esporádica e ambivalente, com um pai distante, percebido mais como figura idealizada, do que como referência de cuidado e segurança, gerando sentimentos de estranhamento e não pertencimento.

MEMBRO C1

Relação esporádica e ambivalente. O pai aparece como pouco disponível emocionalmente e centrada em si. As lembranças são atravessadas por ciúme, especialmente após o nascimento de outros filhos. Não se configura como base segura de apego.

“Eu frequentava a casa de meu pai com uma frequência de férias, [...] que inclusive foi uma insistência de minha mãe. [...] Porque por ele não teria.”

MEMBRO C2

Relação próxima, afetuosa e estruturante. O pai foi presente, orientador e modelo identificatório. A educação ocorreu pelo exemplo e pelo diálogo, sem uso de violência. O membro C2 guarda lembranças de conversas, aconselhamento e admiração profunda.

“Esse homem correto. Eu fui pelo exemplo, pelo exemplo dessa figura paterna, muito mais do que as palavras, as ações, o comportamento.”

O membro C1 formou seu modelo operacional em um contexto de sobrevivência e sentimento de abandono de pai.

Quando eu ia para lá, meu pai saía para trabalhar muito cedo e à noite ele não chegava cedo, ele tinha sempre muitas coisas para fazer. [...] Como ele se casa de novo, ele se casa com uma mulher que já tinha filhos. [...] Eu lembro também de sentir ciúmes... porque eu fui desbancada nos dois lugares.

Enquanto o membro C2 internalizou um pai disponível e organizador emocionalmente, tendo crescido em um ambiente de base segura, acolhimento e proteção emocional. “A presença dele, a condução dele enquanto homem e pai. [...] Esse homem correto, esse homem que eu fui pelo exemplo, pelo exemplo dessa figura paterna, entendeu? Assim, muito mais do que as palavras, as ações, né? comportamento.”

Quanto à questão que se propõe a identificar **como o membro do casal classifica a relação com a mãe, bem como as memórias da infância com essa figura de apego**, foram apresentadas as seguintes informações:

MEMBRO A1

Mãe presente no cuidado prático, mas pouco dialógica emocionalmente. Demonstra afeto por ações concretas, a exemplo das festas de aniversário.
 “Ela sempre foi mais próxima na questão de tá ali, né, do lado para levar pra escola para fazer tudo”

MEMBROA2

Relação extremamente próxima, afetuosa e superprotetora. A mãe supria todas as necessidades emocionais.
 “Ela faz absolutamente tudo, lambe o chão. [...] Por minha mãe sempre ter feito absolutamente tudo, eu sou uma, literalmente uma criança para poder fazer as coisas”

O membro A1 internaliza um modelo de cuidado funcional sem troca emocional, enquanto o membro A2 internaliza um modelo de disponibilidade emocional excessiva, favorecendo dependência afetiva e sensibilidade à rejeição. O membro A1 comenta que “em relação a orientações, quando a gente ficou adolescente [...] os dois estão totalmente fechados. Eu sou muito fechada. Então, vai ver que não é que eu puxei, é que convivendo eu me tornei assim. É isso que o [membro A2] fala” O membro A2 aponta que

minha mãe fazia absolutamente tudo, [...] até demais, né? Na minha época eu achava maravilhoso, mas hoje como pai eu percebo que isso aí estraga qualquer criança, não tenha dúvida, mas é indiscutível o amor, a dedicação, tudo que tirava dela para dar para mim e graças a Deus nunca faltou nada na minha infância

Ainda completa dizendo que “meu pai brigava comigo. Mesmo com razão, minha mãe falava: Não, tá comigo aqui, tudo certo e acabou. É complicado, rapaz.”

Os membros do casal B também construíram a relação com a mãe de forma diferente, ainda que não seja tão discrepante quanto se apresenta no casal A. O membro B1 vivencia uma relação neutra e pouco diferenciada com a mãe, enquanto o membro B2 descreve uma relação conflitiva e evitada, reforçando a preferência afetiva pelo pai como figura de segurança. Ainda que apresente certa insatisfação com o modelo de comunicação, ela existe e tem forte intensidade.

MEMBRO B1

Relata uma relação semelhante à do pai: presença prática, ajuda cotidiana e parceria, mas sem lembranças de intimidade emocional ou troca afetiva intensa. Descreve a mãe como figura difícil, estressada e agressiva na comunicação, associada a gritos e punições. Relata maior afastamento emocional e dificuldade de convivência. “Eu sempre tive uma certa dificuldade com ela. “Eu não tenho, não tenho essa lembrança. Pode até ser que tivesse, mas eu não tenho essa lembrança”

MEMBRO B2

Ratificando os dados apresentados, o membro B1 diz “eu acho que minha mãe também não é muito, não é tão de intimidade, de conversar muito.” E o membro B2 diz

minha mãe era uma pessoa extremamente estressada, né? Brigona, é uma pessoa também que passou muita dificuldade na vida. [...] Fiquei sabendo só agora, ela começou a contar que ela foi criada em outras casas, né, com outros pais, com outras mães. Eu não sei se isso acabou influenciando na maternidade dela, mas ela foi uma mãe difícil, uma mãe difícil.

Reiteradamente, identificamos no casal C grande diversidade na construção do afeto com a figura de apego, onde um dos membros vivencia um modelo materno centrado no fazer, enquanto o outro vivenciou cuidado associado a afeto e presença emocional.

MEMBRO C1

Relação funcional e ambígua, marcada por provisão e autoridade, com baixa expressão afetiva.

“Apesar de minha avó sempre ser, tanto minha avó como minha mãe, né? Sempre foram escassas de demonstração de afeto”

MEMBRO C2

Relação afetuosa, protetiva e estruturante, com disciplina sem violência e cuidado constante.

“Uma mãe muito protetora, muito carinho, muito proteção. Muito amor mesmo, carinho, amor, atenção”

O membro C1, assim como o membro B2, relata a história de vida da mãe como muito difícil.

A história de minha mãe foi uma história muito difícil, porque ela acabou tendo que sair do interior e tal, por questões muito sérias de abuso e tudo. E a opção que eles tiveram foi uma opção extremamente equivocada de trazê-la para Salvador. E ela perdeu pai, ela perdeu mãe com essa vinda para cá e ela se tornou alguém sem pai, sem mãe, com a família a colocando como empregada. (membro C1)

Esse relato tende a justificar o comportamento da mãe na construção do apego com esse membro do casal, embora outros fatores possam ter influenciado esse comportamento. Neste contexto, o membro C1 aponta a avó como representação de presença e cuidado, na ausência do cumprimento deste papel pela mãe, que se preocupava com o prover.

As questões relacionadas com a maternagem são fundamentais para uma melhor compreensão dos estilos de apego adquiridos na infância, bem como os modelos internos operacionais estabelecidos pelos pesquisados e utilizados no transcorrer de toda a vida adulta.

Quando foram abordados aspectos sobre os **efeitos dessas relações sobre a própria conjugalidade**, cujo propósito seria, de certo modo, responder um dos objetivos específicos desta pesquisa, bem como contribuir para o entendimento de como o estilo de apego dos membros do casal se apresentam nas relações conjugais, a intenção do estudo de compreender quais características das relações de apego da infância esses casais levam para o casamento é alcançada.

MEMBRO A1

Reserva emocional, dificuldade de expressar sentimentos, tendência ao silêncio nos conflitos e necessidade de tempo para processar emoções.

“Todas as vezes que a gente briga... eu fico muito na minha, fico calada. [...] Então, vai ver que não é que eu puxei, é que convivendo eu me tornei assim”

MEMBRO A2

Combinação de responsabilidade (pai) com sensibilidade emocional e expectativa de cuidado (mãe). Dificuldades com tarefas domésticas e reatividade a rigidez.

“Eu efetivamente fui criado de uma forma em que eu nunca fiz... dobrar o meu lençol. [...] Isso aí ainda considero um fator bem complicador, não só para minha relação conjugal atual, como nas passadas e futuras que possam vir acontecer.

MEMBRO B1

Relata ter trazido a valorização de fazer as coisas juntos, a proximidade no cotidiano e a baixa expressividade afetiva. Reconhece não ser uma pessoa carinhosa, associando isso ao modelo parental.

“Eu não me recordo de ver meus pais também sendo muito carinhosos entre si. Não me recordo de muito abraço, muito beijinho e eu acho também que eu não sou assim de muito agarramento, de muito beijinho”

MEMBRO B2

Afirma ter reproduzido majoritariamente o modelo do pai: postura calma, orientadora, racional e não reativa. Rejeita conscientemente o modelo materno, especialmente a comunicação agressiva.

“Quando eu vejo que ela tá um pouco irritada eu não vou bater boca, amanhã eu concluo a conversa, termino que ela vai estar com a cabeça fria.”

MEMBRO C1

Demonstra amor pelo cuidado prático, assume hiper responsabilização e tende ao afastamento emocional defensivo.

MEMBRO C2

Valoriza diálogo, afeto, presença emocional e busca proximidade constante no vínculo conjugal.

“Eu tenho muita dificuldade de demonstração de afeto. Eu acabo demonstrando muito afeto através das coisas, de estar disponível, não é espontâneo para mim abraçar.”

“Hoje eu consigo dar amor, dar carinho, dar atenção, porque eu tive isso. [...]Eu trago para o meu casamento essa questão do diálogo, essa questão da afetividade, que foi o que eu tive lá.”

O membro A1 informa que leva para o casamento estratégias de afastamento e contenção. “Ele quer dialogar, quer conversar e eu não sou de conversar muito”. Esse comportamento apresenta certa semelhança com o membro B1, que reproduz um modelo de proximidade funcional sem intensa troca afetiva, a exemplo do que afirma: “Eu não sou, não sou carinhosa, talvez possa ter vindo, porque eu também acho que eles também não são carinhosos”. O membro C1 também apresenta características similares, pois opera no casamento a partir da função e do controle emocional. “Eu ainda me vejo numa função de ser aquela pessoa que precisa prover. Eu vejo muito do que minha mãe fez ao longo da vida dela.”

Os membros A2, B2 e C2 também se assemelham em alguns pontos que narram na entrevista. A2 informa que busca de diálogo, validação emocional e expectativa de reciprocidade, enquanto o membro B2 reproduz um modelo de presença, orientação e regulação emocional, com rejeição explícita de padrões vividos como disfuncionais. “Mas você diria que como marido, você acha também que você reflete seu pai assim como seu pai era com a sua mãe? Isso, isso, isso, isso” (Membro B2). O membro C2, se percebe como alguém que busca reciprocidade afetiva e troca emocional explícita que recebeu da mãe na infância. “Eu acho que eu trouxe desse núcleo familiar, pai e mãe, esse carinho mesmo, essa questão do carinho, do amor, do afeto.”

As respostas apresentadas traduzem uma configuração de assimetria relacional, com modelos de comportamento distintos entre os membros dos casais pesquisados, o que exigirá uma reflexão mais aprofundada mais à frente nesta pesquisa.

A segunda etapa da entrevista semiestruturada teve por objetivo identificar características relevantes sobre as relações conjugais dos casais participantes, sob o olhar de cada membro. As perguntas propostas no roteiro podem ser conhecidas através do Apêndice A deste documento. A seguir serão apresentados os dados coletados nesta etapa, bem como análise das descobertas.

Nesta etapa da entrevista o propósito é identificar **como o membro pesquisado conheceu o seu cônjuge**. O casal A apresentou as seguintes informações:

MEMBRO A1

Conheceu o cônjuge em um bar no fim da pandemia, por meio de amigos em comum. Destaca acolhimento e conversa como principais atrativos. “[...] uma das meninas que eu tava era amiga dele. [...] Foi mais por conversa. Ele veio, puxou a cadeira, sentou na mesa, começou a conversar e a gente conversou e aconteceu.”

MEMBRO A2

Confirma o mesmo contexto, enfatizando troca de olhares, paquera e início espontâneo do vínculo. “[...] começamos a velha paquera, trocamos olhares. Sentou um na mesa do outro, brincou e de lá para frente seguimos”

As memórias são convergentes e positivas para ambos, no entanto o membro A2 apresenta investimento relacional maior que o membro A1, condizente com o afeto recebido na infância. O membro A2 relata: “nós já tínhamos nos visto num passado por ela também ser amiga de um outro amigo.”

O casal B também converge na narrativa. Ambos descrevem um início progressivo e não impulsivo, com amadurecimento do vínculo antes do compromisso formal. A coleta de dados gerou as informações abaixo:

MEMBRO B1

Relata que o encontro foi gradual, sem interesse inicial. O vínculo se construiu ao longo do tempo, após reencontros e tentativas. “Ele andava aqui na praia com meu irmão, meus amigos. E aí a gente se conheceu assim aleatoriamente. [...] Quando eu conheci não tinha interesse nenhum, nem

MEMBRO B2

Relata atração inicial principalmente física, seguida de aproximação gradual. Destaca que só iniciou o relacionamento após resolver vínculos anteriores.

“Eu achava ela muito bonita. Foi uma questão, a princípio, de beleza, né, física. [...] Não vi com olhos de marido e mulher, nem de

ele por mim. A gente não tinha interesse nenhum. [...] A gente se encontrou no shopping e aí foi pro cinema com os amigos comuns, aí de repente eu falei: ‘Ó, pode ser que role alguma coisa’.”

O membro B ainda relata:

Assim, eu tinha esse relacionamento. Aí nós terminamos e coincidentemente ela [membro B1] também terminou. [...] um dia nós nos encontramos no shopping, eu saía muito com o primo dela [...] e nós no fim de domingo a gente ia para o cinema e depois cada um ia para sua casa. E numa dessa nós encontramos ela e uma amiga, fomos para cinema juntos e tal, ela acabou ficando do meu lado e a amiga dela ficou do lado do primo dela e aí foi a primeira vez. Só que depois nós saímos para jantar, mas eu não quis consolidar um relacionamento porque eu ainda estava tentando resolver minha vida com a outra. (membro B2)

O casal C apresenta alguns pontos divergentes quanto a como o vínculo se deu à medida em que foram se conhecendo. O membro C1 desde o início percebeu limites e diferenças, o que estabelece certa discrepância das informações expostas pelo membro C2, que vivenciou a relação como continuidade natural de um vínculo afetivo. Um namoro que, para ele, evoluiu pelo desejo de ambos.

Então o namoro foi muito assim, a gente começou a ficar mais junto, [...] ela já dormia na minha casa, passou um período que a gente conseguiu, ela se deixou convencer. [...] tome aqui e fica aqui comigo, eu tinha um quarto só para mim, então, começamos a ficar o fim de semana, ela vinha [...] passar o fim de semana comigo.

Assim então foi mapeada, a partir das narrativas apresentadas pelo casal, como eles descrevem o início da relação afetiva.

MEMBRO C1

Conheceu em evento social, com ambivalência inicial, percebendo diferenças emocionais desde o início.

“[...] foi num aniversário de uma amiga em comum que ele chamava de prima. [...] Quando eu entrei na casa, ele tava numa das paredes e eu lembro muito do olhar dele para mim. [...] Depois eu fiquei sabendo que ele falou... que queria que me apresentasse.”

“[...] existia já ali uma diferença muito grande, porque eu já tava trabalhando, ele ainda tava fazendo o ensino médio. Então eu já ali via que tinha uma diferença grande de interesses, de mundo, né?”

MEMBRO C2

Conheceu na adolescência, vínculo construído gradualmente e consolidado ao longo do tempo.

“[...] Acabei indo pro aniversário dessa prima e ela tava lá e a gente trocou olhares. Nos conhecemos ali naquele primeiro momento. [...] Depois de um ano... a gente voltou a se falar e a gente se encontrou e começamos de fato a ter um relacionamento mais próximo e aí começamos de fato a namorar.”

Em continuidade ao processo e coleta de dados, a entrevista se direcionou a identificar **como cada cônjuge percebe seu casamento atualmente**. As descobertas serão apresentadas a seguir.

MEMBRO A1

Vê o casamento como real, desafiador, exigindo ajustes constantes. Reconhece dificuldades, mas mantém visão relativamente contida.

“Vivemos brigando para acertar a questão de como ele morava com os pais, a mãe fazia tudo e aí é complicado porque a meu ver, ele acha que a mulher que tem que fazer tudo.”

MEMBRO A2

Vê o casamento como desgastado, conflituoso e próximo do fracasso, com acúmulo de tensões e sofrimento intenso.

“Minha relação é bem, bem complicada. [...] Então hoje tá realmente muito fadada ao fracasso.”

No casal A fica aparente uma assimetria perceptiva da relação conjugal. O membro A1 descreve dificuldades sem colapso emocional, quando aponta que “estamos casados e existe problemas, como todos os casais [...]”. O membro A2 vivencia o vínculo como altamente ameaçador e frustrante, apontando, “olha, a gente vai ter que seguir em caminhos diferentes porque eu não posso ficar dando murro em ponta de faca”

Em dissonância com o casal A, o casal B visualiza a relação como positiva e com a solidez que o tempo proporciona. Ambos apontam que existem conflitos e perdas emocionais, contudo não representam motivos que levem a suscitar o fim da relação conjugal.

MEMBRO B1

Define o casamento como saudável, feliz e estável, com conflitos pontuais. Demonstra satisfação geral e dificuldade de se imaginar em outra relação.

“Eu acho um casamento saudável. Eu acho um casamento feliz. É claro que tem os altos e baixos, mas eu acho um casamento saudável. [...] Não me vejo casada com outra pessoa que daria certo”

MEMBRO B2

Avalia o casamento como muito bom e sólido, apesar dos desgastes naturais do tempo. Reconhece perdas afetivas (especialmente na troca de carinho), mas mantém avaliação positiva do vínculo.

“Depois de tantos anos... eu acho um excelente casamento. [...] Não é o céu para mim, eu acredito que para ela também não. Mas dentro das circunstâncias... eu acho um excelente casamento, apesar dos pesares. [...] Casamento é difícil, né? São um homem, uma mulher, cabeça diferente, pensamento diferente.”

O casal C apresenta certo desgaste, mas assim como o casal B, solidez e estabilidade, talvez também pelo tempo de união e valores estabelecidos a partir do apego constituído com as suas figuras de apego na infância.

MEMBRO C1

Relação estável, funcional e confiável, porém, distante do ideal romântico.

“É o ideal? Com certeza não! [...] Eu me afasto.

A tendência minha é me afastar e ficar mais distante quando tem algo que me incomoda muito. [Mas] Ele atende no que se refere à questão de cumplicidade, de uma relação fácil, de poder conversar sobre tudo, por mais difícil que as conversas sejam, a gente consegue conversar.”

MEMBRO C2

Relação sólida, mas marcada por esvaziamento afetivo e perda de intimidade conjugal.

“A gente se perdeu em algum momento, não conseguimos voltar ao que era no início. [...] Eu não tava mais encontrando a esposa no sentido de carinho, de afeto, de momentos juntos. [...] Se não há o tempo de marido e mulher, não tem casamento... você vai distanciando porque você perde intimidade”

A pergunta seguinte visou compreender se **essa versão atual do casamento atende às expectativas individuais, constituídas antes da união**. Os relatos dos participantes se encontram numa certa frustração quanto ao que esperavam e como transcorreu o casamento no tempo. Ainda que em sua maioria, apontem que se adaptaram às condições que se impuseram.

MEMBRO A1

Não. Esperava dinâmica diferente, especialmente na divisão de tarefas e convivência.

“Tá completamente diferente do que eu imaginei. [...] É uma situação que eu acho que até eu falei para ele: eu conheci outro companheiro”.

MEMBRO A2

Não. Relata choque intenso entre expectativa de diálogo/flexibilidade e realidade de rigidez conjugal.

“Não, de forma alguma. De forma alguma. [...] Mais uma vez, a expectativa não foi essa. [...] Eu sempre soube que ela era assim, fechada, mas não imaginava tanto, só depois que a gente convive”

O membro A2 afirma de forma direta que o casamento não atende às expectativas iniciais, descrevendo frustração decorrente da convivência cotidiana e da percepção de maior rigidez e fechamento emocional da parceira do que havia antecipado. A rotina também aparece na narrativa do seu cônjuge, ainda que ciente do comportamento, associando à relação dele com a mãe.

MEMBRO B1

Afirma não ter idealizado o casamento; não era um projeto desejado previamente, mas algo que aconteceu de forma natural. “Eu acho que dentro do contexto geral eu acho que sim. [...] Tem coisas nele que eu gostaria que fosse diferente, mas nada que comprometa. [...] É difícil assim, eu não esperava nem casar, realmente não era uma coisa, não era um sonho meu”

MEMBRO B2

Relata a necessidade de ajuste das expectativas iniciais dentro das possibilidades do tempo e da realidade, reconhecendo mudanças ao longo dos anos. “Se você somar tudo, os prós e os contras, vale a pena. [...] Eu fui perdendo isso [a expectativa de troca afetiva] porque eu não via, não recebia isso. [...] Essa gaveta eu não abro mais, eu acho que eu abri mão”.

A entrevistada B1 apresenta um parâmetro realista e pouco idealizado, uma vez que não possuía um modelo ou projeto conjugal prévio, inclusive pela referência adquirida através do casamento dos pais. B2, seu cônjuge, aponta que precisou “abrir mão” do carinho por parte da parceira para permanecer na relação.

MEMBRO C1

Apesar de considerar uma relação de fácil convívio, não considera ideal pela divisão de papéis mal definida.

“Então, é o ideal? Com certeza não. [...], mas é ruim também, não, entendeu? Não, não. [...] Eu acho que a gente construiu uma

MEMBRO C2

Não atende plenamente, gerando frustração e sensação de perda do vínculo inicial.

“Então acabou o encanto, acabou aquele desejo da convivência a dois. [...] Não sei por fazer muito tempo junto, a gente se perdeu em algum momento, né?”

relação boa, ela poderia ser melhor, poderia”

Para o membro C1, o casamento atende às expectativas em dimensões funcionais centrais, como cumplicidade, comunicação e confiança, embora reconheça que a relação está aquém de um ideal afetivo ou conjugal. Nota-se uma ambivalência no julgamento da entrevistada, dado ao pragmatismo do que classifica satisfação com o casamento, ainda que na ausência de idealização romântica. Já o membro C2 afirma de forma direta que o casamento não atende às suas expectativas atuais. A frustração está associada à percepção de perda progressiva de intimidade emocional e afetiva, dada à redução dos momentos de convivência como casal.

O conteúdo abordado em sequência tratou da **existência de conflitos** e, em caso positivo, **o que os ocasionam e como cada um lida com eles**. Todos os casais pesquisados narraram a existência de conflitos de diversas ordens, contudo apontam os motivos abaixo como mais recorrentes e de difícil solução.

MEMBRO A1

Conflitos por tarefas domésticas e diferenças na forma de lidar com conflitos (silêncio × diálogo).

Prefere afastamento emocional antes de conversar; reconhece esforço do marido pelo diálogo.

“Todas as vezes que a gente briga, eu fico muito na minha, fico calada. [...] Fique tranquilo, vá assistindo a televisão, fica em paz. Eu tô aqui, tô no quarto, depois a gente conversa. [...] às vezes eu quero ficar na minha, fico com raiva”

MEMBRO A2

Conflitos por rigidez da esposa, comunicação agressiva, rotina doméstica, finanças e interferências familiares.

Relata evitamento, silêncio e “colocar a poeira debaixo do tapete”, sem resolução efetiva.

“Chega um patamar que não há diálogo, aí eu faço uma brincadeira depois de alguns dias sem nem se falar, faço a brincadeira, mudo o assunto”

A entrevistada A1 estabeleceu o adiamento do enfrentamento do conflito como estratégia de regulação emocional, evita o diálogo imediato, priorizando o afastamento temporário como estratégia de redução da ativação emocional. Enquanto o membro A2 opta pela restauração rápida da convivência por meio do humor ou simplesmente mudando de assunto. Embora essa postura seja percebida como investimento na harmonia, ele próprio reconhece que os conflitos permanecem não elaborados, acumulando-se e reaparecendo posteriormente.

MEMBRO B1

Aponta como principal conflito a diferença entre seu desejo de sair e o estilo mais caseiro do marido.

Relata negociação prática, com concessões mútuas e busca de meio-termo. “A gente conversou muito isso desde o início. Alguém tem que ceder um, tem que ceder o outro um pouquinho”.

MEMBRO B2

Reconhece conflitos ao longo da vida conjugal, como a ausência de carinho, mas tende a minimizar sua intensidade, enfatizando estratégias de acomodação e não confronto.

Relata estratégia de evitar escalada emocional, encerrar discussões e retomar a relação sem prolongar o conflito. “Ah, você tá teimando? Ah, tá bom. Você tá certa, então eu não vou ficar discutindo. [...] E aí, assim, acabou ali aquela conversa, acabou. Se foi boa ou ruim, morreu ali, entendeu? E tá tudo certo.”

Há certa discrepância na percepção dos cônjuges do casal B quanto ao mecanismo de solução dos conflitos no casamento. Enquanto o membro B1 considera que o casal negocia das diferenças, o membro B2 evita o conflito e dá por encerrada a discussão.

MEMBRO C1

Demandas afetivas excessivas do parceiro e sobrecarga funcional. Distanciamento emocional e racionalização.

MEMBRO C2

Falta de demonstrações de carinho, proximidade e vivência do papel de casal. Inicialmente através do diálogo, com posterior contenção, adaptação e retraimento

progressivo, dada à frustração com a evitação do cônjuge.

“Eu não tenho a menor paciência para DR. [...] A tendência minha é me afastar e ficar mais distante quando tem algo que me incomoda muito, que tá difícil”. “Eu sei a importância de você falar e ser ouvido e trocar, né? [...] Não quer? Então tá bom, eu não vou propor mais nada. [...] A minha busca tá gerando conflito”

Há, por parte do membro C1, evitação de discussões prolongadas sobre a relação e preferência por abordagens mais objetivas e funcionais. O parceiro assume com maior frequência a iniciativa de elaborar os conflitos, configurando uma dinâmica complementar típica de pares com estratégias de regulação emocional distintas. A entrevistada C1 afirma que “ele cobra afeto, demonstração de afeto e eu cobro mais a coisa do fazer”.

As descobertas da pesquisadora a partir da narrativa dos casais elucidada e ratifica proposições desenvolvidas nesta pesquisa que afirmam o quanto os comportamentos dos membros do casal se assemelham ao estilo de apego construído por cada participante na infância.

A entrevista seguiu voltada a identificar **como o cônjuge retrata a relação do parceiro com a sua família de origem**. As perguntas seguiram o mesmo padrão da primeira etapa da entrevista, quando cada membro falou sobre si mesmo, ou seja, “**Como foi a infância do seu esposo/a?**”, “**Como classifica a relação do seu esposo/a com o pai dele/a? Que lembranças ele/a traz desta relação?**” **Como classifica a relação do seu esposo/a com a mãe dele/a? Que lembranças ele /a traz desta relação?**” e “**Quais características destas relações você acredita que ele/a tenha levado para o casamento?**”.

Abaixo foram produzidos conteúdos a partir da narrativa dos participantes da pesquisa.

MEMBRO A1

Descreve a infância do cônjuge como marcada mais pelos amigos do que pela família, com vivências externas ricas, porém com pouco investimento afetivo

MEMBRO A2

Descreve a infância do cônjuge como tranquila, estruturada e socialmente rica, marcada pela convivência intensa com as quatro irmãs, brincadeiras coletivas no prédio

parental direto, sobretudo por parte do pai. Destaca que ele fala pouco da família e mais das experiências fora de casa.

“Ele fala muito dos amigos, mais dos amigos, só falou mais dos amigos dele, né, lógico, do que da própria família. Mas com relação à família, não”

e presença constante dos pais. Não identifica relatos de sofrimento explícito, mas percebe um ambiente disciplinado e controlado.

“A infância dela, quando ela me conta, me fala de forma muito tranquila. [...] Gostou demais [da infância] com as irmãs, quatro irmãs, quatro mulheres praticamente a mesma idade”.

Sobre o seu cônjuge, o membro A1 narra maior socialização dele com pares, com ênfase em experiências com amigos e pouca elaboração sobre a dinâmica familiar. A escassez de memórias relativas à família de origem na narrativa do cônjuge, sugere menor elaboração emocional. Ademais, a percepção do cônjuge do membro A1 acredita que sua parceira teve uma infância feliz, cercada pelas irmãs.

MEMBRO B1

Descreve a infância do cônjuge como difícil e marcada por privações, especialmente econômicas e contextuais. Destaca que ele amadureceu precocemente devido à deficiência visual do pai, assumindo responsabilidades desde cedo. Considera a infância dele mais dura e restritiva do que a sua.

“Eu acho que ele teve a infância bem dura, né, assim, bem diferente da minha. No caso, a gente teve infâncias bem diferentes. [...] questão mesmo econômica, de lugar, de onde morou, de onde veio, de escola”

MEMBRO B2

Descreve a infância do cônjuge como mais protegida e confortável, com estabilidade familiar, presença constante dos pais e poucas adversidades materiais. Ressalta que ela teve condições que ele não teve, o que contribuiu para trajetórias emocionais e valores distintos.

“Ela teve uma estrutura familiar, né... uma família organizada. [...] A única coisa que acontecia que ele [o pai] ficava o dia todo no trabalho, né? E que a mãe fazia tudo, pegava, levava pra escola, levava para a médica, fazia tudo”.

MEMBRO C1

Descreve a infância do cônjuge como afetivamente rica, protegida e estruturada, marcada por forte presença familiar, estabilidade emocional e abundância de cuidado e carinho. Destaca que ele foi muito acolhido, mimado afetivamente e cresceu em um ambiente seguro.

“[Ele] foi muito mimado. Os pais sempre disseram, ele foi um filho muito desejado. Foi o primeiro neto dos dois lados. [...]Ele foi muito mimado, muito, muito, muito, muito amado, muito mimado. [...] Contam coisas da infância dele que são surreais... de testar mesmo os limites e o povo ceder, ceder, ceder”

MEMBRO C2

Descreve a infância do cônjuge como marcada por responsabilidades precoces, escassez de afeto físico e contextos familiares complexos. Destaca uma infância cercada de exigências, com amadurecimento precoce e menor espaço para espontaneidade emocional.

“Ela não foi uma criança desejada, não foi uma criança planejada. [...] houve momentos assim de certo abandono maternal. [...] não teve esse carinho, né? Ela não teve o cuidado, carinho, afetividade”

Com relação ao casal B, os relatos enfatizam diferenças nas condições e experiências formativas entre os cônjuges, associando essas diferenças à construção de valores e modos de funcionamento distintos. Destacando as descobertas também do casal C, onde o membro C1 narra que a infância do cônjuge C2 foi vivida em contexto altamente favorecido, marcado por intenso investimento afetivo, superproteção e gratificação constante das demandas. A posição de filho desejado e primeiro neto, associando abundância material à ausência de experiências de frustração ou escassez, configura um ambiente de desenvolvimento caracterizado por forte centralidade e baixa exigência de adaptação às limitações, o que revela a possibilidade de se estabelecer dificuldades em lidar com a evitação da sua parceira na vida adulta. No mesmo contexto, o membro C2 narra que a infância do cônjuge foi marcada por instabilidade familiar, ausência da figura paterna, menor disponibilidade materna em função do trabalho e criação sob cuidados de terceiros.

Para a pergunta “**Como classifica a relação do seu esposo/a com o pai dele/a? Que lembranças ele/a traz desta relação?**”, os conteúdos narrados pelos participantes foram:

MEMBRO A1

Classifica a relação do cônjuge com o pai como distante emocionalmente e centrada no papel de provedor. Relata que ele sente falta de ter tido um pai participativo, que brincasse, acompanhasse ou demonstrasse afeto. As lembranças são associadas mais à ausência do que à presença.

Ele já me falou que o pai dele nunca fez muito por ele... tipo assim, que ele pretende hoje fazer [pelo filho], o que o pai dele não fez, levar para futebol, essas coisas.

MEMBRO A2

Classifica a relação do cônjuge com o pai como rígida, hierárquica e pouco afetiva. O pai é descrito como autoritário, de poucas palavras, cuja presença se impunha mais pela autoridade do que pela proximidade emocional. Ela não costuma relatar lembranças afetivas específicas com o pai.

Seu [nome do pai] é um cara rígido. Quando elas eram meninas, ele jogava duro, são quatro filhas, né? Ele falava pouco, mas a voz dele era que mandava

MEMBRO B1

Classifica a relação do cônjuge com o pai como extremamente próxima, significativa e identitária. O pai é a principal referência emocional e moral de dele. As lembranças mais fortes envolvem cuidado, parceria e responsabilidade, sendo “os olhos” do pai cego.

“Tudo para ele assim. O pai, ele tem muita história com o pai, ele muita referência, ele sempre fez tudo pelo pai. [...] Eu acho que é mais essa questão de ajudar o pai mesmo por ser cego e tá sempre junto,

MEMBRO B2

Classifica a relação do cônjuge com o pai como distante e pouco participativa. O pai é descrito como ausente durante o cotidiano, focado no trabalho, sem envolvimento direto nos cuidados ou na vida emocional da filha. Não há relatos de lembranças afetivas significativas dessa relação.

“Eu acho muito distante, totalmente diferente da minha. [O comportamento dele] talvez isso tenha feito, né, com que um evitasse o outro”

vendo televisão, ele assistindo com o pai, trabalhar com o pai”

MEMBRO C1

Percebe a relação do cônjuge com o pai como muito próxima, afetiva e exemplar, baseada em diálogo, orientação e presença constante. O pai aparece como referência positiva de cuidado, escuta e afeto, servindo como modelo relacional internalizado.

Ele [o pai] também foi um homem que não sabia demonstrar afeto. A forma de demonstrar afeto tava muito nas coisas, né? [...] ele foi um filho que era levado para cima e para baixo. Seu [pai] queria mostrar o filho dele, então ia com ele para coisas de adulto”

MEMBRO C2

Classifica a relação do cônjuge com o pai como distante e ambivalente. As lembranças envolvem encontros pontuais (férias), pouca convivência cotidiana e um pai percebido como centralizador e pouco disponível emocionalmente, apesar de ser admirado intelectualmente.

“Eu acho que ela não teve nenhum momento com o pai dela como pai, no sentido afetivo, amoroso, não. [...] Às vezes tinha aniversário do pai. ‘você vai?’ ‘Não, não vou não”

As respostas explicitam e ratificam conteúdos já apresentados anteriormente pelos membros do casal quando tratavam da própria experiência com suas famílias de origem. Alguns dados surgem de forma mais direta, provavelmente por conta de um menor envolvimento emocional do cônjuge na relação que está narrando.

A pergunta seguinte propõe compreender “**Como classifica a relação do seu esposo/a com a mãe dele/a? Que lembranças ele /a traz desta relação?**” Mais uma vez as informações se complementam e contribuem para identificação do estilo de apego do cônjuge.

MEMBRO A1

A relação é descrita como intensamente cuidadora e pouco promotora de autonomia,

MEMBRO A2

Descreve a relação do cônjuge com a mãe como ambivalente: simultaneamente afetuosa

sugerindo um contexto de apego marcado por responsividade elevada, porém com limites difusos.

“Deu carinho, criou, mimou até demais. [...]Ela fazia tudo para ele... tudo mesmo, roupa, comida, tudo. [...] Ela criou ele muito na proteção... muito no cuidado.”

e controladora. A mãe aparece como figura central da casa, responsável por organizar, vigiar e cobrar, mas também como referência de cuidado. As lembranças remetem à presença constante e à supervisão rígida.

“A mãe rígida também, tinha um controle muito forte. ‘hoje é você quem lava, hoje é você quem faz isso’. [...] Passava do horário um pouquinho, a mãe ligava, a mãe sabia onde tava. Se demorasse, ia buscar. [...]Ela é a mãe toda...”

MEMBRO B1

Percebe a relação do cônjuge com a mãe como mais ambígua e marcada por tensão.

Identifica a presença de mágoas antigas, dificuldade de intimidade emocional e comunicação baseada em gritos e estresse, em contraste com a postura mais tranquila do pai.

“Talvez a mãe, na hora que ele precisou, ela não podia estar lá, aí ele guarda isso por anos, anos e anos. Então acho que é um pouco de mágoa de algumas coisas assim.”

MEMBRO B2

Classifica a relação do cônjuge com a mãe como positiva, funcional e estável. A mãe aparece como figura cuidadora, presente no cotidiano embora sem grande expressão de afeto físico ou emocional.

“A mãe fazia tudo, pegava, levava pra escola, levava para a médica, fazia tudo. Totalmente diferente da minha.”

MEMBRO C1

Descreve a relação do cônjuge com a mãe como protetora, cuidadora e normativa, marcada por cuidado constante, organização da casa e correções educativas, porém sem experiências de

MEMBRO C2

Descreve a relação do cônjuge com a mãe como funcional, porém pouco afetiva, marcada por cuidado prático, exigência, escassez de contato físico e priorização das funções parentais. Destaca que a demonstração de afeto ocorria

violência. A mãe aparece como figura de referência estável e afetiva.

“Minha sogra era aquela pessoa que ela demonstrava, ela não tinha dificuldade de dizer ‘te amo’, nem dificuldade de esticar, de beijar, de apertar. [...] Ela sempre opinou muito na vida dele, sempre participou muito de tudo. [...] Ele sempre foi muito ligado à mãe”

mais por meio de tarefas do que por gestos emocionais.

“A mãe dela não foi presente porque também tinha outras relações no sentido de trabalhar, de botar comida na mesa. [...] Era uma mulher que só sabia trabalhar... uma mulher guerreira também no sentido de batalhadora. [...] Mas não teve um afeto, né? Não teve também um abraço também”

A última pergunta do instrumento de pesquisa proposto busca identificar **“Quais características destas relações você acredita que ele/a tenha levado para o casamento?”**.

MEMBRO A1

Percebe que o cônjuge levou para o casamento dependência afetiva, expectativa de cuidado, dificuldade com tarefas domésticas e forte necessidade de diálogo e reconciliação. Ela associa esses aspectos à criação superprotetora e à ausência de exigências de autonomia na infância.

“A meu ver, ele acha que a mulher que tem que fazer tudo. Ele não tinha essa rotina de fazer as coisas... a mãe fazia tudo. [...] Ele tiver que sofrer, ele não demonstra nada. Ele pode estar ali pirado, querendo chorar, mas ao mesmo tempo se mostra uma pessoa totalmente ao contrário, como se não estivesse sofrendo isso”

MEMBRO A2

Identifica que o cônjuge trouxe para o casamento rigidez, necessidade de controle, dificuldade de flexibilização e padrão normativo elevado, especialmente na organização da casa e nas regras de convivência. Ele associa esses traços principalmente ao modelo materno e à dinâmica familiar vivida por ela.

“Um pouco da superproteção de minha mãe. [...] Ela traz muito essa questão de regra, de disciplina... isso vem muito da casa dela. [...] Ela é muito organizada, muito mesmo. Tudo tem que estar no lugar, tudo tem que ter um padrão

MEMBRO B1

Identifica que o cônjuge levou para o casamento forte senso de responsabilidade, presença constante, disponibilidade prática e compromisso com a família. Destaca também a autonomia doméstica e a valorização do “estar junto”, aprendidas na convivência intensa com o pai.

Eu acho mais assim essa questão dele de fazer tudo dentro de casa... ele fala: meu pai fazia tudo dentro de casa, mesmo sendo cego, trocava o chuveiro, fazia comida, fazia tudo. [...] Eu acho que ele se tornou caseiro por conta de ficar muito com o pai... ele se tornou caseiro por querer estar junto do pai. [...] A irmã dele sempre diz que ele já nasceu velho. Sempre foi assim, de ficar em casa, ser mais caseiro

MEMBRO C1

Identifica que o cônjuge levou para o casamento alta necessidade de proximidade emocional, demonstração frequente de afeto, busca por diálogo e contato físico constante, o que por vezes se torna excessivo para ela. Relaciona esses aspectos à infância afetiva vivida por ele.

MEMBRO B2

Percebe que o cônjuge trouxe para o casamento valorização do trabalho, dedicação às conquistas, busca por estabilidade e menor ênfase em demonstrações afetivas. Associa esses traços ao modelo familiar organizado, funcional e pouco expressivo emocionalmente vivido por ela.

“O que ela trouxe foi a dedicação pelo trabalho, né? Pessoa extremamente esforçada. [...] Eu vi meu pai trabalhando muito e vivendo pouco. Às vezes eu vejo ela trabalhando muito e vivendo pouco”.

MEMBRO C2

Percebe que o cônjuge trouxe para o casamento dificuldade de expressar afeto físico, foco nas funções, postura resolutiva e certa rigidez emocional, associadas a uma infância marcada por responsabilidades precoces e por modelos de cuidado sem demonstrações explícitas de carinho.

“Essa coisa assim meio dramática, que é bem típica do pai. [...] tem uma baixa tolerância à frustração. [...] Isso também deu a ele muita insegurança, né? Exatamente porque ele não precisou ter que brigar pelas coisas... sempre teve tudo com muita facilidade. [...] Tem um lado bom... a capacidade de demonstrar amor, afeto, mas tem um outro lado que é de uma incapacidade de tolerar frustração”

“Ela não teve esse carinho, né? Ela não teve o cuidado, carinho, afetividade. [...] Ela tem dificuldade desse abraço, entendeu? Porque ela não teve. [...] Eu acho que ela carrega realmente assim uma ausência de carinho, uma ausência de afetividade”

6.1 ANÁLISE E REFLEXÕES SOBRE ESTILOS DE APEGO E CONJUGALIDADE

Os estilos de apego dos participantes desta pesquisa foram identificados a partir da análise dos dados qualitativos coletados por meio das entrevistas semiestruturadas realizadas. As entrevistas constituíram o principal instrumento de investigação, possibilitando o acesso às narrativas dos participantes acerca de suas experiências relacionais ao longo do desenvolvimento, especialmente no contexto da família de origem e das relações conjugais atuais. A utilização de narrativas como via de acesso aos modelos internos de funcionamento é amplamente reconhecida na literatura sobre apego adulto (Main, 2025; Bretherton, 1990; 2005)

A identificação dos estilos de apego fundamenta-se nos pressupostos da Teoria do Apego de John Bowlby (2002), segundo a qual os vínculos estabelecidos na infância com as figuras parentais exercem influência significativa na organização emocional, nos padrões de regulação afetiva e nas formas de se relacionar na vida adulta. Assim, os relatos dos casais participantes referentes à infância, às experiências de cuidado, à percepção das relações com pai e mãe, bem como às estratégias utilizadas pelos participantes para lidar com proximidade, dependência, conflito e intimidade no relacionamento conjugal, foram considerados indicadores relevantes para a compreensão de seus padrões de apego. Estudos sobre apego adulto indicam que tais padrões tendem a se manifestar nas relações românticas, especialmente em contextos de intimidade e estresse relacional (Hazan; Shaver, 1987)

Além da Teoria do Apego, a presente pesquisa teve como suporte teórico complementar a teoria do Ciclo Vital Familiar, que compreende a família como um sistema em constante transformação ao longo do tempo. Essa perspectiva permite situar os participantes e seus relacionamentos conjugais nas diferentes etapas do desenvolvimento familiar, considerando as tarefas evolutivas, as transições normativas e as possíveis crises que emergem em cada fase do ciclo de vida (Carter; McGoldrick, 2014; Cervený; Berthoud, 2002). A articulação entre a teoria do Ciclo Vital Familiar e a Teoria do Apego possibilita uma análise mais abrangente da conjugalidade ao integrar aspectos históricos, desenvolvimentais e contextuais às experiências subjetivas de vinculação dos casais, contribuindo para a compreensão das dinâmicas relacionais observadas na pesquisa.

Reafirmando a perspectiva da Teoria do apego quanto ao apego na vida adulta, Bowlby (2002) afirma que os modelos internos de funcionamento, construídos nas primeiras relações com as figuras de apego, tendem a orientar as expectativas, percepções e comportamentos nas relações significativas ao longo da vida” Desta forma, a análise dos dados coletados foi conduzida de forma interpretativa, buscando identificar recorrências, convergências e singularidades nos discursos dos participantes, à luz das categorias teóricas que descrevem os estilos de **Apego Seguro**, **Apego Inseguro Ansioso** e **Apego Inseguro Evitativo**. Foram observados aspectos como a coerência narrativa, a valorização ou desvalorização das experiências de apego, as expectativas em relação ao outro e as estratégias emocionais adotadas diante de situações de conflito ou ameaça ao vínculo, para em seguida relacionar às experiências vivenciadas pelos participantes com suas figuras de apego na infância.

Dessa forma, os estilos de apego não foram atribuídos a partir de instrumentos padronizados de mensuração, mas inferidos a partir da articulação entre os dados empíricos obtidos nas entrevistas e o referencial teórico adotado, garantindo uma compreensão contextualizada e aprofundada da experiência subjetiva dos participantes. Esse procedimento metodológico permite captar a complexidade dos vínculos afetivos e sua influência na dinâmica conjugal, respeitando a singularidade das trajetórias individuais e relacionais analisadas. Segundo Grossmann e Grossmann (2005), a qualidade do apego inicial influencia a regulação emocional e as expectativas relacionais ao longo do desenvolvimento.

A comparação dos estilos de apego entre os casais participantes da pesquisa foi realizada a partir da análise integrada das entrevistas individuais de cada cônjuge, considerando tanto os padrões de apego identificados em cada participante quanto a dinâmica relacional estabelecida

no vínculo conjugal. A análise comparativa buscou identificar convergências e divergências entre as percepções dos parceiros, bem como padrões recorrentes entre os diferentes casais, possibilitando uma compreensão relacional do apego, que ultrapassa a dimensão individual e contempla o funcionamento do casal enquanto unidade dinâmica.

Para cumprir com o objetivo principal do estudo e responder à sua questão norteadora, a análise dos estilos de apego foi iniciada a partir das percepções acerca do casal A, comparando seus membros, a fim de identificar os impactos na construção e manutenção da conjugalidade.

Quanto ao membro A1 do casal A, a análise do material obtido por meio da entrevista permite identificar um estilo de apego inseguro evitativo, caracterizado por estratégias de distanciamento emocional, supressão da expressão afetiva e desconforto diante da intimidade emocional. A descoberta se fundamenta na articulação entre as narrativas da infância, na qualidade das relações com as figuras parentais e nos padrões relacionais manifestados na conjugalidade atual.

Com relação à infância, embora ela descreva um contexto familiar estruturado e estável do ponto de vista material, observa-se uma limitação significativa no plano emocional e relacional. Relata ter sido uma criança “mais quieta”, reservada e pouco inclinada à socialização, destacando que “não me sentia confortável, não senti interesse em brincar”. Esse padrão precoce sugere um processo inicial de adaptação a um ambiente no qual a expressão emocional não era incentivada nem acolhida.

A relação com a figura paterna é descrita como marcada por rigidez, cobrança e distanciamento afetivo. A entrevistada afirma que o pai era “muito reservado” e que as principais lembranças da infância estão associadas à exigência escolar e às repreensões, referindo que “quando ensinava era só bronca, pegava pesado mesmo”. Ela não narra experiências de proximidade emocional, diálogo ou suporte afetivo, o que indica uma figura de apego pouco responsiva emocionalmente, condição frequentemente associada, segundo Bowlby, ao desenvolvimento de estratégias evitativas.

Em relação à mãe, embora o membro A1 reconheça uma presença constante nos cuidados práticos, “ela que fazia tudo, bolo, decoração, tudo”, também aponta a ausência de diálogo emocional e orientação afetiva. A entrevistada relata que tanto a mãe quanto o pai eram “totalmente fechados” no que diz respeito a conversas mais profundas, especialmente durante a adolescência, afirmando que “aprendi mais fora de casa do que dentro”. Tal configuração

sugere um cuidado predominantemente funcional, sem sintonia emocional, reforçando a aprendizagem de que sentimentos e necessidades emocionais não encontram espaço de acolhimento.

Essas experiências parecem repercutir diretamente na organização emocional da entrevistada na vida adulta e, especialmente, no contexto conjugal, o que Dalbem e Dell’Aglia (2005) destacam como modelos internos organizam crenças sobre si e sobre os outros, influenciando a qualidade das relações íntimas na vida adulta.

O membro A1 descreve a si mesma como “muito reservada”, com dificuldade de conversar sobre conflitos e uma tendência ao silêncio quando se sente desconfortável emocionalmente, afirmando que “fico calada, fico na minha”. Ademais, demonstra incômodo diante da insistência do cônjuge em dialogar imediatamente após os conflitos, preferindo o afastamento temporário como estratégia de autorregulação emocional, típicas do estilo evitativo.

Dessa forma, com base nas falas da entrevistada e no referencial teórico adotado, infere-se que o estilo de apego inseguro evitativo constitui uma organização defensiva desenvolvida a partir de experiências precoces com figuras parentais emocionalmente pouco disponíveis. (Bowlby, 1979) Tal padrão manifesta-se na vida adulta por meio da valorização da autonomia, do desconforto com a dependência emocional e da dificuldade de comunicação afetiva, elementos que impactam diretamente a dinâmica conjugal observada na pesquisa.

Em continuidade à análise do casal A, o membro A2 apresenta um estilo de apego inseguro ansioso, com comportamento ambivalente e preocupado. O diagnóstico apresentado decorre da articulação entre as experiências precoces com as figuras parentais, marcadas por respostas emocionais inconsistentes, padrões relacionais observados na vida adulta e conjugal.

Embora o membro A2 descreva sua infância como “maravilhosa” em termos de convivência social, amigos e ambiente, a exemplo da fala na entrevista: “minha infância foi maravilhosa, muitas crianças, trouxe para a vida adulta”

Na relação parental observa-se uma polarização afetiva. A figura paterna é narrada como rígida, pouco afetiva e punitiva, com escassa participação emocional: “participação de amor, de dizer eu te amo, de demonstrar afeto, esqueça isso aí... na infância isso realmente nunca aconteceu”. As lembranças de proximidade com o pai são raras e episódicas, reforçando a percepção de um vínculo marcado por exigência e distância emocional.

Em contraste, a relação com a mãe é descrita como altamente responsiva e superprotetora. Ele afirma que foi a mãe quem “me ensinou o amor, o afeto, fazia absolutamente tudo”. Também relata episódios de proteção intensa “se deu uma ‘merda’, me procura que eu estou junto”. Esse padrão, embora afetivamente acolhedor, aparece associado a baixo estímulo à autonomia emocional e prática, produzindo uma base de cuidado excessiva e inconsistente quando comparada à rigidez paterna.

Na vida adulta e no contexto conjugal, emergem comportamentos compatíveis com o apego inseguro ansioso, dada à elevada necessidade de proximidade e validação, sensibilidade ao tom e à crítica, insistência no diálogo e sofrimento intenso diante da rigidez ou do afastamento da parceira. O participante relata investir reiteradamente na harmonia do casal, quando a resposta a quem tende a harmonizar a relação: “eu sem sombra de dúvidas”. Descreve estratégias de manutenção do vínculo mesmo quando os conflitos não são efetivamente solucionados. Demonstra dificuldade em tolerar frustrações prolongadas e percepções de rejeição, o que intensifica a busca por reconexão e resolução imediata. Hazan e Shaver (1987, p. 511) explicam essa condição quando afirmam que “o amor romântico pode ser compreendido como um processo de apego, no qual os parceiros funcionam como figuras de segurança e proteção mútua”. Quando o parceiro não oferece essa segurança e proteção, e essa reconexão não acontece como espera, o sujeito reage de forma equivalente à que o fazia na infância.

As descobertas são coerentes com a literatura da Teoria do Apego, segundo a qual o estilo inseguro ansioso tende a se desenvolver em contextos nos quais a criança vivencia inconsistência emocional, ou seja, um contexto ambivalente onde há uma figura excessivamente disponível e outra distante, favorecendo hipervigilância afetiva e dependência relacional na vida adulta (Main; Solomon, 2000). Assim, com base nas falas deste participante da pesquisa e na análise da teoria de referência proposta, conclui-se que o membro pesquisado organiza suas relações a partir de um padrão de apego inseguro ansioso-ambivalente, cujas raízes se situam na ambivalência afetiva experienciada na infância e que se manifesta, atualmente, na conjugalidade.

A conjugalidade estabelecida entre os membros do casal A pode ser compreendida como uma dinâmica relacional assimétrica, organizada a partir da combinação entre um estilo de apego inseguro evitativo e um estilo de apego inseguro ansioso. Essa configuração tende a produzir um padrão interativo caracterizado por movimentos complementares, porém conflitivos, nos quais a busca por proximidade de um parceiro intensifica o afastamento do outro. (Abreu, 2014)

O membro A2, orientado por um sistema de apego hiperativado, tende a investir de forma intensa na relação, buscando diálogo, validação emocional e resolução imediata dos conflitos, enquanto o membro A1, diante de demandas afetivas percebidas como invasivas ou excessivas, aciona estratégias de desativação do sistema de apego, manifestadas por silêncio, retraimento e necessidade de distanciamento emocional. Neste contexto, Main (2000) descreve que indivíduos com estratégias evitativas tendem a desativar o sistema de apego por meio do distanciamento emocional, enquanto padrões ansiosos envolvem hiperativação, com busca intensa por proximidade.

Esse desencontro produz um ciclo relacional recorrente, no qual quanto mais um membro busca aproximação, mais o outro se afasta, reforçando mutuamente a insegurança de ambos. Scheeren et al. (2015) demonstram que combinações entre apego ansioso e evitativo estão associadas a maior escalada de conflitos e menor satisfação conjugal.

Do ponto de vista sistêmico e desenvolvimental, observa-se que a conjugalidade funciona como um espaço de reatualização das experiências precoces de apego: O membro A2 revive a inconsistência afetiva ao sentir-se rejeitado ou não acolhido, enquanto o membro A1 revive contextos nos quais a expressão emocional não encontrava responsividade, reforçando seu fechamento defensivo. Assim, o vínculo conjugal passa a operar menos como base segura e mais como um campo de ativação de estratégias defensivas aprendidas na infância.

Conclui-se que, a conjugalidade deste casal se estrutura a partir de uma interdependência conflituosa, na qual a manutenção do vínculo ocorre às custas de sofrimento emocional, comunicação ineficaz e dificuldade de regulação afetiva conjunta. A possibilidade de transformação dessa dinâmica dependeria do reconhecimento mútuo dos padrões de apego envolvidos e da construção de formas mais seguras de comunicação, nas quais a proximidade não seja vivenciada como ameaça e o afastamento não seja interpretado como rejeição.

Partindo para a análise do material obtido na entrevista dos membros do casal B é possível inferir que o membro B1 apresenta um estilo de apego inseguro evitativo com característica de comportamento desapegado. Esta afirmativa se justifica pela recorrência de narrativas que evidenciam conforto com a autonomia emocional, baixa centralidade da intimidade afetiva e tendência à neutralização ou minimização da expressão emocional, tanto nas relações familiares de origem quanto na conjugalidade atual.

Aboim (2009) destaca que as relações conjugais atuais são marcadas pela pluralidade de expectativas emocionais e pela centralidade do afeto como critério de manutenção do vínculo. Desta forma, o membro B2 do casal B encontra desconforto e insatisfação pela ausência de demonstração de afeto.

No contexto da infância, a entrevistada descreve uma condição familiar estável, com presença física dos cuidadores e ausência de eventos disruptivos significativos. Entretanto, observa-se uma escassez de memórias afetivas marcadas por trocas emocionais profundas. Ao ser questionada sobre lembranças específicas envolvendo pai, mãe ou irmão, a entrevistada frequentemente responde com expressões como “não sei”, “não consigo lembrar” ou “nunca pensei nisso”

Essa pobreza da narrativa no campo emocional sugere um vínculo organizado predominantemente em bases funcionais, com reduzida sintonização afetiva. A relação com as figuras parentais é descrita como correta e estável, porém pouco marcada por intimidade emocional ou compartilhamento de conteúdos subjetivos. Ela relata não ter o hábito de “conversar muito” ou de compartilhar sentimentos, padrão que não se restringe à infância, mas se estende à vida adulta. Segundo a Teoria do Apego, contextos nos quais os cuidadores são previsíveis, porém pouco responsivos emocionalmente, favorecem o desenvolvimento de estratégias evitativas, nas quais a criança aprende a não mobilizar intensamente o sistema de apego.

Esse tipo de organização emocional manifesta-se também na dificuldade da entrevistada em acessar, nomear e elaborar estados afetivos. Ao longo da entrevista, não se observam relatos de sofrimento explícito ou queixas emocionais intensas, há predominância de um discurso descritivo, pragmático e pouco elaborado afetivamente. Tal característica é compatível com o que Bowlby e autores posteriores descrevem como estratégias de desativação do sistema de apego, típicas do estilo evitativo, nas quais o afeto não é negado, mas mantido em segundo plano. (Bowlby, 1979; Main, 2000)

No contexto conjugal, o mesmo padrão se mantém. O membro B1 reconhece que não é uma pessoa carinhosa e que não valoriza excessivamente demonstrações físicas de afeto, como beijos ou contato corporal frequente, apontando que esse modelo também não esteve presente na relação entre seus pais. O casamento é descrito como estável, funcional e satisfatório do ponto de vista da parceria e da convivência, mas sem centralidade na intimidade emocional

profunda. A entrevistada demonstra conforto com essa configuração relacional, o que reforça a hipótese de um apego evitativo organizado e relativamente estável.

Além disso, a forma como a participante descreve a constituição do vínculo conjugal, como um lugar sem idealizações românticas e com ênfase no “foi acontecendo”, revela uma postura pragmática frente às relações, coerente com um estilo de apego que valoriza a constância e a previsibilidade mais do que a intensidade emocional. No apego evitativo adulto, os vínculos tendem a ser mantidos desde que não impliquem exigências elevadas de dependência afetiva ou exposição emocional. (Canavarro; Dias; Lima, 2006)

Dessa forma, com base na análise das falas e na organização narrativa da entrevistada, conclui-se que ela apresenta um estilo de apego inseguro evitativo, desenvolvido em um contexto de cuidadores presentes, porém pouco expressivos emocionalmente, e mantido na vida adulta por meio da valorização da autonomia, da funcionalidade das relações e da contenção afetiva. Esse padrão influencia diretamente a forma como a entrevistada vivencia e estrutura sua conjugalidade, priorizando estabilidade e parceria em detrimento da intimidade emocional intensa. Enquanto Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006) destacam que a qualidade conjugal envolve dimensões de intimidade, comunicação e regulação emocional, fortemente influenciadas pelos padrões de vinculação.

Em continuidade à análise do casal B, analisaremos o membro B2 quanto ao estilo de apego, sempre orientado pela narrativa do pesquisado em entrevista concedida. A análise do material produzido indica que este sujeito apresenta um estilo de apego inseguro ansioso. Tal classificação decorre da articulação entre as condições desenvolvimentais da infância, a qualidade dos vínculos estabelecidos com as figuras parentais e os padrões afetivos manifestados na vida adulta e conjugal. (Becker; Crepaldi, 2019)

A infância deste sujeito da pesquisa é descrita como marcada por privação material, insegurança ambiental e adultização precoce, em um contexto de pobreza e exposição a situações de risco. Ele relata ter assumido responsabilidades desde muito cedo, sobretudo em função da cegueira do pai, ocupando simbolicamente o lugar de “homem da casa”. Esse cenário favorece a ativação precoce e intensa do sistema de apego, uma vez que a criança passa a vivenciar simultaneamente necessidade de cuidado e exigências incompatíveis com sua etapa de desenvolvimento.

A relação com a figura paterna emerge como o eixo central da organização afetiva deste participante, que descreve esse vínculo como “fantástico” e profundamente intenso, afirmando que ambos eram “praticamente uma pessoa só”. Ele se percebia como os “olhos do pai”, acompanhando-o constantemente em suas atividades, o que evidencia um laço de forte identificação e proximidade emocional. Apesar da intensidade do vínculo, o pai é descrito como pouco demonstrativo fisicamente, o que parece ter produzido uma busca contínua por validação afetiva e reconhecimento emocional. Segundo a Teoria do Apego, vínculos muito próximos, porém marcados por expressão afetiva contida, tendem a favorecer padrões ansiosos, nos quais a proximidade é desejada, mas nunca plenamente assegurada. (Bowlby, 2002)

Em contraste, a relação com a mãe é narrada de forma ambivalente e conflituosa. Durante a entrevista o participante a descreve como uma figura imprevisível, frequentemente estressada, agressiva verbalmente e pouco acessível emocionalmente, relatando dificuldades de convivência e afastamento afetivo. Embora reconheça sentimentos de amor pela mãe, ele expressa rejeição ao seu modo de se relacionar, o que reforça a experiência de inconsistência afetiva. A coexistência de uma figura paterna altamente valorizada e de uma figura materna percebida como ameaçadora ou instável constitui um arranjo clássico para a organização do apego ansioso, com comportamento preocupado.

Na vida adulta e no contexto conjugal, observam-se diversos indicadores compatíveis com esse padrão de apego. Quando entrevistado, ele relata ter sido “sempre muito carinhoso”, com elevada necessidade de proximidade física e emocional, referindo sofrimento intenso quando o afeto não é correspondido. Em momentos posteriores, descreve um movimento defensivo de supressão do desejo de proximidade, a exemplo desta narrativa, “essa gaveta eu não abro mais”, que não configura um apego evitativo primário, mas sim uma estratégia secundária de autoproteção frente a repetidas experiências de não correspondência.

Dessa forma, com base nas falas deste participante e na análise interpretativa e subjetiva do material, conclui-se que o membro B2 apresenta um estilo de apego inseguro ansioso, caracterizado por elevada necessidade de proximidade emocional, busca constante por validação afetiva, sensibilidade à rejeição e dificuldade em lidar com a não reciprocidade. Esse padrão parece ter origem em uma infância marcada por insegurança, responsabilidades precoces e vínculos parentais ambivalentes, repercutindo de modo significativo na forma como esse sujeito vivencia e constrói suas relações conjugais.

Por fim, o terceiro casal entrevistado, aqui intitulado como casal C, também expressou por meio da narrativa apresentada dos fatos vivenciados na infância, bem como conteúdos da relação conjugal característica dos seus estilos de apego, que foram analisados nesta pesquisa.

O material oriundo da entrevista indica que o membro C1 apresenta um estilo de apego inseguro evitativo, com organização defensiva bem estruturada. Esta classificação fundamenta-se na articulação entre as experiências precoces de cuidado, a qualidade dos vínculos estabelecidos com as figuras parentais e os padrões de funcionamento afetivo observados na vida adulta e conjugal.

Na infância, a principal figura de apego da entrevistada foi a avó materna, que assumiu papel central no cuidado cotidiano. A entrevistada descreve esse cuidado como intenso, organizado e constante, porém marcado por rigidez, punições físicas e escassa demonstração de afeto físico ou verbal. O afeto era expresso predominantemente por meio do controle, da disciplina e da provisão e não pela validação emocional, configurando um ambiente no qual a proximidade afetiva não era acompanhada de acolhimento emocional.

A relação com a mãe é caracterizada por presença funcional e afastamento afetivo progressivo. A entrevistada relata que a mãe retornou precocemente ao trabalho, mantendo uma rotina de cuidados práticos, porém com disponibilidade emocional limitada. Demonstrações de afeto físico se concentraram apenas no início da vida, tornando-se raras à medida que a criança crescia. A própria entrevistada reconhece uma dificuldade histórica em relação ao toque, ao abraço e à expressão de carinho na relação com a mãe. Esse padrão contribuiu para a aprendizagem de que a proximidade emocional não se sustenta ao longo do tempo.

Quanto à figura paterna, o vínculo é descrito como intermitente e instável, restrito a períodos de convivência durante férias. A entrevistada relata experiências recorrentes de deslocamento, ciúme e perda de exclusividade, percebendo o pai como uma figura admirável do ponto de vista intelectual, porém autorreferenciada e pouco sensível emocionalmente. A função de cuidado afetivo era exercida, em maior medida, pela madrasta, e não pelo pai biológico. Essa configuração reforça a inconsistência relacional e a necessidade de desenvolver estratégias de não dependência emocional.

Na vida adulta, observam-se indicadores claros de um apego evitativo organizado. A entrevistada descreve dificuldade espontânea para demonstrar carinho, desconforto com

proximidade física excessiva e preferência por expressar afeto por meio do fazer, da responsabilidade e da resolução de problemas. Afirmar que demandas afetivas intensas tendem a gerar incômodo e retraimento emocional, sendo a autonomia e o controle emocional valores centrais em sua organização psíquica. Esses elementos correspondem às estratégias de desativação do sistema de apego descritas por Bowlby.

Dessa forma, com base nas falas da entrevistada e na análise interpretativa do material, associada às teorias que oferecem suporte à pesquisa, conclui-se que o membro C1 apresenta um estilo de apego inseguro evitativo, marcado por contenção emocional, desconforto com intimidade afetiva e forte tendência à autossuficiência. Esse padrão parece ter origem em uma infância estruturada por cuidado funcional e disciplinar, com ausência de validação afetiva consistente, repercutindo diretamente na forma como a entrevistada vivencia e organiza suas relações conjugais

O membro C2, cônjuge do casal C, também analisado a partir da entrevista, apresenta um estilo de apego seguro, com traços ansiosos de natureza reativa no contexto conjugal. O que define essa classificação é a consistência das experiências de apego na infância, na qualidade dos vínculos estabelecidos com as figuras parentais e no modo como este participante da pesquisa regula afetos e constrói intimidade na vida adulta.

Com relação às experiências precoces, o membro C2 descreve uma infância marcada por previsibilidade emocional, estabilidade e disponibilidade afetiva dos cuidadores. Ele relata ter sido “muito amado” e “protegido”, evidenciando a percepção de acolhimento e validação emocional ao longo do desenvolvimento. Não há menção a rupturas significativas, negligência ou violência, o que sugere a internalização de figuras de apego percebidas como confiáveis e acessíveis, condição central para a organização do apego seguro.

A relação com o pai é descrita como próxima e reguladora, baseada em diálogo, orientação e convivência. O pai aparece como referência identificatória positiva e fonte de segurança emocional, contribuindo para a construção de um modelo interno de relação pautado na confiança e na disponibilidade afetiva. De modo complementar, a mãe é descrita como figura protetora, responsiva e afetiva, exercendo limites sem violência e favorecendo a autonomia progressiva do sujeito. A presença consistente de duas figuras parentais “suficientemente boas” sustenta a base segura observada na organização do apego.

Na vida adulta, o membro C2 demonstra características típicas do apego seguro: capacidade de nomear emoções, conforto com intimidade emocional e física, abertura ao diálogo e à escuta, bem como habilidade para investir no vínculo sem perda da autonomia. O participante evidencia empatia, desejo genuíno de conexão e capacidade reflexiva sobre si e sobre a relação, sem apresentar comportamentos controladores ou evitativos generalizados.

Entretanto, no contexto conjugal, observam-se traços ansiosos reativos, expressos por sofrimento diante da rejeição afetiva, busca intensificada por proximidade e validação e sensação de abandono emocional. Importa destacar que tais manifestações não configuram um apego ansioso estrutural: elas emergem em resposta a um parceiro com padrão de evitamento emocional e não se estendem de forma generalizada a outros vínculos. O próprio sujeito demonstra capacidade de recuo, reflexão e autorregulação frente ao estresse relacional, o que é compatível com o entendimento do apego seguro sob condições de ameaça ao vínculo, e não de um padrão ansioso primário. O contexto conjugal gera no membro C2 maior dependência emocional do cônjuge, quando não recebe o acolhimento esperado.

Dessa forma, com base na sua narrativa e na análise do material produzido, conclui-se que ele apresenta um estilo de apego seguro, construído a partir de uma infância afetivamente estável e de cuidadores responsivos e que refletem na sua relação conjugal. Ademais, seja possível perceber que os modelos internos produzidos influenciam no contexto atual, reduzindo a capacidade do membro C2 lidar com as frustrações produzidas pelo comportamento de apego inseguro evitativo do seu cônjuge.

Para tornar mais expressivos os achados desta investigação, o quadro abaixo reflete os estilos de apego dos casais participantes da pesquisa:

Participante	Estilo de apego predominante	Principais características	Origem
Membro A1	Apego Inseguro Evitativo	Supressão emocional; dificuldade de expressar sentimentos; retraimento diante de conflitos; desconforto com insistência relacional; valorização de autonomia defensiva/desapego	Figuras parentais presentes, contudo, emocionalmente pouco responsivas, com cuidado predominantemente funcional

Membro A2	Apego Inseguro Ansioso-Ambivalente (Ansioso-Preocupado)	Alta necessidade de proximidade e validação emocional; hipersensibilidade à rejeição; sofrimento diante de rigidez ou afastamento do outro.	Inconsistência afetiva na infância, com mãe superprotetora e altamente responsiva e pai rígido, punitivo e pouco afetivo
Membro B1	Apego Inseguro Evitativo (Evitativo-Desapegado)	Dificuldade em acessar e nomear emoções; valorização da autonomia; vínculo funcional e estável, porém pouco afetivamente expressivo	Cuidadores estáveis, porém pouco emocionalmente disponíveis, com baixa estimulação à expressão afetiva
Membro B2	Apego Inseguro Ansioso-Preocupado	Busca intensa por afeto, proximidade e contato físico; sofrimento diante da não reciprocidade; dificuldade em tolerar afastamento emocional	Infância marcada por insegurança, adultização precoce, vínculo paterno intenso e figura materna imprevisível e aversiva
Membro C1	Apego Inseguro Evitativo (organização defensiva)	Inibição da expressão emocional; desconforto com proximidade física excessiva; demonstração de afeto por meio do fazer; forte autossuficiência emocional.	Infância marcada por cuidado funcional, rigidez, punições e baixa validação afetiva, com figura de apego substitutiva
Membro C2	Apego Seguro (com traços ansiosos reativos no contexto conjugal)	Conforto com intimidade; capacidade reflexiva e empática; boa regulação emocional; sofrimento relacional contextual, sem prejuízo estrutural do apego.	Infância com figuras parentais estáveis, responsivas e afetivamente disponíveis

Quadro 01 – Estilos de apego dos participantes da pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos conteúdos narrados nas entrevistas

Pensando nos aspectos da conjugalidade, abaixo está desenhado num quadro, com o intuito de facilitar a visualização dos estilos de apego por casal, para proporcionar a compreensão das descobertas alcançadas nesta pesquisa. Semensato e Bosa (2013) fazem um leitura sistêmica da teoria do apego e a partir da análise, apontam que o apego não é apenas individual, mas sim construído e mantido na relação. Ele pode ser compartilhado pelo casal,

formando um padrão relacional conjunto. Essa leitura das autoras contribui no direcionamento desta pesquisa, quando analisa os estilos de apego dos membros do casal e seus impactos sobre a construção e manutenção da conjugalidade.

CASAL	CÔNJUGE FEMININO	ESTILO DE APEGO	CÔNJUGE MASCULINO	ESTILO DE APEGO
CASAL A	Membro A1	Apego Inseguro Evitativo (Evitativo-Desapegado)	Membro A2	Apego Inseguro Ansioso (Ambivalente e Preocupado)
CASAL B	Membro B1	Apego Inseguro Evitativo (Evitativo-desapegado)	Membro B2	Apego Inseguro Ansioso (ansioso-preocupado)
CASAL C	Membro C1	Apego Inseguro Evitativo (organização defensiva)	Membro C2	Apego Seguro (com pouca tolerância a frustração no contexto conjugal)

Quadro 02 – Estilos de apego dos casais participantes pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos conteúdos narrados nas entrevistas

Ademais, com o intuito de oferecer maior subsídio à compreensão das descobertas desta pesquisa, bem como dos quadros propostos, ela se encerra com reflexões referenciais fundamentais.

A literatura aponta que a conjugalidade constitui um contexto privilegiado de expressão e reorganização dos padrões de apego, uma vez que o parceiro passa a exercer a função de figura de segurança emocional (Hazan; Shaver, 1987; Simpson; Rholes, 2010). Nesse sentido, os modelos internos de funcionamento, construídos nas relações iniciais com os cuidadores, orientam expectativas, estratégias de regulação emocional e formas de lidar com proximidade e conflito na vida adulta (Bowlby, 2002; Dalbem; Dell’aglio, 2005). Em contextos contemporâneos, a conjugalidade se organiza a partir da negociação contínua entre autonomia individual e investimento afetivo, exigindo dos parceiros equilíbrio entre independência e intimidade (Aboim, 2006). Assim, o vínculo conjugal pode ser compreendido como um espaço de reatualização das experiências precoces e de construção relacional compartilhada, no qual padrões de aproximação e distanciamento tendem a se complementar ou a se intensificar mutuamente (Semensato; Bosa, 2013; Scheeren *et al.*, 2015).

Becker e Crepaldi (2019) firmam em seus estudos que o estilo de apego construído na infância influencia diretamente a qualidade do relacionamento conjugal e que a satisfação conjugal está associada ao tipo de apego estabelecido com os primeiros cuidadores. As autoras apontam características que tendem a serem replicadas na conjugalidade pelos indivíduos a partir do seu estilo de apego. Pessoas com apego seguro tendem a apresentar maior confiança no parceiro, melhor comunicação, maior capacidade de resolução de conflitos. Enquanto o apego inseguro evitativo apresenta desconforto com proximidade emocional, tendência ao distanciamento afetivo, dificuldades de comunicação e menor confiança no parceiro e maior risco de conflito conjugal e violência relacional. Já as pessoas que apresentam apego inseguro ansioso tendem ao medo de abandono, insegurança quanto à disponibilidade do parceiro, reatividade emocional ou evitação de conflitos por medo de perda e associação com ciúme, infidelidade e baixa qualidade conjugal.

Cortado Calligaris *et al* (2010), em seus estudos sobre a conjugalidade, infere sobre a repetição dos vínculos primários. Este autor destaca que a escolha do parceiro romântico não é aleatória, mas atravessada pelas experiências emocionais precoces, histórias infantis e relações com figuras parentais. Esse parceiro tende a ocupar um lugar psíquico já conhecido, reeditando as formas de amar, as formas de depender e as formas de sofrer no vínculo.

Patrícia Scheeren *et al* (2015) afirmam que o parceiro amoroso passa a exercer a função de figura de apego principal. As autoras apontam que a conjugalidade é compreendida como um contexto privilegiado de busca de segurança emocional, regulação afetiva e proteção frente a situações de estresse e ameaça. Estas situações de ameaça, ou seja, de conflito conjugal ativam diretamente o sistema de apego, revelando padrões emocionais e comportamentais consolidados.

A partir da análise dos dados obtidos nas entrevistas, bem como dos referenciais teóricos apresentados, foi possível compreender que os estilos de apego construídos nas relações precoces com as figuras parentais se manifestam de forma significativa na organização da vida conjugal dos participantes, influenciando as expectativas em relação ao parceiro, as estratégias de regulação emocional, os modos de lidar com a intimidade e as respostas diante de situações de conflito ou ameaça ao vínculo.

Observou-se que a combinação entre diferentes padrões de apego no interior do casal tende a configurar dinâmicas relacionais específicas, frequentemente marcadas por movimentos complementares de aproximação e distanciamento, que podem favorecer tanto a manutenção

quanto a tensão no relacionamento. Tais resultados reforçam a compreensão de que a conjugalidade constitui um espaço privilegiado de reatualização dos modelos internos de funcionamento, nos quais experiências afetivas do passado são mobilizadas e reorganizadas na relação atual. Ao mesmo tempo, os dados evidenciam que o vínculo conjugal não se restringe à repetição de padrões, mas configura-se como um sistema relacional dinâmico, no qual a interação entre os parceiros pode contribuir para a manutenção, a intensificação ou a transformação das estratégias de apego ao longo do ciclo vital.

Ademais, os achados desta pesquisa confirmam a relevância da Teoria do Apego como referencial explicativo para a compreensão da construção e da manutenção da conjugalidade, ao mesmo tempo em que ressaltam a importância de uma leitura sistêmica e contextual das relações, considerando a singularidade das trajetórias individuais e das configurações conjugais analisadas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar de que maneira os estilos de apego desenvolvidos na infância, a partir das relações estabelecidas com as figuras parentais, repercutem na construção e manutenção da conjugalidade na vida adulta. Fundamentada na Teoria do Apego de John Bowlby e articulada às contribuições da Psicologia do Desenvolvimento, da teoria do vínculo, da abordagem sistêmica e do Ciclo Vital Familiar, a pesquisa buscou compreender como os modelos operativos internos, constituídos nas experiências afetivas precoces, se expressam nas dinâmicas relacionais do casal ao longo do percurso de vida.

Os resultados obtidos a partir das entrevistas com os casais participantes indicam que as experiências de cuidado, responsividade e disponibilidade emocional vivenciadas na família de origem exercem influência significativa sobre a forma como os indivíduos estabelecem intimidade, regulam emoções, expressam afetos e lidam com situações de conflito na vida conjugal. Tais achados corroboram o pressuposto central da Teoria do Apego de que as primeiras experiências relacionais organizam modelos internos de funcionamento que orientam expectativas sobre si, sobre o outro e sobre a qualidade das relações ao longo do ciclo vital.

A articulação com a teoria do vínculo permitiu ampliar a compreensão desses processos ao evidenciar que o apego não se restringe a uma dimensão intrapsíquica, mas se manifesta em padrões de interação que tendem à repetição, ao mesmo tempo em que permanecem abertos à reorganização. As contribuições de Ainsworth, Pichon-Rivière, Guidano e Zimmerman favoreceram a compreensão da conjugalidade como um espaço relacional privilegiado de atualização das experiências primárias, no qual se entrelaçam necessidades de segurança, reconhecimento, pertença e diferenciação do self. Nesse contexto, a relação conjugal mostrou-se marcada por uma dinâmica tensionada entre a busca por proximidade emocional e as exigências de autonomia e individualidade características da contemporaneidade.

De modo geral, observou-se que organizações de apego mais seguras estiveram associadas a maior capacidade de diálogo, confiança mútua, flexibilidade emocional e manejo construtivo dos conflitos. Por outro lado, nos casos em que se identificaram estilos inseguros, ansiosos ou evitativos, emergiram padrões relacionais caracterizados por ambivalência afetiva, dificuldades de comunicação, estratégias defensivas de aproximação ou distanciamento e maior vulnerabilidade diante das transições normativas do ciclo de vida familiar. Esses dados

confirmam a hipótese de que os modelos internos de funcionamento tendem a se expressar de forma relativamente consistente nas dinâmicas conjugais.

À luz da Teoria do Apego, verificou-se que indivíduos com modelos internos mais seguros demonstram maior capacidade de utilizar o parceiro como base segura, favorecendo comportamentos de cooperação, apoio emocional e autonomia. Conforme aponta Bowlby, a confiança na disponibilidade da figura de apego constitui condição essencial para a exploração do ambiente e para o funcionamento adaptativo ao longo da vida, sendo essa segurança um importante recurso de regulação emocional em situações de estresse ou conflito.

Entretanto, uma das críticas frequentemente dirigidas à Teoria do Apego refere-se ao risco de determinismo desenvolvimental. Os resultados deste estudo permitem evidenciar que, embora os estilos de apego apresentem relativa estabilidade, não possuem caráter imutável. As relações significativas estabelecidas na vida adulta, especialmente a conjugal, podem constituir-se como contextos de reorganização emocional, possibilitando revisões nos modelos internos quando caracterizadas por experiências de responsividade, previsibilidade e reciprocidade. Tal compreensão encontra respaldo em abordagens contemporâneas do apego, que enfatizam a plasticidade dos processos relacionais ao longo do ciclo vital.

A análise dos dados também evidenciou que a conjugalidade não se constitui de forma isolada, mas é atravessada por heranças intergeracionais, pelos contextos socioculturais e pelas demandas específicas de cada etapa do ciclo de vida familiar. A articulação entre Teoria do Apego e Ciclo Vital Familiar mostrou-se particularmente relevante para a compreensão da complexidade das relações conjugais contemporâneas, nas quais coexistem expectativas de intimidade, estabilidade, realização pessoal e autonomia, frequentemente em tensão com os modelos internalizados nas experiências precoces.

Do ponto de vista teórico, este estudo reafirma a potência explicativa da Teoria do Apego para a compreensão da conjugalidade, especialmente quando integrada a uma leitura sistêmica e desenvolvimental. A relação conjugal emerge, assim, não apenas como resultado de escolhas conscientes ou compatibilidades objetivas, mas como um espaço de encontro entre histórias afetivas, modelos internalizados, heranças familiares e projetos de vida, no qual se articulam simultaneamente continuidade e possibilidade de transformação.

No âmbito das contribuições práticas, os achados reforçam a relevância da compreensão dos estilos de apego no contexto clínico e psicoeducativo, especialmente em intervenções voltadas a casais e famílias. A identificação dos padrões relacionais associados aos modelos

internos de funcionamento pode favorecer processos terapêuticos orientados à ampliação da responsividade emocional, ao fortalecimento da comunicação e à construção de experiências relacionais reparadoras.

Quanto às limitações, destaca-se o número reduzido de participantes e o delineamento qualitativo, que não permitem generalizações. Contudo, a profundidade das narrativas analisadas possibilitou uma compreensão densa das dinâmicas relacionais investigadas. Para estudos futuros, recomenda-se a ampliação do número de participantes da pesquisa, a realização de pesquisas longitudinais que acompanhem as transformações dos vínculos ao longo do tempo e o desenvolvimento de investigações que avaliem a efetividade de intervenções baseadas na Teoria do Apego no contexto conjugal.

A não incorporação de teorias complementares, como o Ciclo Vital Familiar, na análise dos dados e discussão dos resultados constitui também limitação a esta pesquisa. Embora tais referenciais ofereçam contribuições relevantes para a compreensão ampliada das dinâmicas conjugais ao longo do tempo, optou-se por um recorte teórico-metodológico centrado prioritariamente na Teoria do Apego, a fim de garantir maior profundidade analítica e coerência interpretativa.

A inclusão de múltiplos referenciais teóricos poderia ampliar o alcance explicativo do estudo; contudo, também implicaria o risco de dispersão analítica e sobreposição conceitual, comprometendo a consistência da interpretação dos dados. Nesse sentido, a delimitação adotada buscou privilegiar a densidade e a precisão na análise, em detrimento da abrangência teórica.

Ressalta-se, entretanto, que futuras investigações poderão se beneficiar da articulação entre a Teoria do Apego e modelos como o Ciclo Vital Familiar, possibilitando uma compreensão mais integrada das transformações conjugais em diferentes etapas do desenvolvimento familiar.

Conclui-se, portanto, que os estilos de apego constituem um elemento central na compreensão da conjugalidade, influenciando de maneira significativa a forma como os indivíduos constroem, mantêm e transformam seus vínculos amorosos ao longo do ciclo vital. A compreensão dessas dinâmicas amplia as possibilidades de cuidado, prevenção e intervenção, contribuindo para a promoção de relações conjugais mais conscientes, seguras e satisfatórias na contemporaneidade.

8. REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. In: **Análise Social**, vol. XLI, 2006, p. 801-825 Disponível em: <https://www.scielo.pt/pdf/aso/n180/n180a05.pdf> Acesso em: 02 de setembro de 2025;

ABOIM, Sofia. **Conjugalidade em Mudança**: percursos de dinâmicas da vida a dois. Lisboa: ICS, 2006;

ABOIM, Sofia. Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, junho de 2009. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/250985295_Da_pluralidade_dos_afetos_trajetorias_e_orientacoes_amorosas_nas_conjugalidades_contemporaneas Acesso em: 20 de fevereiro de 2025;

ABREU, Cristiano N. de. **Teoria do Apego**. Fundamentos, Pesquisas e Implicações Clínicas. São Paulo, Casa do Psicólogo: 2013;

AINSWORTH, M.; BELL, S. M.; STAYTION, D. **Individual differences in Strange Situation behavior o fone-year-olds**. In: *The Origins Of Human Social Relations* Ed. H. R. Schaffer. Academic Press: London, 1971;

AINSWORTH, M. Attachments beyond infancy. In: **American Psychologist**, 1980, p. 709-716. Disponível em: <<https://terapia.co.uk/wp-content/uploads/2021/01/Ainsworth-Attachments-Beyond-Infancy.pdf>> Acesso em: 26 de julho de 2025;

AINSWORTH, M.; BLEHAR, M.; WATERS, E.; WALL, S. **PATTERNS OF ATTACHMENT A Psychological Study of the Strange Situation**. Classic edition, New York: Routledge, 2015;

AZEVEDO, Maria I. G. B. S. **VINCULAÇÃO EM CASAIS ADULTOS E SUA RELAÇÃO COM OS RESPECTIVOS ESTILOS DE VINCULAÇÃO PARENTAL**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Escola de Psicologia e Ciência da Vida, Lisboa, 2013;

BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. 3 ed. Tradução: Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995;

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. tradução: Cristina Monteiro; revisão técnica: Antônio Carlos Amador Pereira. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011;

BECKER, Ana Paula S.; CREPALDI, Maria Aparecida. O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: Uma revisão da literatura. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Estudos e pesquisas em psicologia**. vol.19 no.1 Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100014
 Acesso em: 20 de junho de 2023;

BECKER, Ana Paula S.; CREPALDI, Maria Aparecida. Intergeneracionalidade do apego infantil e reflexos na conjugalidade e parentalidade. **Contextos Clínicos**, v. 15, n. 3, 2022. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em:
<https://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/24600> Acesso em: 21 de março de 2024;

BOTTON, A. et al. **Os Papéis Parentais nas Famílias: Analisando Aspectos Transgeracionais e de Gênero**. Pensando famílias, vol.19 no.2, Porto Alegre, dez. 2015. Versão impressa ISSN 1679-494X Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200005
 Acesso em: 05 de setembro de 2023;

BOWLBY, John. **Uma base Segura: Aplicações Clínicas da Teoria do Apego**. Tradução: Marcos Vinícius Martim da Silva; Porto Alegre: Artmed, 2024

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1979;

BOWLBY, John. **APEGO** A Natureza do vínculo. Volume 1 da trilogia APEGO E PERDA. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002;

BOWLBY, John. **PERDA** Tristeza e Depressão. Volume 3 da trilogia APEGO E PERDA. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004a;

BOWLBY, John. **SEPARAÇÃO** Angústia e Raiva. volume 2 da trilogia APEGO E PERDA. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004b;

BRETHERTON, I. **A origem da teoria do apego: John Bowlby e Mary Ainsworth**. In: GROSSMANN, Klaus E.; GROSSMANN, Karin; WATERS, Everett (org.). **Apego da infância à idade adulta: as principais linhas de pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BRETHERTON, I. *Communication patterns, internal working models, and the intergenerational transmission of attachment relationships*. **Infant Mental Health Journal**, v. 11, n. 3, 1990. p. 237-252. Disponível em
https://www.researchgate.net/publication/227908173_Communication_patterns_internal_working_models_and_the_intergenerational_transmission_of_attachment/link/5a6f7188458515015e61606a/download?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn9 Acesso em: 10 de janeiro de 2026

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996;

CALLIGARIS, C. *et al.* **O laço conjugal**. 3ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010;

CANAVARRO; M. C.; DIAS, P.; LIMA, V. A AVALIAÇÃO DA VINCULAÇÃO DO ADULTO: UMA REVISÃO CRÍTICA A PROPÓSITO DA APLICAÇÃO DA ADULT ATTACHMENT SCALE-R (AAS-R) NA POPULAÇÃO PORTUGUESA. *PSICOLOGIA*, Vol. XX, **Edições Colibri**, Lisboa, 2006, p. 155-186. Disponível em: <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/381> Acesso em: 10 de agosto de 2025;

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica; GARCIA-PRETO, Nydia. ***The Expanded Family Life Cycle Individual, Family, Social Perspectives***. 4 ed. Edinburgh Gate: Pearson, 2014;

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. Visitando a família ao longo do ciclo vital. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002;

COUTINHO, C.; CHAVES, J. O estudo de caso na investigação em tecnologia educativa em Portugal. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 15, n. 1, 2002, p. 221-224;

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 2005, p. 3-27. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v57n1/v57n1a03.pdf> Acesso em: 02 de fevereiro de 2025;

DELATORRE, M. Z.; WAGNER, A. A relação conjugal na perspectiva de casais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Brasil, **Ciências Psicológicas**, janeiro - junho 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/349231621_A_relacao_conjugal_na_perspectiva_de_casais> Acesso em: 10 de novembro de 2025

DESSEN M. A.; SILVA NETO, N. A. Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2000, p. 191-192. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/LmzTXxMWfpK454JhCd6Lzzf/?format=html&lang=pt> Acesso em: 12 de agosto de 2025;

DICIONÁRIO MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora **Melhoramentos**, 2025. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=apego>> Acesso em: 07 de abril de 2025;

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI**: abordagem relacional. Tradução de João Carlos Petrini, São Paulo: Paulinas, 2008;

DONATI, Pierpaolo. *Che cosa significa dire che la famiglia è un 'bene relazionale'?* *Revista d'Humanitats*, 2018 p. 38-65;

ERIKSON, Erik H. **O ciclo de vida completo**. Versão ampliada. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1998;

ESTAVES DE VASCONCELLOS, M. J. **Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência**. Campinas, SP: Papyrus, 2003;

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In: **Família e Casal: Efeitos da contemporaneidade**. organização: Terezinha Feres-Carneiro. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005;

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; NETO, Orestes Diniz. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. **Revisão Crítica da Literatura** Vol. 20, No. 46, 2010, p 269-278. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/wXJdmRvwzh4B4LpDwkfSvLQ/?lang=pt> Acesso em: 02 de março de 2024;

FORNASIER, Rafael C. LIBERDADE, RELAÇÃO, PERTENÇA E DOM NA FAMÍLIA: CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA DE PIERPAOLO DONATI E DA FILOSOFIA DE FRANCESCO BOTTURI. In. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo v. 58 n. 2, 2018, p. 508-522. <http://dx.doi.org/10.22351/et.v58i2.3112>

FREUD, S. (1920/2006). Além do Princípio de Prazer. In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente** Vol. 2 Tradução: L. A. Hanns, Rio de Janeiro: Imago, 1915-1920, p. 123-198;

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Coleção Perspectivas do Mundo. Tradução Milton Amado. Nova York, 1958;

GARCIA, M. L. T., & Tassara, E. T. O. Problemas no casamento: uma análise qualitativa. **Estudos de Psicologia**, 2003, p. 127-133. doi:10.1590/S1413-294X2003000100014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/rBTPHkKfCXDCrJtTJY3qcks/?format=html&lang=pt> Acesso em: 05 de agosto de 2025;

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002;

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Adriana de Albuquerque; MELCHIORI, Lígia Ebner. **A Teoria do Apego no Contexto da Produção Científica Contemporânea**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012;

GROSSMANN, Klaus E.; GROSSMANN, Karin; WATERS, Everett (org.). **Apego da infância à idade adulta: as principais linhas de pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GUIDANO, V. F. **THE SELF IN PROCESS: TOWARD A POST-RATIONALIST COGNITIVE THERAPY**. New York: The Guilford Press, 1991;

GUIDANO, V. **El sí mismo en proceso. Hacia una terapia cognitiva post-racionalista**. Barcelona: Paidós, 1994;

HAZAN, Cindy; SHAVER, Phillip. *Romantic love conceptualized as an attachment process*. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 52, n. 3, p. 511–524, 1987. DOI: 10.1037/0022-3514.52.3.511. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/345051434_Romantic_Love_Conceptualized_as_an_Attachment_Process/link/63df6219c465a873a28f8ddf/download?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19> Acesso em: 21 de dezembro de 2025

KREPPNER, K. *Developing in a developing context: Rethinking the family's role for children's development*. In: **Children's development within social context**, Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1992 p. 161-179;

KUBLIKOWISKI, Ida. **TEORIA DO APEGO E RELACIONAMENTOS AMOROSOS: QUESTÕES DE GÊNERO E BEM-ESTAR**. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327182884_Teoria_do_apego_e_relacionamentos_a_morosos_questoes_de_genero_e_bem_estar> Acesso em: 20 de agosto de 2025;

MACANA, E. C.; COMIM, F. O papel das práticas e estilos parentais no desenvolvimento da primeira infância. In: PLUCIENNIK, G. A.; LAZZARI, M. C.; CHICARO, M. F. **Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco**. -- 1. ed. -- São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal - FMCSV, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283503122_O_papel_das_praticas_e_estilos_parentais_no_desenvolvimento_da_primeira_infancia#fullTextFileContent Acesso em: 30 de outubro de 2023;

MAGALHÃES, Andrea S.; FÈRES-CARNEIRO, Terezinha. Conquistando a herança: sobre o papel da transmissão psíquica familiar no processo de subjetivação. In: **Família e casal: efeitos da contemporaneidade** /org.: Terezinha Feres-Carneiro, Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005

MAIN M. *The organized categories of infant, child and adult attachment: Flexible vs. inflexible attention under attachment-related stress*. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, 2000 p. 1055-1127. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/00030651000480041801>> Acesso em: 20 de maio de 2025;

MAIN, M., & SOLOMON, J. Descoberta de um novo Padrão de apego inseguro-desorganizado/desorientado. In: **Desenvolvimento afetivo na infância**. Org. M. Yogman & TB Brazelton, Norwood, NJ: Ablex, 1986, p. 95–124;

MALDONADO, M. T. **Psicologia da Gravidez**. São Paulo: Ideias & Letras, 2017;

- MANFREDINI, A. M. N. **AS RELAÇÕES COM O DINHEIRO: CONSTRUINDO, DESTRUINDO, RE E CO CONSTRUINDO CAMINHOS POSSÍVEIS COM O DINHEIRO NA FAMÍLIA**. Tese de doutorado, Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2019.
Disponível em:
<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/22161/2/Andreza%20Maria%20Neves%20Manfredini.pdf> Acesso em: 18 de setembro de 2025
- MATOS, Paula M.; COSTA, Maria Emília. Vinculação e Processos Desenvolvimentais nos Jovens e Adultos. In: **Cadernos de Consulta Psicológica** 12, 1996, p. 45-54;
- MENDES, Lorena S. T. ROCHA, Neusa. Teoria do Apego: conceitos básicos e implicações para a psicoterapia de orientação analítica. **Revista Brasileira de Psicoterapia** Vol. 18, n. 3, dezembro de 2016;
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MINUCHIN, Salvador. **Família: funcionamento & tratamento**, Tradução: Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982;
- MONTORO, Gilda Franco. **CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DO APEGO À TERAPIA FAMILIAR**. In: TEMAS EM TERAPIA FAMILIAR. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial, 2001;
- MONTORO, G. M. C. Amor conjugal e padrões de relacionamento. In: **Laços amorosos: Terapia de casal e psicodrama**, São Paulo: Editora Ágora. 2004, p. 101-133
- MOSMANN, C., WAGNER, A.; FÈRES-CARNEIRO, T. **Qualidade conjugal: mapeando conceitos**. Paidéia, 2006 p. 315-325. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/paideia/a/JWGT5GmwYYdCfdwxsTFQjdh/abstract/?lang=pt> Acesso em: 02 de fevereiro de 2025;
- NEVES, Sinara Dantas. **O CASAL E AS RELAÇÕES DE PERENTESCO POR AFINIDADE: OS SOGROS**. Tese de Doutorado, Universidade Católica do Salvador, 2015;
- NEVES, Sinara Dantas. **Sogros: dinâmicas relacionais entre casal e o parentesco por afinidade**. Curitiba: CRV, 2020;
- PEREIRA, M. G.; FERREIRA, G; PAREDES, A. C. Apego aos pais, relações românticas, estilo de vida, saúde física e mental em universitários. **Psicologia do Desenvolvimento • Psicologia Reflexão Crítica**. Dez 2013. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/prc/a/KhqvVrG9dtgWHrpfPscr8zC/?format=html&lang=pt>> Acesso em: 05 de janeiro de 2026;
- PETRINI, Giancarlo; DIAS, Marcelo C. **RELAÇÕES CONJUGAIS E FAMILIARES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**. In: **RELAÇÕES FAMILIARES**, Coleção estudos sobre família – Volume II. Curitiba: Editora CRV, 2016;

PICHÓN-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do Vínculo**. 6ª edição, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1998;

PORRECA, Wladimir. Relação conjugal: Desafios e possibilidades do “nós”. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v.35, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/8hqNMbQhrRB7mmcBXG7kRMf/?format=html&lang=pt> Acesso em: 01 de setembro de 2025;

RAMIRES, Vera R. R.; SCHNEIDER, Michele S. Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento *versus* Representação? Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 26 n. 1, 2010, p. 25-33. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/bJfD5DCX8sNR96BMxb7dBVJ/>> Acesso em: 03 de agosto de 2024;

ROLIM, K. I.; WENDLING, M. I. A história de nós dois: Reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade. **Psicologia Clínica**, 2013. p. 165–180;

SCHEEREN, Patrícia et al. O papel preditor dos estilos de apego na resolução do conflito conjugal. In.: **Estudos e Pesquisas em Psicologia** v. 15 n.03, Rio de Janeiro, 2015, p. 835-852;

SEMENSATO, M. R.; BOSA, C. A. **O script do apego compartilhado no casal**. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013. P. 138-151. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229028925010>> Acesso em: 22 de outubro de 2025;

SIMPSON, J. A.; RHOLES, W. S. *Attachment and relationships: Milestones and future directions*. **Journal of Social and Personal Relationships**, v. 27, n. 2, 2010, p. 173-180. Disponível em: <file:///Users/renatafarias/Downloads/Attachment_and_relationships_Milestones_and_future.pdf> Acesso em: 18 de agosto de 2025;

VERGARA, Célia Regina. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; MOSMANN, C.; Verza, F. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2005. 181–186 P. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/CJVRspHg8yj8CBKz7RDWDgy/?lang=pt>> Acesso em: 20 de janeiro de 2026;

WALSH, F. **Processos normativos da família: diversidade e complexidade**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. 03-27 P.;

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 2007.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6 ed. Rio de Janeiro: LTC EDITORA, 1982;

WINNICOTT, D. W. O desenvolvimento da capacidade de envolvimento. In: **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes 2002, p. 111-117;

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015;

ZIMERMAN, D. E. **Os quatro Vínculos**. Amor, ódio, Conhecimento e Reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas. Porto Alegre: Artmed, 2010;

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE PESQUISA**FORMULÁRIO / ROTEIRO DE PERGUNTAS****I - Identificação do entrevistado:**

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: Masculino () Feminino ()

Escolaridade: ensino fundamental () ensino médio ()

ensino superior incompleto () completo ()

Profissão/Ocupação:

Tempo de casado: _____

Episódios de separação/ duração: _____

Possui filhos: Não () Sim () Quantos: _____

Religião: _____

Renda familiar: 1 a 3 salários mínimos ()

4 a 7 salários mínimos ()

8 a 10 salários mínimos ()

Maior que 10 salários mínimos ()

Pais vivos? () Sim () Não

Situação civil dos pais: _____

Irmãos? Quantos? Sexo?

Escolaridade do pai: 1º grau incompleto ()

2º grau incompleto ()

1º grau completo ()

2º grau completo ()

